



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
(PPGE/UNINOVE)**

JOEL SANTOS DE ABREU

**BINÔMIO: *NECROFILIA* E *BIOFILIA*
NAS TEORIAS PEDAGÓGICA, PSICOLÓGICA E PSICANALÍTICA
(Freire, Fromm e Freud)**

**SÃO PAULO
2021**

JOEL SANTOS DE ABREU

**BINÔMIO: *NECROFILIA* E *BIOFILIA*
NAS TEORIAS PEDAGÓGICA, PSICOLÓGICA E PSICANALÍTICA
(Freire, Fromm e Freud)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE), sob a orientação da Prof. Dra. Ana Maria Haddad Baptista

**SÃO PAULO
2021**

Autorizo a reprodução e divulgação parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, apenas para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Abreu, Joel Santos de.

Binômio: necrofilia e biofilia nas teorias pedagógica, psicológica e psicanalítica (Freire, Fromm e Freud). / Joel Santos de Abreu. 2021. 136 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2021.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Haddad Baptista.

1. Necrofilia. 2. Biofilia. 3. Hegemonia. 4. Educação. 5. Psicologia.

I. Baptista, Ana Maria Haddad. II. Título.

CDU 37

ABREU, Joel Santos de. Binômio *necrofilia* e biofilia nas teorias pedagógica, psicológica e psicanalítica (Freire, Fromm e Freud). Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor, no programa de Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, 2021.

BANCA EXAMINADORA

Membros titulares:

Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista – Orientadora (UNINOVE)

Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira – (PUC/SP)

Profa. Dra. Dulcinea da Silva Loureiro – (Universidade Regional do Cariri)

Profa. Dra. Rosiley Teixeira – (UNINOVE)

Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva – (UNINOVE)

Membros Suplentes:

Profa. Dra. Monica Rebecca Ferrari Nunes – (PUC/SP)

Prof. Dra. Márcia do Carmo Filismino Fusaro – (UNINOVE)

“Sou Eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o Senhor, planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro. (Jeremias 29:11).

Dedico este trabalho à Universidade Nove de Julho – UNINOVE, onde, por doze anos, exerci a função de professor. Ao meu diletíssimo mestre doutor José Eustáquio Romão, a quem devo este título, que muito me honra. À minha queridíssima orientadora e amiga Ana Maria Haddad Baptista, que, na minha quase desistência, declarou-me palavras inspiradoras, que encheram o meu espírito de ânimo e entusiasmo: produzi a tese. Vocês são dois “anjos” que abençoaram a minha vida. Gratidão eterna!

“Saúdo todos os que me lerem...”¹ (Alberto Caeiro – heterônimo de Fernando Pessoa²)

¹ Disponível em: <https://www.citador.pt/rimas/versos/saudo-todos-os-que-me-lerem-20080903020149>. Acesso em: 21 nov. 2020.

² Fernando António Nogueira Pessoa, nasceu em Lisboa, aos 13 de junho de 1888. Morreu no dia 30 de novembro de 1935, aos 47 anos, em Lisboa. Foi poeta, ensaísta, publicitário, astrólogo, dramaturgo, empresário, inventor, correspondente comercial, comentarista político, crítico literário e filósofo.

AGRADECIMENTO

Quem acolhe um benefício com gratidão, paga a primeira prestação da sua dívida. (Sêneca).

Quanto ao reconhecimento por um benefício recebido, neste caso específico e contrário à maneira convencional, dispensei expressar a minha gratidão motivada apenas pelos laços de afetos familiares e fraternais. Considero este espaço exclusivo à menção daqueles cujo ofício intelectual muito me favoreceu no desenvolvimento deste gênero textual.

Meus queridos pai, mãe, madrinha, alguns parentes e amigos figuram no capítulo *Apresentação*, onde há o registro de uma seleção de fatos de nossas convivências, que, direta ou indiretamente, tiveram importância na trajetória de meus estudos. Acaso desperte no leitor a curiosidade relativa aos aspectos particulares desses meus dados biográficos, a narrativa, cronologicamente pontuada, revela traços de meu caráter inclinado às ciências humanas, que me conduziu à Literatura, à Educação, à Teologia, à Psicologia e à Psicanálise.

Em cumprimento à justa função deste tópico, a nobreza da gratidão enleva o meu espírito.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, por me conceder a bolsa de estudos, oportunidade de eu cursar o Doutorado. Ao concluí-lo, confere-me o título *stricto sensu*, que enriquece, consideravelmente, o meu currículo acadêmico.

Ao digníssimo diretor do curso, Prof. Dr. José Eustáquio Romão. Sem dúvida, a mais enriquecedora e elevada experiência da minha formação acadêmica. Tive muita sorte e honra de ter sido o seu aluno. Menciono, também, aqui, a Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista, pela certeza de que eu não teria realizado esta tese se ela não fosse tão excelente orientadora, que muito, muito, muito me incentivou.

A todos os colegas mestrandos e doutorandos, pelos trabalhos em grupo, recíprocas ajudas, companheirismo, amizade, momentos humorados, descontraídos, viagem internacional (Barranquilla – Colômbia), os lanches em sala de aula e a saudade de tudo o que aprendemos e experienciamos juntos.

Aos secretários do curso, sempre solícitos a nos atender. Responsáveis pelos necessários serviços burocráticos e informações diversas. Queridos de todos: Alex Jonatan da Silva, Cristiane de Marco Soares, Jennifer Lopes da Silva, Aline Alves Araújo e Juliana Aparecida Cezário.

Ao corpo docente constituído de professores altamente qualificados e competentes no empenho do ofício de ensinar e, acima de tudo, amigos de seus alunos. Sentirei saudades do

agradabilíssimo convívio que tive com esses inesquecíveis mestres: Profa. Dra. Adriana Aparecida de Lima Terçariol, Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista, Prof. Dr. Jason Ferreira Mafra, Prof. Dr. José Eustáquio Romão, Prof. Dr. Manuel Tavares Gomes e Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva.

À equipe de professores doutores que formaram as bancas de qualificação e de defesa da minha tese:

Titulares:

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (UNINOVE)

Examinadora I: Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira (PUC/SP)

Examinadora II: Profa. Dra. Dulcinea da Silva Loureiro (Universidade Regional do Cariri)

Examinadora III: Profa. Dra. Rosiley Teixeira (UNINOVE)

Examinador IV: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva (UNINOVE)

Suplentes:

Suplente I: Profa. Dra. Monica Rebecca Nunes (PUC/SP)

Suplente II: Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (UNINOVE).

Aos meus amados filhos Vitor Lucas Brito de Abreu e Larissa Tenório de Abreu, que, durante treze anos, residiram nos Estados Unidos da América e, por isso, realizaram, com plena dedicação e eficiência, as traduções do resumo deste trabalho para as línguas inglesa e espanhola, respectivamente.

Finalmente, considero muito justa a minha gratidão a todos os autores, cujos pensamentos registrados em suas obras, muito contribuíram para a estrutura de meus discursos. Seus nomes, por serem muitos, encontram-se no conjunto de *Referências* deste trabalho.

O ÚLTIMO DISCURSO (Charles Chaplin)

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar – se possível – judeus, o gentio ... negros ... brancos.

Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. Por que devemos odiar ou desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma do homem ... levantou no mundo as muralhas do ódio ... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela.

A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas duas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A aviação e o rádio aproximaram-se muito mais. A próxima natureza dessas coisas é um apelo eloquente à bondade do homem ... um apelo à fraternidade universal ... à união de todos nós. Neste mesmo instante a minha voz chega a milhões de pessoas pelo mundo afora ... milhões de desesperados, homens, mulheres, criancinhas ... vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir eu digo: “Não desespereis!”

A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia ... da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem os homens, a liberdade nunca perecerá.

Soldados! Não vos entreguem a esses brutais ... que vos desprezam ... que vos escravizam ... que arregimentam as vossas vidas ... que ditam os vossos atos, as vossas ideias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como um gado humano e que vos utilizam como carne para canhão! Não sois máquina!

Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar ... os que não se fazem amar e os inumanos.

Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas é escrito que o Reino de Deus está dentro do homem – não de um só homem ou um grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós, o povo, tendes o poder – o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela ... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto – em nome da democracia – usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo ... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.

É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unamo-nos.

Hannah, estás me ouvindo? Onde te encontres, levanta os olhos! Vês, Hannah? O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a luz! Vamos entrando num mundo novo – um mundo melhor, em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Ergues os olhos, Hannah! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos.

RESUMO

ABREU, Joel Santos de. Binômio *necrofilia* e biofilia nas teorias pedagógica, psicológica e psicanalítica (Freire, Fromm e Freud) 2021. 135 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, 2021.

Esta tese teve como objeto de estudo o binômio: *necrofilia* (no sentido conotativo, na linguagem figurada) e biofilia sob a perspectiva do pensamento pedagógico e humanista de Paulo Freire e do psicólogo Erich Fromm, ampliada, aprofundada e enriquecida com menções de outras categorias da Psicanálise de Sigmund Freud. Por influência das ideias frommianas, o educador brasileiro, também, empregou esses mesmos termos, de significados opostos entre si, para embasar muitos de seus discursos, que constituem, principalmente, o conteúdo de sua obra-prima: *Pedagogia do oprimido*, por se relacionarem ao desafio de estabelecer um processo educativo de filosofia libertadora e de transformação social. Isto porque, há muito tempo, vem sendo implantado na sociedade, pela classe economicamente favorecida, hegemônica e opressora, um perverso e sofisticado sistema de políticas e culturas de controle e desumanização da massa considerada inferior. O propósito inescrupuloso é tolher a natural propensão de cada sujeito ser mais, para torná-lo “coisa”, objeto, e, assim, ter comportamentos semelhantes aos de animais irracionais serviais plenamente submissos em cumprimento de ordens e caprichos de seus donos. Pior ainda, estar totalmente passível, similar a um cadáver submetido à relação necrófila para que se efetuem, independente de consentimento, os prazeres desses portadores de distúrbios psíquicos, cuja obsessão é sujeitar tudo aquilo que possa realizar suas vontades. A história do Brasil, desde a sua colonização, apresenta vastos relatos de europeus subjugando os nativos e escravizando outras raças. O surgimento da lógica da teoria darwiniana corroborava seus preconceitos. Os problemas oriundos de dominação e de opressão são motivados pelo egoísmo sádico de um grupo de gente abastada e de insaciável ganância, cujas pretensões é aumentar, mais e mais, seus poderes com apropriações de tudo e controle de todos, abrangendo as dimensões da existência, tais quais política, economia, educação, cultura, religião etc. Oposta a esse cruel sistema imposto pela minoria de elevada e poderosa condição aquisitiva, há a maioria dos seres humanos, que ama a vida; aspira pela convivência solidária, fraternal; almeja um mundo melhor, governado pelos princípios da justiça e da democracia.

Palavras-chave: *Necrofilia*. Biofilia. Hegemonia. Educação. Psicologia. Conscientização.

ABSTRACT

ABREU, Joel Santos de. Binomial *necrophilia* and biophilia in pedagogical, psychological and psychoanalytic theories (Freire, Fromm and Freud). 2021. 135 f. Thesis (Doctorate) - Graduate Program in Education (PPGE), Nove de Julho University (UNINOVE), São Paulo, 2021.

This thesis had as its object of study the binomial: *necrophilia* (in the connotative sense, in figurative language) and biophilia from the perspective of Paulo Freire's pedagogical and humanist thinking and the psychologist Erich Fromm, expanded, deepened and enriched with mentions from other categories of Sigmund Freud's Psychoanalysis. Due to the influence of Frommian ideas, the Brazilian educator also used these same terms, with opposite meanings among themselves, to support many of his speeches, which are, mainly, the content of his masterpiece: *Pedagogy of the oppressed*, for relating to the challenge of establishing an educational process of liberating philosophy and social transformation. This is because, for a long time, a perverse and sophisticated system of policies and cultures of control and dehumanization of the mass considered inferior has been implanted in society, by the economically favored, hegemonic and oppressive class. The unscrupulous purpose is to hinder the natural propensity of each subject to be more, to make him a “thing”, an object, and, thus, to behave similarly to irrational servant animals fully submissive in complying with their owners' orders and whims. Worse still, being totally liable to be similar to a corpse subjected to a necrophilic relationship so that the pleasures of these people with psychic disorders are carried out, regardless of consent, whose obsession is to subject everything that may fulfill their desires. The history of Brazil, since its colonization, presents vast reports of Europeans subjugating the natives and enslaving other races. The emergence of the logic of Darwinian theory corroborated his prejudices. The problems arising from domination and oppression are motivated by the sadistic selfishness of a group of wealthy and insatiable greed, whose pretensions are to increase, more and more, their powers with appropriations of everything and control of all, covering the dimensions of existence, such as politics, economics, education, culture, religion etc. Opposed to this cruel system imposed by the minority of high and powerful acquisitive condition, there are the majority of human beings, who love life; aspires for solidarity, fraternal coexistence; aims for a better world, governed by the principles of justice and democracy.

Keywords: *Necrophilia*. Biophilia. Hegemony. Education. Psychology. Awareness.

RESUMEN

ABREU, Joel Santos de. Necrofilia binomial y biofilia en las teorías pedagógicas, psicológicas y psicoanalíticas (Freire, Fromm y Freud). 2021. 135 f. Tesis (Doctorado) - Programa de Posgrado en Educación (PPGE), Universidad Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, 2021.

Esta tesis tuvo como objeto de estudio el binomio: necrofilia (en sentido connotativo, en lenguaje figurativo) y biofilia bajo la perspectiva del pensamiento pedagógico y humanista de Paulo Freire y el psicólogo Erich Fromm, ampliado, profundizado y enriquecido con menciones de otras categorías del El psicoanálisis de Sigmund Freud. Debido a la influencia de las ideas de Fromm, el educador brasileño también utilizó estos mismos términos, con significados opuestos entre sí, para apoyar muchos de sus discursos, que son, principalmente, el contenido de su obra maestra: Pedagogía de los oprimidos, para relacionar al desafío de establecer un proceso educativo de filosofía liberadora y transformación social. Esto se debe a que, durante mucho tiempo, se ha implantado en la sociedad un perverso y sofisticado sistema de políticas y culturas de control y deshumanización de la masa considerada inferior, por parte de la clase económicamente favorecida, hegemónica y opresiva. El inescrupuloso propósito es entorpecer la natural propensión de cada sujeto a ser más, a convertirlo en una “cosa”, en un objeto y, así, comportarse de manera similar a los sirvientes irracionales y sumisos en el cumplimiento de las órdenes y caprichos de sus dueños. Peor aún, ser totalmente susceptible de asemejarse a un cadáver sometido a una relación necrofílica para que los placeres de estas personas con trastornos psíquicos se realicen, independientemente del consentimiento, cuya obsesión es someter todo lo que pueda cumplir sus deseos. La historia de Brasil, desde su colonización, presenta vastos informes de europeos que subyugaron a los nativos y esclavizaron a otras razas. El surgimiento de la lógica de la teoría darwiniana corroboró sus prejuicios. Los problemas derivados de la dominación y la opresión están motivados por el egoísmo sádico de un grupo de avaricia adinerada e insaciable, cuyas pretensiones son aumentar, cada vez más, sus poderes con apropiaciones de todo y control de todos, abarcando las dimensiones de la existencia, como política, economía, educación, cultura, religión, etc. Frente a este sistema cruel impuesto por la minoría de alta y poderosa condición adquisitiva, está la mayoría de los seres humanos, que aman la vida; aspira a la convivencia solidaria, fraterna; aspira a un mundo mejor, regido por los principios de justicia y democracia.

Palabras clave: Necrofilia. Biofilia. Hegemonía. Educación. Psicología. Conciencia.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – <i>Autorretrato</i> , do pintor Norman Rockwell.....	15
Imagem 2 – <i>Namoradinhos ou pôr do sol</i> , do pintor Norman Rockwell	20
Imagem 3 – Capa do livro <i>Os Poetas da Escola</i> , organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu ...	27
Imagem 4 – Capa do livro <i>Expressões Adolescentes</i> , organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu ...	28
Imagem 5 – Capa do livro <i>Inspirações de Estudantes</i> , organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu .	29
Imagem 6 – Foto da capa do 4º Caderno, do Jornal Folha de São Paulo	29
Imagem 7 – Capa do livro <i>Sementes Literárias</i> , organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu...	30
Imagem 8 – Capa do livro <i>Poemas e Aforismas</i> , organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu...	33
Imagem 9 – Foto tirada em Bengala – Índia, em 1903.....	38
Imagem 10 – Foto: <i>necrofilia</i> comum extraída de um <i>site</i>	82

LISTA DE SIGLAS

CCP	Campanha Nacional de Alfabetização e fundou a Comissão de Cultura Popular
CEFAM	Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
FAHUPE	Faculdade de Humanidades Pedro II
HTPC	Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo
IAE	Instituto Adventista de Ensino
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
ODEC	Organização Diocesana de Evangelização e Cultura
OSEC	Organização Santamarense de Educação e Cultura
SALT	Seminário Latino-Americano de Teologia
SENAC	O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC	Serviço Social do Comércio
TELERJ	Telecomunicações do Rio de Janeiro S.A.
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UNISA	Universidade de Santo Amaro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 A minha linguagem apropriadamente dita	14
2 Filiação, ano e o local em que nasci.....	16
3 A “adoção”, a reprovação, a rebeldia e a minha devolução aos meus pais	18
4 O primeiro poema, meu envolvimento com a literatura e o curso de Letras.....	20
5 Meu retorno à família biológica, pobreza, doença, camelô e a escola	21
6 Meu primeiro trabalho oficial e a melhora da situação familiar	22
7 Curso de Letras, conversão, pedido de demissão e ida para São Paulo	25
8 O curso de Pedagogia e a minha admissão na UNINOVE.....	31
INTRODUÇÃO	34
1 O objetivo da tese.....	36
2 Questões de partida	42
3 Referencial teórico.....	43
4 Metodologia.....	48
5 Justificativa	48
CAPÍTULO I – PERSPECTIVAS SOBRE O TEMA DA TESE	53
1.1 Culturas	56
1.2 Perspectivas educacionais	59
1.3 Perspectivas psicológicas.....	60
1.4 Perspectivas psicanalíticas	61
1.5 Perspectivas sobre o Materialismo Dialético.....	63
1.6 Perspectivas sobre dados biográficos dos autores principais desta tese.....	64
1.6.1 Paulo Freire.....	65
1.6.2 Erich Fromm.....	67
1.6.3 Sigmund Freud	73
1.6.4 Karl Marx.....	75
CAPÍTULO II – <i>NECROFILIA</i> NO CONTEXTO PEDAGÓGICO, PSICOLÓGICO E PSICANALÍTICO	77
2.1 <i>Necrofilia</i> , a palavra, a produção textual e o “diálogo” entre autores.....	80
2.2 Definição denotativa e conotativa do termo <i>necrofilia</i>	81
2.3 Autoritarismo <i>versus</i> liberdade: sadismo	83

2.4 Recursos tecnológicos no poder de quem domina	89
2.5 Mentes vazias de consciências libertárias são cheias de ideologias alienantes.....	94
2.6 O novo caráter da hegemonia em tempos da indústria cultural	96
CAPÍTULO III – BIOFILIA NO CONTEXTO PEDAGÓGICO, PSICOLÓGICO E PSICANALÍTICO	98
3.1 Biofilia específica à existência da espécie humana	99
3.2 O indivíduo, sua complexidade e categorias biofílicas	100
3.3 Afetividade positiva, alegria, alteridade, amorosidade, autenticidade e autonomia...	102
3.4 Benevolência, bom senso, cidadania, confiança e conscientização.....	106
3.5 Decência, democracia, diferença, dignidade e direitos humanos	108
3.6 Emancipação, esperança, ética, felicidade, humanização e humildade.....	109
3.7 Justiça social, liberdade, paciência, poesia e respeito	112
3.8 Ser mais, solidariedade e tolerância.....	114
3.9 Unidade na diversidade, utopia inédito-viável e vocação ontológica.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS.....	132

APRESENTAÇÃO

Há um livro em cada um de nós.³
(Clarice Lispector)

1 A minha linguagem apropriadamente dita

Antes de tudo, não quero me colocar como alguém que domina as Gramáticas Descritiva e Normativa, pois sei que o meu conhecimento relativo aos conteúdos de tais disciplinas não é suficiente para tanto, embora eu tenha formação em Letras (Português/Literatura). Vale declarar que resolvi obter esse título por motivo de meu intenso interesse e envolvimento com a arte, que se produz com o sentido das palavras. Em outras palavras, quero dizer que a narrativa destes dados autobiográficos consiste em um gênero literário que me permite expressões bem mais “descontraídas”, se comparadas às mais formais, que tive o cuidado de empregar em capítulos posteriores, por se tratar do registro acadêmico e oficial das ideias defendidas nesta tese de doutorado.

Na função de narrador de casos em que, na maior parte dos acontecimentos, sou eu mesmo o protagonista, há um fator imprescindível no relato: a congruência entre a escrita e o verídico. Entendo-a como uma característica essencial na explanação de alguns episódios que considero importantes, pois foram marcantes e relevantes em minha existência. Com isso, garanto o meu compromisso em apresentar informações genuínas, autênticas e fidedignas. São realizações e experiências de vida, cujos registros, por certo, são muito apropriados neste espaço. Estou certo de que a franqueza e a espontaneidade favorecem à originalidade da exposição de alguns fatos, que constituem a história singularíssima do meu mundo privado.

A língua, abundante matéria-prima dos literatos, oferece amplas condições de produção de textos, além de configurar a marca do estilo peculiar de cada escritor. Uma composição escrita somente é lograda, para a satisfação de seu criador, quando é lida com interesse e aprovação de alguém. Ciente disso, Vladimir Nabokov⁴ descreveu o seguinte: “Eu preciso de você, leitor, para nos imaginar, porque realmente não existimos se você não o fizer.”⁵ Nessa espécie de inter-relacionamento, há convivência, entendimento e cumplicidade. Há uma

³ Disponível em: <https://frases.art.br/clarice-lispector/ha-um-livro-em-cada-um-de-nos.htm>. Acesso em: 21 nov. 2020.

⁴ Vladimir Vladimirovich Nabokov nasceu em São Petersburgo – Rússia, no dia 22 de abril de 1899. Morreu aos 78 anos, em Montreux – Suíça, em 2 de julho de 1977. Poeta, romancista, entomologista e tradutor.

⁵ Pensador > Leitor. Disponível em: <https://www.pensador.com/leitor/2/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

multiplicidade de vozes que se interagem nas relações dialógicas. Exposições de ideias compartilhadas favorecem a ampliação de conhecimentos sobre o ser humano e o mundo.

As duas citações, somadas à imagem pictórica a seguir, definem, satisfatoriamente, o tema deste subtítulo: “Em minha vida, as visões artísticas têm desmedidas influências” (Albert Einstein) e “Uma imagem vale mais que mil palavras”, de autoria atribuída ao filósofo chinês Confúcio. A primeira enaltece o mais sublime gênero de cultura que a genialidade humana é capaz de inspirar e produzir, pois, também, enleva, incomensuravelmente, a minha alma. A segunda está, intrinsecamente, aliada à anterior. Antes mesmo de redigir as linhas iniciais deste memorial, exposição de acontecimentos históricos da minha própria vida, senti-me diante do espelho do meu passado e, imediatamente, manifestou-me uma insistente vontade de reproduzir a belíssima figura, intitulada *Autorretrato*, do pintor Norman Rockwell⁶. A obviedade da mensagem dispensa explicações. Ei-la:

Imagem 1 – *Autorretrato*, do pintor Norman Rockwell



Fonte: <https://www.pinturasdoauwe.com.br/2015/08/pintura-de-norman-rockwell-pinturas-com.html>. Acesso em: 21 nov. 2020.

Sempre acho que, pelo menos, um pouquinho de arte, em tudo, é indispensável. Ao ler o livro *Literatura Participação & Prazer*, de Graça Paulino, encontrei uma definição muito

⁶ Nasceu em Nova Iorque, em 3 de fevereiro de 1894. Morreu em Massachusetts, no dia 8 de novembro de 1978. Artista dotado de fina sensibilidade com as tintas, o pincel e a tela.

bem elaborada a respeito do papel afetivo da arte e a função prática da ciência, na sociedade. Neste contexto, considero muito conveniente transcrevê-la:

A arte existe em todas as épocas e sociedades, pois o homem tem sempre buscado a criação que dá prazer de ver, ouvir ou tocar. A arte se liga mais ao aspecto emocional de nossas experiências, enquanto a ciência tende ao intelectual. A arte admite a sugestão, a ambiguidade, enquanto a ciência busca a exatidão e a resolução de problemas. A arte resulta da busca que dá prazer de ver, ouvir ou tocar, e procura atingir o indivíduo através destas sensações, lidando com suas vivências emocionais. A arte dissemina a beleza, torna o mundo mais sensível, espiritualmente mais elevado.

Concluídos alguns esclarecimentos, que julguei necessários, sobre a maneira como resolvi realizar esta apresentação, basta apenas mencionar que todas as informações, publicadas neste espaço, estão relacionadas, direta ou indiretamente, aos eventos que influenciaram a trajetória da minha formação acadêmica.

2 Filiação, ano e o local em que nasci

Infelizmente, meus pais já são falecidos. Sou filho de José Tenório de Abreu, natural do Estado de Alagoas e de Rizelda Santos de Abreu, proveniente do Estado de Pernambuco. Eles, como tantos outros migrantes nordestinos, vieram para o Sudeste do país em busca de melhores condições de existência. Ambos se conheceram no Rio de Janeiro e lá contraíram matrimônio, na década de 50. Por falta de recursos financeiros, quando em idade escolar, não puderam estudar em instituições legalizadas de ensino. Naquela época, o índice de analfabetismo era muitíssimo elevado, ainda mais nas regiões precárias em que viviam. Todavia, aprenderam a ler e a calcular as quatro operações básicas de matemática, graças às professoras voluntárias, que, por amor ao ofício de ensinar, prestavam verdadeiro serviço humanitário. Por falta de instruções, não aspiraram pela formação acadêmica pois, desde pequenos, achavam que isso era apenas para gente de posses. Por falta de qualificação profissional, ele ocupou insalubres e subalternos cargos em uma metalúrgica, onde adquiriu tuberculose, obrigando-o a se afastar do emprego. O agravamento da enfermidade resultou em sua precoce aposentadoria, por invalidez, ganhando mísera quantia do INSS. Ela, doméstica, ajudava no orçamento familiar, lavando, no tanque, e passando a ferro de carvão, pilhas de roupas para ganhar muito pouco de seus clientes, que tiravam vantagens da sua mão de obra barata. Pobreza e doença residiam no cubículo em que moravam. Interessante mencionar que seu único diploma era o de mãe, confeccionado, de modo artesanal, pela minha professora primária Shirley dos Santos. Lembro-me que eu, ainda muito menino, tive enorme satisfação de entregá-lo e de perceber sua emoção ao recebê-lo. O modesto canudo ocupou um lugar especial em seus humildes guardados.

O conteúdo do parágrafo anterior oportuniza o momento ideal para uma informação indispensável no contexto e inolvidável para mim. Para isso, faz-se necessário um avanço no tempo cronológico da narrativa. Éramos quatro filhos. Por ordem etária: a primogênita Solange, eu, Lourdes e o caçula Paulo. Estudávamos em escolas públicas. Os mais velhos no Segundo Grau e os mais novos no Primário e no Ginásial. Nas raríssimas vezes que conversávamos sobre o Terceiro Grau, meus pais nos diziam, com toda humildade que lhes moldara o caráter, que faculdade é coisa de pessoas bem de vida. Estávamos convencidos de que eles tinham plena razão. Afinal, as circunstâncias em que permanecíamos não nos descortinava um horizonte que pudessemos transcender do mundo escasso. Atribuo àquele período de dificuldades materiais, de efeito psicológico negativo, o atraso da minha decisão de realizar um curso superior; no entanto, com o passar dos anos, tudo foi mudando, radicalmente, para melhor. A sequência dos acontecimentos é muito interessante, mais adiante, relatada com detalhes.

No ano em que nasci, o meu pai teve seus pulmões infectados pela bactéria denominada bacilo de Koch, causadora de uma moléstia, na época, muito temida, por levar a óbito um grande número de suas vítimas. Ele não buscou tratamentos médicos para o grave mal que o acometeu, cujo agravamento, tempos depois, cobrou-lhe elevado preço da internação, diversas cirurgias e sofrimentos. Antes, optou por uma fuga negligente. Resolveu migrar, com a família, para a Bahia. Naquela ocasião, minha mãe se encontrava com, aproximadamente, sete meses de gravidez de seu segundo filho e a primogênita tinha poucos anos de nascida. Os três, as malas e a tuberculose partiram para Alagoinhas, município a pouco mais de cem quilômetros de Salvador, onde residia o meu avô materno Luís Sobreira de Lima, conhecido comerciante de carne bovina, que abastecia os açougues daquela cidade. Lá, eu nasci no dia 5 de outubro de 1958. Em meus primeiros dias de vida, recebi o mesmo prenome de Ruy Barbosa, em homenagem ao ilustre diplomata baiano.

Foi curto o tempo em que meus pais estiveram naquela região. As informações que tive a respeito não me foram claras, mas acredito que por motivos de desavenças entre meu pai e seu sogro. Eram homens de temperamento muito forte. Em decorrência disso, imagino que as expectativas não lograram êxito e a família ampliada não teve outra alternativa a não ser retornar para a terra dos cariocas, na mesma semana de meu nascimento. Em razão desse fato, deduz-se caráter de urgência. Minha mãe, de resguardo, voltou, com o seu rebento, de avião, passagem paga pelo meu avô. Seu esposo e a pequena Solange Santos de Abreu, de *pau de arara*⁷.

⁷ Meio de transporte coletivo irregular (caminhões adaptados) no qual muitos retirantes nordestinos migravam para o Sudeste do país.

No dia 15 de outubro, dez dias após o meu nascimento, fui registrado em cartório na cidade do Rio de Janeiro, não com o prenome que havia recebido em minha terra natal, mas como Joel. Importa mencionar o motivo da mudança. Meu pai era torcedor fanático do Clube de Regatas do Flamengo. Um dos jogadores desse time carioca rubro-negro foi escalado para integrar a Seleção Brasileira de Futebol, que naquele ano 1958, conquistou, pela primeira vez, o título de campeã mundial. Em homenagem a esse craque, da equipe rubro-negra, fui batizado como seu xará.

Quanto às datas real e oficial de meu nascimento, há duas curiosas coincidências muito interessantes. Ambas foram escolhidas para comemorar, anualmente, a profissão que exerci por mais de trinta anos. No ano de 1994, a data 5 de outubro foi estabelecida pela Unesco como o Dia Mundial do Professor. Por falta de maior divulgação, tanto na mídia internacional quanto em instituições de ensino de todo o planeta, muitos estudantes e pessoas em geral, inclusive os que exercem esse nobre ofício, não estão informados a respeito dessa merecida homenagem. No Brasil, o Dia dos Professores é comemorado em 15 de outubro⁸. Neste caso, com certeza, a maioria de nós tem conhecimento, pois ainda é bem lembrado e até festejado. Apesar disso, é verídica a afirmação de que são poucos que sabem quais foram os motivos e a escolha do dia da celebração. Na nota de rodapé está a explicação.

3 A “adoção”, a reprovação, a rebeldia e a minha devolução aos meus pais

Eu contava com apenas a idade exata de um ano, um mês e dois dias, quando nasceu a minha irmã Maria de Lourdes de Abreu, em 7 de novembro de 1959. Na época, a doença do meu pai, como era de se esperar, havia se agravado e a precariedade financeira da família, com três crianças pequenas, acentuou-se. Naquela ocasião dramática, entra em cena, para auxiliar, a senhora Alcília Barbosa Nascimento, descendente de africanos, viúva e pensionista de militar⁹ da Marinha, que perdeu sua vida por consequência da Segunda Guerra Mundial. No literal papel de madrinha, a mãe Neném, como era conhecida, sensibilizada com a quase miséria em que nos

⁸ No dia 15 de outubro de 1827, por conta do Decreto Imperial baixado por Dom Pedro I, criou-se no Brasil o Ensino Elementar. Foi ordenado que “[...] todas as cidades, vilas e lugarejos tivessem suas escolas de primeiras letras”. Por não ter sido bem constituído, nem cumprido, o Decreto, infelizmente, não vigorou. 100 anos depois, exatamente, 1927, em São Paulo, no Ginásio Caetano de Campos, localizado na Rua Augusta, nº 1520, por ideia de quatro professores – Salomão Becker, autor da frase “Professor é profissão. Educador é missão”, juntamente com Alfredo Gomes, Antônio Pereira e Claudio Busko –, teve início a efetiva celebração, que, em anos posteriores, ganhou proporção em todo país, até, finalmente e de âmbito nacional, ser oficializada pelo Decreto Federal nº 52.682, em 14 de outubro de 1963.

⁹ A morte de seu esposo foi causada por ataques de submarinos inimigos. Ele estava em um dos navios torpedeados e imergidos na costa brasileira.

encontrávamos, propôs aos meus pais cuidar de mim até que as coisas melhorassem. A decisão foi dada pela dura circunstância e, assim, fui entregue às solitudes de quem tive a grande sorte de ser afilhado. Foram mais de dez anos de convívio com pessoas que muito me amaram. A cada uma delas, exprimo a minha profunda e perene gratidão, registrando, nesta tese, seus nomes completos, tendo como referência o grau de parentesco em relação à matriarca mãe Neném, que há anos, lamentavelmente, faleceu. Os que, infelizmente, também, não mais estão entre nós são indicados com o sinal (*): Alvina Barbosa – Ti’Alvina (irmã*), Antônio Barbosa Nascimento – Dindinho Tônico (filho*), Claudionice Soares Nascimento – Dindinha Nice (nora*), Maria das Graças Fonseca (sobrinha), Jorgina Trindade Fonseca (sobrinha), Luciana Soares Nascimento (neta), Fernando Soares Nascimento (neto).

Até à pré-adolescência, aos treze anos de idade, sob a tutela da minha madrinha, que tinha uma renda mensal muito boa e me propiciava certas regalias, eu tive uma vida de príncipe, se comparada à de minhas irmãs e de meu irmão caçula Paulo Tenório de Abreu, que nasceu anos depois da minha “adoção”. Fui aluno de escolas particulares, mas por ter sido um típico garoto que não gostava de estudar, reprovei a quinta série do meu curso primário. A política educacional daquele tempo era mais rígida e extremamente diferente da dos dias atuais, que se fundamenta em teorias da progressão continuada, sinônimo de aprovação automática. Ficar retido, por notas insuficientes nas avaliações, é uma recordação que permanece nítida em minha memória. Pela primeira vez, senti a indignação causada pela irresponsabilidade. Estudar as mesmas disciplinas no ano seguinte me representou um severo castigo.

Eu estava na fase de moleque de rua praticando todas as traquinagens possíveis. Residia em Nova Iguaçu, baixada fluminense, no Rio de Janeiro. Em casa, comportava-me, cada vez mais, com rebeldia. Respondão e desrespeitoso. Faltava-me a noção de ser grato à mulher que me tratava como um verdadeiro filho. Pois não ouvia os seus conselhos e nem acatava as suas ordens. Influenciado pelas más companhias, era evidente minha inclinação para a delinquência. Minha madrinha, de temperamento calmo, não me disciplinava com a severidade necessária para me impor limites e evitar o perigo de meu envolvimento com a criminalidade. Ela, diante da impotência de controlar a situação, sem alternativa, tomou a única, urgente e improrrogável decisão: devolveu-me aos meus pais. Daí, então, tudo em minha vida mudou. Minha existência passou a experienciar a dureza de conviver com a pobreza, com a presença da doença e com as surras, que puniam meus delitos. Meus pais eram linha dura na educação de seus filhos. Só mais tarde, na maturidade, compreendi que tudo contribuiu para o meu bem. Graças a Deus!

4 O primeiro poema, meu envolvimento com a literatura e o curso de Letras

Por volta dos nove anos, quando ainda usava calças curtas, a flecha do Cupido atingiu, em cheio, o meu coração infante-juvenil. Apaixonei-me pela sobrinha da Dindinha Nice, de idade aproximada à minha. Movido por aquele sentimento inebriante, escrevi o meu primeiro texto literário, que, jocosamente, comparo-o à moedinha nº 1 do Tio Patinhas. Poeminha lírico, de uma estrofe, espécie de acróstico¹⁰ e versos de apenas uma palavra. Em meio à ingenuidade de seu conteúdo, percebe-se meu interesse embrionário pelo efeito mágico da expressão verbal. Vide abaixo, a referida composição ilustrada com a imagem da pintura intitulada *Namoradinhos ou pôr do sol*, de Norman Rockwell. Aproveitando o ensejo, a linguagem não verbal, em relação à mensagem escrita, exerce importante função se muito bem empregada. Elucida, esclarece, enriquece e embeleza o contexto do que se pretende transmitir.

Imagem 2 – *Namoradinhos ou pôr do sol*, do pintor Norman Rockwell



Fonte: Wikiart Enciclopédia de Artes Visuais. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/norman-rockwell/>. Acesso em: 22 out. 2020.

Importante ressaltar que, na composição do texto acima, fiz uso de elementos específicos e típicos da literatura, já mencionados: poema, lírico, estrofe, acróstico e versos. Na época, eu não tinha nenhuma noção sobre isso. Analogicamente, foi como conduzir uma pequena manada sem saber o nome dos bois. Tais termos literários e outros mais, só comecei a ter conhecimento a partir do meu curso Ginásial, em que tive um professor (infelizmente, não lembro o seu nome para mencioná-lo) de Língua Portuguesa, que gostava muito de Gregório de Matos Guerra e baseava o conteúdo de suas aulas em obras de autoria desse poeta baiano,

¹⁰ Composição poética em que letras dos versos ao serem lidas de modo vertical, formam uma palavra. Neste caso, revela o nome da minha amada.

alcançado de “Boca do Inferno”, devido à acidez de suas sátiras. Nas três séries do Segundo Grau, estudei as disciplinas Literatura Portuguesa e Brasileira. Daí, então, tornei-me leitor de autores dessa representação artística, como, também, resolvi ser um deles. Produzi vários poemas, muitos dos quais foram publicados em revistas, jornais e fanzines de alguns estados do Brasil e em Arouca, Portugal. Fui coautor de dez antologias poéticas. A primeira delas organizada por Aparício Fernandes, que me apresentou Eno Teodoro Wanke. Este poeta me deu alguns de seus livros, que me ensinaram a métrica dos versos. Aprendi a fazer redondilhas, trovas, sonetos etc.

Peguei muito gosto pela literatura e o meu envolvimento com essa arte foi muito intenso. Nessa área, filiei-me em diversas academias, viajei para participar de eventos, conheci vários escritores. Nesse convívio, fui descobrindo que a maioria dos meus confrades tinha formação em curso superior. Senti a necessidade de realizar uma formação universitária. Quebrei o bloqueio de que faculdade era só para gente de posses, pois eu já podia, e optei por cursar Letras, vide detalhes no primeiro parágrafo deste memorial. Nunca é tarde para começar. Iniciei-o no ano em que completei o meu 26º aniversário.

Concluindo este subtítulo, que precisou avançar no tempo cronológico da minha história, voltemos aos meus treze anos de idade, quando passei a conviver com minha família biológica. Nessa mudança de cenário, a narrativa toma outro rumo e se intensifica.

5 Meu retorno à família biológica, pobreza, doença, camelô e a escola

Quando retornei à minha família biológica, a pobreza permanecia com um agravante: a minha mãe havia contraído a doença do meu pai, que tanto o fez padecer. Ele se encontrava em fase de lenta recuperação depois de passar por um tratamento intenso, internado em um hospital, e ter se submetido a delicadíssimas cirurgias. A minha irmã primogênita já trabalhava como doméstica em casa de família, sem registro e por um salário irrisório. A necessidade, também, forçou-me a trabalhar. Adeus para sempre à vadiagem e à malandragem de guri. Tornei-me vendedor ambulante clandestino nos trens suburbanos da linha 32: Central do Brasil – Japeri. No calor, com uma caixa de isopor e pedaços de gelo seco para conservar o produto congelado, eu vendia picolé. No frio, balas e biscoitos de polvilho. Esta forma ilegítima de serviço me rendia pouco dinheiro, mas pude dar uma ajuda financeira aos meus pais e pagar o meu curso de datilografia (guardo o diploma como relíquia), qualificação que me abriu as portas para futuros empregos, de carteira assinada.

Evidente que não mais estudei em escolas particulares. Naquela época, para conseguir uma vaga numa instituição pública de ensino, havia processo seletivo. Prestei os exames de admissão ao ginásio, que consistiam em avaliações de conhecimento de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Sociais. Fui aprovado, com médias baixas, mas deu para garantir a vaga. Era início do ano de 1972. Realizei a minha matrícula no Ginásio Estadual de Nilópolis, localizado no município da baixada fluminense, conhecido pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-flor, campeã de muitos carnavais.

Morávamos no Cabral, um dos bairros do segundo distrito de Nilópolis: Olinda. Nossa “casa” de aluguel, ou melhor, cubículo, ficava quilômetros de distância da escola e o percurso eu fazia, todo dia, a pé, por falta de dinheiro da passagem. Naquela época não existia o bilhete único de transporte para estudantes.

A cultura escolar daquela época seguia ideologias muito diferentes das dos tempos atuais. Quando ingressei no Ginásio Estadual de Nilópolis, o diretor era Simão Sessim. Lembrome de sua pessoa circulando pelo pátio, cuidando da disciplina e sempre presente diante das filas distintas de alunas e de alunos, ordenadas por turmas, antes de se dirigirem às suas respectivas salas de aula. Todos deveriam estar devidamente uniformizados de blusa branca, no bolso o emblema do Estado do Rio de Janeiro. Meninos trajados de calça comprida e meninas de saia, ambos da cor azul-marinho, sapatos pretos e meias brancas.

Éramos obrigados a cantar o Hino Nacional Brasileiro com a mão direita ao peito, na altura do coração. Hoje, entendo que aquele sistema educacional atendia ao falso nacionalismo ostentado pelo slogan ufanista: “Ame-o ou deixe-o”. Tudo deveria estar aos conformes dos interesses políticos da ditadura militar.

6 Meu primeiro trabalho oficial e a melhora da situação familiar

Em meu primeiro trabalho oficial, aos quatorze anos de idade, exerci o cargo de auxiliar de escritório, em um estabelecimento comercial localizado na Rua da Alfândega, no centro do Rio de Janeiro. Graças ao curso de datilografia que realizei, fui admitido no dia 1º de setembro de 1973. No percurso triangular de casa para o trabalho, do trabalho para a escola e da escola para casa, a distância representava um sacrifício. A ida e a volta eram realizadas por longas caminhadas e transportes lotados. Acordava cedo e dormia tarde, tal qual a vida de um operário adulto. A jornada de trabalho era de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. O turno da escola era das 19h às 23h. Por quase um ano vivi a rotina que acabo de descrever e, neste momento que escrevo estas palavras, reflito: Eu ainda menino estava sob uma carga, realmente, muito pesada,

que afetava não só a minha constituição física, como, também, a psicológica. Fui vítima de um golpe ardiloso, que resultou em minha demissão. Em um parágrafo posterior, prometo comentar.

Assim como foi lenta, mas certa a recuperação do meu pai, aos poucos a situação da família, também, foi melhorando. Ele recebeu e evidente que aceitou uma ótima proposta de emprego, com salário relativamente bom, incluindo moradia, livre de aluguel, pois a residência era de propriedade do patrão. Tinha dois quartos, sala, cozinha, banheiro, ampla área de serviço, varanda, quintal cimentado e murado. Para nós, uma mansão. Ficava bem próxima ao local de seu trabalho, uma empresa de transporte coletivo, que fazia linha entre os municípios de São João de Meriti e Nilópolis. A função que ele exercia era receber, contar, arrumar, registrar e guardar em um cofre a fêria, isto é, o dinheiro arrecadado, durante o período noturno, até o recolhimento do último ônibus, na madrugada. É como diz o ditado português: “Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe”. Para melhorar ainda mais a situação, a tuberculose da minha mãe não durou para ser curada. Logo no início ela buscou os devidos tratamentos.

Em um parágrafo anterior, relatei que fui demitido do meu primeiro emprego. Aconteceu no dia 16 de agosto de 1974. O motivo, mesmo depois de tanto tempo ocorrido, ainda hoje não gosto de lembrar, porque o trauma emocional me foi intenso. Contudo, acho que vale a pena o relato. Naquele dia, como de costume, fui realizar um depósito em dinheiro em um banco. No trajeto, dois vigaristas me abordaram e foram bem sucedidos no golpe conhecido como conto do vigário¹¹, que resultou um prejuízo financeiro ao estabelecimento comercial em que eu trabalhava. Apesar do infortúnio, entendo, hoje, que nele havia algo de providencial. “Deus escreve certo em linhas tortas”, assim reza o ditado popular. Após a minha homologação de rescisão de contrato, fui admitido no departamento pessoal da mesma empresa em que meu pai trabalhava. Eu ganhava menos que um salário mínimo e a minha carteira profissional não foi assinada. Em compensação, liberei-me da rotina sacrificante de acordar muito cedo, da marmita, das passagens dos transportes coletivos lotados e de dormir tão tarde após retorno da escola.

Aproximadamente um ano depois, em um dia fortuito, o gerente da agência do Banco Bamerindus do Brasil S.A., em que a empresa de ônibus era cliente, esteve no escritório e observou a minha habilidade de datilografar. Acredito que se simpatizou pela minha pessoa,

¹¹ Esta expressão significa um golpe de esperteza. Os vigaristas, geralmente, apresentam-se como se fossem otários, envolvem sua vítima com uma história. O objetivo é fazê-la acreditar. Alcançado este intento, o próximo passo é burlá-la.

iniciou um diálogo e me perguntou se eu gostaria de trabalhar na mesma instituição financeira em que ele era funcionário. Disse-lhe que sim. Logo no dia posterior, entregou-me uma carta de apresentação, assinada por ele. No processo seletivo, fui aprovado em todos os exames e, no dia 27 de agosto de 1975, fui admitido no cargo de contínuo aprendiz, na agência de Vilar dos Teles, distrito de São João de Meriti. Na época, a minha idade era de 16 anos. Sentia orgulho por tornar-me bancário, pois achava que era emprego de gente fina. De certa forma, para mim, era porque a convivência naquele ambiente muito me influenciou positivamente. Foi o ano em que concluí o Ginásial. No seguinte, iniciei o 2º grau no mesmo prédio em que estudei o curso anterior, mas a razão social havia mudado para Colégio Estadual Aydano de Almeida.

Durante quase todo o ano de 1977, aos 18 anos de idade, precisei me licenciar do banco em razão do serviço militar obrigatório. Em 15 de janeiro, incorporei como soldado no 1º Batalhão de Engenharia de Combate – Ministério do Exército – localizado em Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Há exatos dez meses depois, aos 14 de novembro, cumpri a minha missão patriótica, homenageado com certificado de Honra ao Mérito e recebi o documento de reservista de primeira categoria. Na época, o presidente do Brasil era o general Ernesto Geisel. Os três primeiros meses foram de rígida instrução disciplinar mediante ordem unida, aprender a usar armas, tirar plantões de guarda, fazer faxinas etc. Após aquele período, fui o escolhido para ser datilógrafo do capitão da companhia, no setor burocrático denominado sargenteação. Lá, meus superiores gostaram do meu trabalho e, por isso, tive alguns privilégios. Para dar sequência aos meus estudos, matriculei-me em uma escola estadual. Cheguei a frequentar as aulas, mas desisti devido à grande distância do quartel à instituição de ensino.

Após o cumprimento das obrigações militares, retornei ao Banco, promovido ao cargo de auxiliar III, com salário superior ao que recebia antes. Na agência em que eu trabalhava, sumiu uma grande quantidade de dinheiro. Numa reunião com os funcionários, fui declaradamente suspeito de ter praticado o furto, quando o chefe superior me perguntou, diante de todos, se eu havia aprendido a praticar tal crime no Exército. Foi o maior constrangimento que tive em minha vida. No entanto, mais uma vez a providência se fez presente. Graças ao concurso que prestei e fui aprovado, pedi demissão do Banco em 12 de julho de 1978. Cinco dias depois, em 17 de julho de 1978, fui admitido na Telecomunicações do Rio de Janeiro S.A (TELERJ), com o cargo de datilógrafo. Minha remuneração era superior à da instituição anterior, além do direito a um bom vale de refeição e maior estabilidade de emprego. Passei a trabalhar no centro do Rio de Janeiro. Após a conclusão do curso de 2º Grau, aluguei um apartamento bem perto do local do meu trabalho. Evitei o sacrifício do deslocamento entre onde residia e exercia a profissão.

No final de 1979, concluí o 2º grau na mesma instituição de ensino onde o iniciei. Etapa vencida muito importante, pois, no ano seguinte, eu poderia ingressar em um curso superior. Porém, não tive interesse porque o conceito que adquiri no seio da minha família e já informado em parágrafo anterior, permanecia internalizado em mim, mesmo vivendo tempos em que tudo na minha vida havia, radicalmente, mudado. Em outras palavras, não mais vivia em condições precárias. O meu *status* social teve acentuada melhora. Contudo, não fiquei sem estudar. Decidi fazer um curso, que me permitiu uma ótima ascensão profissional. Saiba como, na sequência.

No dia 30 de março de 1982, concluí o curso Técnico em Eletrônica, realizado no Colégio Graham Bell, formação que permitiu o meu registro no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA-RJ). Graças a esta especialização e credenciamento, pude participar do processo interno de seleção. Fui aprovado em todos os exames. No dia 1º de setembro de 1986, fui promovido da função de datilógrafo para exercer o cargo de Técnico de Manutenção de Equipamento e Comutação I, na central telefônica da TELERJ. Prestígio não só na excelente melhora de salário, mas, também, no status profissional.

7 Curso de Letras, conversão, pedido de demissão e ida para São Paulo

Finalmente, no ano em que eu completei o 26º aniversário, em 1984, iniciei o meu primeiro curso superior. A quebra do meu bloqueio de entrar no 3º Grau de instrução acadêmica muito devo ao meio socioeconômico ao qual tive a sorte de me integrar; às influências de professores, psicólogos, advogados, engenheiros etc., isto é, pessoas, de formação universitária, que conheci e se tornaram minhas amigas. A minha opção por Letras determinou o ofício que exerci por mais de trinta anos, embora não tivesse essa pretensão até concluí-lo, aos 29 anos de idade, no fim do segundo semestre do ano de 1987, ocasião em que eu estava, plenamente, determinado a migrar para São Paulo. O motivo da radical mudança partiu da minha conversão à doutrina religiosa da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ocorrida em 1985, ano em que selei a minha fé com o batismo.

Almejei ser ministro da Bíblia Sagrada, “pastor” daquela instituição religiosa, enquanto ainda estudava, na FAHUPE. Ao me formar em Letras, prestei exames seletivos para uma vaga no curso de Teologia. Fui aprovado. Resoluto, pedi demissão da TELERJ, dei baixa na carteira profissional no dia 5 de fevereiro de 1988, prestes a completar dez anos de tempo de serviço. Despedi-me dos meus parentes, algumas lágrimas rolaram, e rumei sozinho para São Paulo, destino à Estrada de Itapeperica da Serra, Capão Redondo, onde se localizava o internato Instituto Adventista de Ensino (IAE).

Tornei-me aluno do Seminário Latino-Americano de Teologia (SALT). No início daquele mesmo ano – para ser exato, no dia 1º de março de 1988 –, iniciei a minha carreira de professor nas instituições educacionais adventistas. Lecionei Língua Portuguesa e Religião nas séries do Ensino Fundamental II e Língua Portuguesa, Literatura e Religião no Ensino Médio. Meu salário não só pagava a mensalidade do segundo curso superior que eu realizava, mas, também, a despesa da minha subsistência cobrada pelo internato, incluindo alojamento, roupa lavada, café da manhã, almoço e janta. Praticamente, não me sobrava dinheiro. Cada dia, de segunda a sexta-feira, era-me inteiramente atarefado. Em turno matutino, estava em sala de aula como estudante. Nos períodos vespertino e noturno, ministrava ensinamentos nas escolas em que fui contratado. A rotina era exaustiva, mas me sentia feliz com tudo o que estava fazendo.

Na metade do ano da conclusão do meu curso de Teologia, ao encerrar o penúltimo semestre letivo, em junho de 1991, a poucos meses para completar trinta e três anos de idade, contraí matrimônio com Lucilene de Sousa Brito, com quem tive dois filhos: Larissa Tenório de Abreu e Vitor Lucas Brito de Abreu. Já naquela ocasião, eu estava convicto de que não tinha perfil para exercer o ministério. Até recebi indicação para cuidar de igrejas em Mato Grosso. Não aceitei, pois estava convencido de que eu tinha mais desenvoltura numa sala de aula do que no solene espaço de um púlpito. Segui a minha determinação. Devo mencionar que o curso teológico não só prepara pastores, mas também professores, considerando que a organização adventista é, também, constituída por uma enorme rede de instituições educacionais, desde as séries iniciais às graduações superiores, incluindo *stricto sensu*. Em sua grade, havia disciplinas direcionadas com específicos propósitos pedagógicos, que tanto contribuíram para o bom desempenho de minhas práticas de ensino.

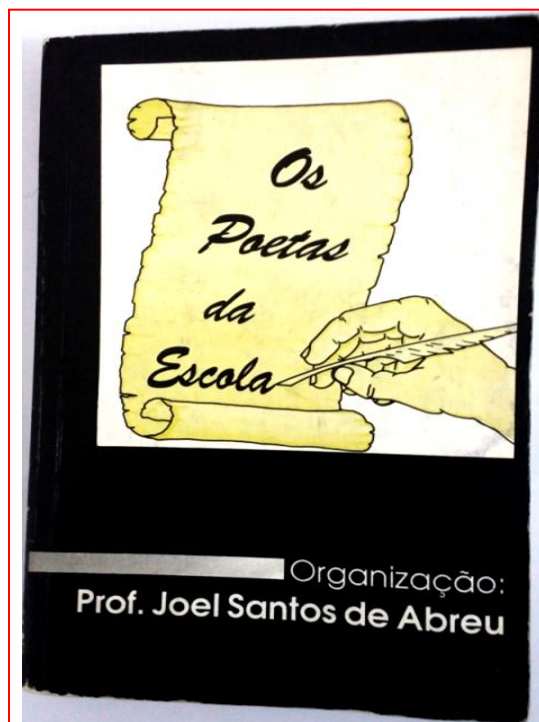
Durante as férias de julho de 1990 e as de janeiro de 1991, fiz o curso de pós-graduação *lato sensu*, Especialização em Língua Portuguesa, na Fundação Educacional Severino Sombra – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Vassouras (RJ). Este curso, anos depois, credenciou-me a lecionar na Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

Em 12 de fevereiro de 1992, fui contratado como professor para lecionar Língua Portuguesa e Literatura, no Ensino Médio do colégio da Organização Santamarense de Educação e Cultura (OSEC), que se tornou Universidade de Santo Amaro (UNISA), como é conhecida atualmente. Aproveitei o meu contrato para concorrer a uma vaga, como aluno, no curso de Psicologia da instituição. Fui muito bem aprovado no processo seletivo – 3º lugar. Como eu era funcionário da instituição, tive o direito à bolsa de estudos. Lá, os gestores me deram plena liberdade para trabalhar. Entenderam e apoiaram a proposta contida no projeto cultural intitulado “*Faça parte desta arte*”, que fundei, justamente, com os meus alunos. O

objetivo era o envolvimento de todo tipo de expressão artística protagonizado pelos estudantes: dança, música, teatro, literatura, artes plásticas etc. O resultado foi muito positivo.

Motivado pelas minhas experiências de coautor em livros, já aqui mencionadas, resolvi, na condição de organizador, produzir um livro com os poemas de autoria de meus alunos. Na OSEC havia uma gráfica e isto favoreceu a realização do meu intento. Em 1993, lançamos a coletânea *Os Poetas da Escola*, 406 páginas. Vide abaixo imagem da capa:

Imagem 3 – Capa do livro *Os Poetas da Escola*, organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu



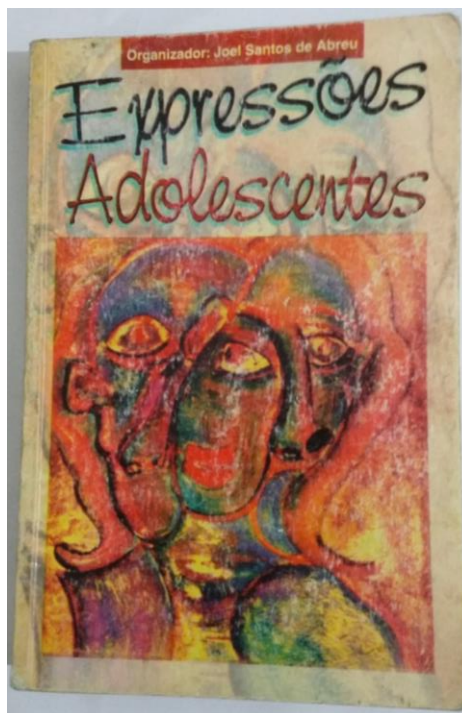
Fonte: arquivo do pesquisador.

Pelos trabalhos que desenvolvi na OSEC, fui um professor benquisto. Porém, coloquei em minha cabeça que não mais queria ser empregado de ninguém. Foi então que resolvi partir para atividade autônoma, de comércio, que não deu certo. Em 1 de julho de 1994, fiz um acordo de rescisão de contrato com a escola. Fui atrás de meus ideais, que não lograram êxito.

Por dois anos e meio fiquei desempregado. Enfrentei situação difícil. No início do ano de 1997, lecionei no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), na Escola Estadual de Segundo Grau "Interlagos". Eu precisava ter um projeto e apresentei o que eu já tinha: "*Faça parte desta arte*". O tempo era outro e o ambiente também. Cheguei a iniciar alguns ensaios semelhantes aos que fiz na OSEC, mas não houve aceitação da equipe de professores. A própria gestão foi muito contrária e resistente. Não tive o apoio esperado. Para eles, o que eu estava querendo realizar era algo muito estranho. Contudo, resolvi

lançar o livro na marra e para isto um vento soprou a meu favor. Em 1º de junho, fui contratado para lecionar uma disciplina relacionada à área da Psicologia. Envolveva gestão e recursos humanos para turmas de Secretariado em uma instituição católica, filantrópica, que oferecia, a vários jovens carentes, diversos cursos técnicos, profissionalizantes, muito conhecida e bem-conceituada: Ação Social Nossa Senhora de Fátima, dirigida pelo Frei Xavier. Lá havia uma gráfica de bom porte, onde foi confeccionado o livro intitulado *Expressões Adolescentes*, 337 páginas. Vide abaixo imagem da capa:

Imagem 4 – Capa do livro *Expressões Adolescentes*, organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu

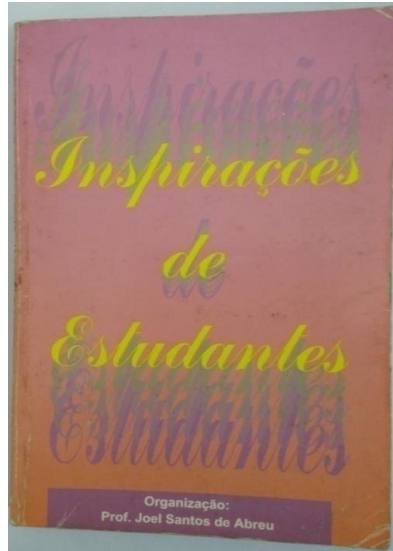


Fonte: arquivo do pesquisador.

A publicação deste livro me rendeu um verdadeiro confronto com a gestão daquela instituição pública, que desde o início se opôs ao meu projeto. Evidente que no fim do ano letivo não fui aprovado pelo conselho para continuar lecionando naquela instituição.

No ano seguinte, 1998, na atribuição de aulas, fui lecionar na Escola Estadual (de Ensino Fundamental e Médio) Prof. Alberto Salotti, localizada no bairro São José, na Zona Sul de São Paulo. Na minha obstinação, resolvi dar prosseguimento ao projeto cultural “*Faça parte dessa arte*”, na intenção apenas de organizar mais um livro. Tive reações semelhantes às do CEFAM, por parte da direção da escola. Não esmoreci, enfrentei e mais uma vez consegui realizar o meu propósito. O livro recebeu o título de *Inspirações de Estudantes*, 285 páginas. Vide a seguir imagem da capa:

Imagem 5 – Capa do livro *Inspirações de Estudantes*, organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu



Fonte: arquivo do pesquisador.

Naquele ano (1998), o projeto cultural “*Faça parte dessa arte*” ganhou reconhecimento e espaço na mídia. Fui convidado a dar uma entrevista no programa Nossa Língua Portuguesa, apresentado pelo professor Pasquale Cipro Neto. O programa foi exibido pela TV Cultura, no dia 21 de julho. Em seguida, a jornalista Marta Avancini, ligou para a minha casa e me pediu autorização para referenciar o trabalho que desenvolvo com os meus alunos e veicular a minha imagem em sua matéria: “*Educadores usam poesia para acelerar alfabetização*”, que foi publicada na tiragem do dia 27 de julho, no 4º Caderno do jornal Folha de São Paulo. Desnecessário afirmar que eu aceitei. As imagens falam mais alto. Estes acontecimentos tiveram uma repercussão muito grande e positiva na região em que trabalhei. Essa lição devemos aprender: Se o que estamos realizando tem um bom propósito, devemos seguir em frente sem nos intimidar com as oposições. É como diz o ditado popular: “Os cães ladram, mas a caravana passa”.

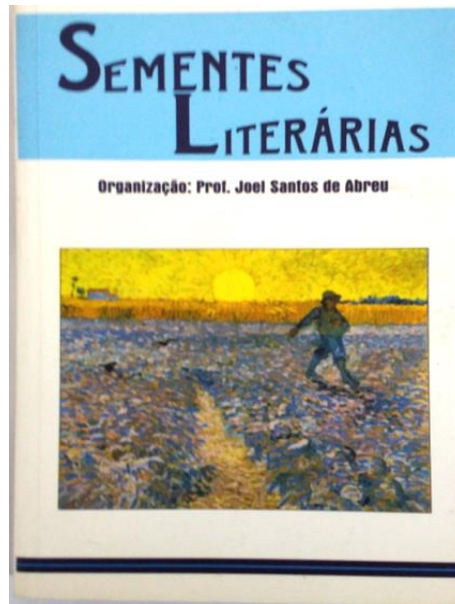
Imagem 6 – Foto da capa do 4º Caderno, do Jornal Folha de São Paulo



Fonte: arquivo do pesquisador.

Em 19 de abril de 1999, fui contratado pela Organização Diocesana de Evangelização e Cultura (ODEC), para lecionar no colégio católico Meninópolis, localizado no bairro do Morumbi. Também, naquela instituição, organizei, no ano 2000, o livro intitulado *Sementes Literárias*, 233 páginas. Vide, a seguir, imagem da capa:

Imagem 7 – Capa do livro *Sementes Literárias*, organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu



Fonte: arquivo do pesquisador.

Naquele mesmo ano, fui convidado a dar uma entrevista no programa *De palavra em palavra*, apresentado por Eduardo Martins, infelizmente já falecido, autor do livro *Manual de Redação e Estilo*, do jornal O Estado de São Paulo, onde trabalhou como editor-chefe e chefe do arquivo. O programa foi exibido pela STV Rede SESC/SENAC de televisão. Atendendo ao seu convite, ele me entrevistou em seu programa de mesmo nome: *De palavra em palavra*, na Rádio Eldorado.

Em 17 de dezembro de 2001, saí do Colégio Meninópolis. Esta tradicional escola, de cinquenta anos de existência, faliu. Fiquei lecionando apenas no Estado.

No mês de março de 2002, passei a exercer a função de coordenador pedagógico da Escola Estadual Irmã Charlita, localizada no Grajaú, Zona Sul de São Paulo. Foi uma experiência inédita. Fiz muitos cursos pedagógicos na Diretoria de Ensino – Sul 3. O que eu aprendia deveria transmitir aos professores em reuniões de horas de trabalho pedagógico coletivo, as famosas HTPCs. Reuniões de pais e mestres. Promover eventos. Resolver problemas de alunos, de pais e de professores. Providenciar socorro a alguém, se necessário. Mas não gostei muito do que eu fazia. Em dezembro, pedi exoneração do cargo.

Em 2003, houve concurso público para professores do Estado de São Paulo. Eu não era efetivado. Eu ia completar quarenta e cinco anos de idade. Não mais tão jovem, precisava de estabilidade no emprego. Fiz a inscrição e prestei as provas. Eram oitenta questões objetivas de conhecimentos gerais. Fui muito bem nesta prova. Acertei 72 questões. Estava certo de que seria aprovado e, merecidamente, contratado. Porém, o valor máximo da nota de redação consistia em vinte pontos. O tema a ser tratado se referia aos olhos de ressaca da personagem Capitu, do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, autor da minha preferência. Conforme o regulamento de correção, se eu acertasse um quarto do valor da nota, isto é, 0,5, a minha aprovação estava garantida. Para a minha grande decepção, obtive apenas dez por cento de aproveitamento, 0,2. Foi amarga a minha reprovação.

No ano seguinte, 2004, os aprovados foram efetivados. Por conta disso, poucas aulas sobraram para serem atribuídas aos professores contratados, como no meu caso. Para não perder o vínculo, tive a sorte de conseguir apenas duas, que me valeram por quarenta. Como diz a expressão popular: “Fecha-se uma porta, abre-se uma janela”. A providência se fez presente mais uma vez. Houve concurso para o preenchimento de vagas de coordenador pedagógico. Independentemente do número de aulas, professores efetivos ou contratados que estivessem interessados poderiam concorrer. Foi o que fiz e consegui o cargo na Escola Estadual Jesus José Attab, localizada no bairro Vila Marcelo, na Zona Sul de São Paulo. Com isso, garanti a integralidade do meu salário. Eu já tinha experiências na área e permaneci na função por mais de dois anos. Iniciei em outubro de 2004 e me exonerei em abril de 2007.

8 O curso de Pedagogia e a minha admissão na UNINOVE

Eu sabia que nem tão cedo abriria novamente o concurso para efetivação de professores. Resolvi, então, fazer o curso de Pedagogia – Licenciatura Plena e Administração Escolar do Ensino Fundamental e Médio, na Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Iniciei o curso no primeiro semestre de 2004 e o concluí no término do segundo semestre de 2005.

Próximo à conclusão do meu curso de Pedagogia, senti vontade de entregar o meu currículo na UNINOVE. Entreguei-o na coordenação do curso juntamente com um exemplar de um dos livros que eu havia realizado com os meus alunos, o mais recente. Recebi o convite desta instituição para lecionar num curso para professores específicos do Estado. A contratação foi de caráter temporário. Certamente a pós-graduação *lato sensu*, que realizei em Vassouras, já mencionada, e a minha experiência como coordenador pedagógico do Estado foram vistas como qualificações que me tornaram apto para atender o que era de interesse da Universidade.

Não tive dúvidas que correspondi bem ao esperado. Fui contratado em caráter temporário, com registro em carteira profissional, durante o seguinte período: de 24 de setembro de 2005 a 17 de dezembro de 2005. Confesso que desejei profundamente permanecer nesta empresa.

No ano de 2007, houve o concurso público para cargo de Diretor de Escola do Estado. Com a minha formação em Pedagogia, pude concorrer. Fui aprovado, mas em condição inversa comparada ao concurso para professores do qual participei anteriormente. A prova era composta, também, por oitenta questões. Eu acertei apenas trinta e nove. Mas uma questão foi anulada e isso favoreceu a minha aprovação, considerando que o acerto de pelo menos a metade das questões não reprovava o candidato. A redação valia vinte pontos, não lembro mais qual era o tema. Tive uma excelente nota: dezesseis pontos. A média não me deixou confortável na qualificação. Muitos candidatos na minha frente. Sinceramente, não acompanhei as contratações e, por isso, não sei se algum dia fui convocado à admissão.

Em 6 de março de 2007, posso afirmar que a minha vida mudou em todos os aspectos, para melhor, principalmente em relação à minha carreira de professor. O que desejei e esperava aconteceu. Fui contratado como efetivo na UNINOVE. De todas as instituições educacionais em que eu trabalhei, esta foi, sem dúvida, a melhor. Lecionei em praticamente todos os cursos: Enfermagem, Biologia, Biomedicina, Nutrição, Fisioterapia, Engenharia, Direito, Informática, Comércio Exterior, Letras, Serviço Social, Pedagogia. Lá me tornei uma pessoa bastante conhecida e fiz muitíssimas excelentes amizades.

Em março de 2010, como bolsista, pela UNINOVE, iniciei o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia Clínica e Educacional na área de Educação, nível de Especialização e o concluí em 15 de setembro daquele mesmo ano.

No segundo semestre do ano de 2011, iniciei o meu curso de Psicanálise, no Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP). No fim do primeiro semestre de 2014, o concluí. Foram três anos de estudos aprofundados nas obras de Sigmund Freud.

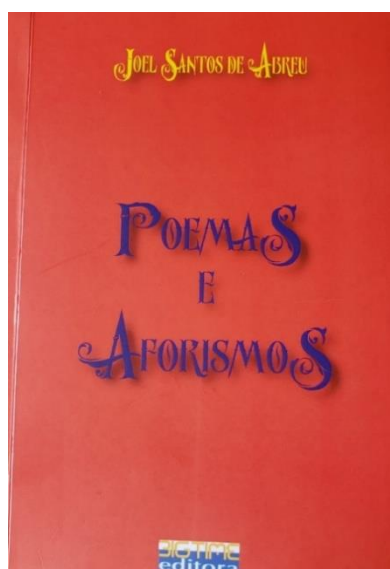
No meu currículo, faltava-me um título de pós-graduação *stricto sensu*. A oportunidade surgiu na própria UNINOVE, no período de 15 de outubro a 14 de novembro de 2014, quando abriu a inscrição para o processo seletivo 2015. Optei, entre tantos outros cursos, pelo Mestrado em Educação, devido às minhas formações e experiências na área. Almejei a vaga e a bolsa de estudos oferecida pela instituição e parti para a concorrência. Na análise documental (primeira fase eliminatória) fui indicado candidato apto ao processo seletivo. Na 2ª fase (eliminatória e classificatória), prova escrita, realizada no dia 25 de novembro de 2014, tive êxito. Fui, também, aprovado na 3ª fase (eliminatória e classificatória), arguição oral. Em 16 de janeiro de 2015, fui selecionado pelo resultado oficial. No período de 19 a 31 de janeiro de 2015, matriculei-me.

Em fevereiro de 2015, iniciei os estudos dos créditos, obtendo nota máxima em todos. Fui aprovado na proficiência. Realizei o módulo internacional no Chile. A minha orientadora foi a professora e doutora Ligia de Carvalho Abões Vercelli. Em 25 de setembro de 2017, após defender a minha dissertação intitulada *A afetividade em Edgar Morin e Sigmund Freud: Um olhar para a educação*, a banca a aprovou e, assim, conquistei o título de mestre.

No ano de 2018, concorri a uma vaga no curso de Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na UNINOVE, e fui aprovado, com bolsa de estudo.

Em dezembro de 2019, lancei o meu livro intitulado *Poemas e Aforismos*, prefaciado pela professora doutora Ana Maria Haddad Baptista. Segue abaixo a imagem da capa:

Imagem 8 – Capa do livro *Poemas e Aforismos*, organizado pelo prof. Joel Santos de Abreu



Fonte: arquivo do pesquisador.

Afinal, após altos esforços para superar inúmeras e imensas dificuldades – tributos de quem se compromete com esta espécie de responsabilidade –, eu soube aproveitar a oportunidade prestigiosa de alcançar um patamar acadêmico, antes nem sequer imaginado ou mesmo sonhado em meu *curriculum vitae*: o título de doutor em Educação, conferido pela banca examinadora, constituída de mestres altamente qualificados, que aprovaram a defesa desta tese, cujas pesquisas, que abrangem o tema, visam contribuir, originalmente, com a ampliação da área do conhecimento científico. Com meu histórico de pessoa oriunda de uma classe social desfavorecida, em um país ainda de pouca expressão em termos de pós-graduação *stricto sensu*, não exagero afirmar que realizei uma proeza ao obter eminente credencial. Tudo isto só foi possível graças à grande sorte da minha vida se encontrar com a do insigne doutor José Eustáquio Romão, diretor do programa deste referido curso. Serei eternamente grato a esse querido mestre e à minha orientadora Ana Maria Haddad Baptista.

INTRODUÇÃO

Não estou cantando só
 Cantamos todos nós
 Mas cada um nasceu
 Com a sua voz,
 Pra dizer, pra falar
 De forma diferente
 O que todo mundo sente.¹²
 (Raul Seixas)

A principal função de um projeto de pesquisa é representar o embrião dos pensamentos relativos a um trabalho acadêmico original, que se pretende realizar. De natureza antecipatória, é de se esperar que as primeiras intenções de um planejamento sejam bastante vulneráveis a alterações durante todo o processo do desenvolvimento da escrita, concernente ao assunto que se tem a finalidade de defender, conforme resultados que melhor correspondem às exigências e aos parâmetros de quem está empenhado na elaboração de uma obra de cunho, sobretudo, científico, em que não faltam novidades e a perene necessidade de aperfeiçoamento, pois a única constância incontestável deste mundo é a permanente inconstância de tudo que existe. O poeta cantador já dizia: “Você não sente nem vê / mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo / que uma nova mudança em breve vai acontecer / e o que há algum tempo era jovem e novo, hoje é antigo / e precisamos todos rejuvenescer”¹³. Regra que nem mesmo o conhecimento é exceção. Nessa linha de pensamento, Paulo Freire (1996, p. 26) filosofou:

[...] o conhecimento novo supera o outro que antes foi novo e se fez velho e se ‘dispõe’ a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto o conhecimento novo e aptos à produção do conhecimento ainda não existente.

Na investida do premeditado, surge o inesperado. À vista disto, convém ressaltar que as ideias originais, formuladas para servirem de fundamentos na formação do conteúdo desta tese de doutorado, são expressões, ainda, no plano da idealização. Portanto, passivas de exequíveis desvios por outras concepções verificadas, inferidas e constatadas de teor mais interessante e aquilatado. Isso é consequência da flexibilidade de formação de novos conceitos em razão da existência e a revelação, não previstas, de fenômenos da realidade estudada por diligentes investigações científicas.

¹² Trecho da letra da música *Ave Maria da Rua*, de Raul Seixas, em parceria com Paulo Coelho e Jay Vaquer. 3ª faixa – lado A, do álbum *Há 10 Mil Anos Atrás*, pela gravadora Phillips Records, Rio de Janeiro, em 1976.

¹³ Trecho da letra da música *Velha calça colorida*, de Belchior. 2ª faixa – lado A, do álbum *Alucinação*, gravado pela Phillips Records, Rio de Janeiro, em 1976.

A produção deste trabalho não consiste na descabida pretensão de trazer à luz o ineditismo de um tema – algo ainda não perscrutado em tempos anteriores. Aliás, não há categoria textual com a prerrogativa de suscitar conhecimentos de autenticidade pura, imaculada, isto é, livre de qualquer tipo de influência, pós-adâmica. No campo das faculdades intelectuais, é nulo o intuito de legitimidade plena na formação de conceitos sobre elementos concretos ou abstratos. Todas as coisas reveladas se ramificaram no caule de outros saberes. O que se comprova é que tudo, de um modo ou de outro, interliga-se, constituindo um enorme e complexo sistema coeso. Essa é a condição em que vive o ser humano, e a sua ciência progride nos limites dessa circunstância. Já dizia o sábio Sigmund Freud (1996, v. VI, p. 205): “[...] como é difícil para o psicanalista descobrir algo novo que antes já não fosse conhecido por algum escritor¹⁴”.

A obra freiriana resultou desse tipo de “diálogo”, relacionado aos conhecimentos, tanto do emissor quanto do receptor, sobre o mundo. São saberes comuns entre ambos e devem ser, reciprocamente, compartilhados, de modo explícito ou por inferência. Não se restringem à literatura (epígrafe, citação, tradução etc.), mas abrangem, também, tipos de linguagens não verbais, tais quais pintura, fotografia e outras manifestações, não apenas artísticas, mas de áreas diversas, que trabalham com gráficos, por exemplo. São eficientes recursos de linguagem, que auxiliam a escrita e aprimoram a comunicação devido ao seu caráter de eficaz função comparativa, elucidativa, de influência analítica, que reforça a lógica e a credibilidade das ideias, no que lhe concerne aprofundar o conteúdo e intensificar o discurso, resultando-o em mais compreensível, interessante e agradável. Importante informar que, em composições acadêmicas, as indicações de suas fontes são terminantemente obrigatórias, para fins de consultas e expansão de informações relacionadas ao vasto campo da ciência.

A teoria freiriana é um exemplo dessa expansão. Atribui-se a Isaac Newton o provérbio: “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”¹⁵. Análoga a esta máxima, esta produção textual consiste em cumprir a função de expor, ao leitor, as ideias que motivaram a realização desta tese de doutorado, que, apesar de muito modesta, intenta contribuir com a ampliação da cultura científica. Possivelmente, o próprio aforismo supracitado é uma paráfrase inspirada no seguinte preceito:

Somos comparáveis a anões encavalitados sobre os ombros de gigantes (os Antigos): vemos, portanto, mais coisas do que eles viram e vemos mais longe do que eles. Qual

¹⁴ A descoberta da psicanálise, que contribuiu para uma nova maneira de compreender o ser humano, deve-se, em grande parte, às muitas leituras realizadas pelo seu fundador, que tinha a virtude de ser um observador perspicaz.

¹⁵ Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTMwMjY/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

a razão disto? Não é nem a acuidade do nosso olhar, nem a superioridade da nossa altura, mas porque somos transportados e elevados pela alta estatura dos gigantes.¹⁶

O bispo inglês, filósofo e humanista João de Salisbury, conservou este e outros axiomas do seu contemporâneo, o francês Bernardo de Chartres. Tais expressões afirmam que o conhecimento se aprofunda e se desenvolve mediante ao que já se sabe.

1 O objetivo da tese

O eixo central da investigação desta tese é a contextualização das palavras de expressões conotativas e antagônicas: *necrofilia* e *biofilia*, empregadas por Paulo Freire, principalmente, no conteúdo de seu livro *Pedagogia do oprimido*, livro de acentuado caráter crítico e contra hegemônico. Em suas dissertações, esses termos, de sentidos figurados e antônimos, permitem uma gama de interpretações sobre o seu modo de entender a sociedade, o indivíduo e a educação, à luz de conceitos da Psicologia, da Psicanálise e do Materialismo Dialético. Declaradamente, ele fez uso dessas metáforas, contraditórias entre si, por confessada influência do pensamento de Erich Fromm, autor do clássico *El corazón del hombre* (O coração do homem). Isto se confirma no seguinte enunciado da própria autoria freiriana: “Dela, [a dominação] que parte de uma compreensão falsa dos homens – realizados a meras coisas –, não se pode esperar que provoque o desenvolvimento do que Fromm chama de *biofilia*, mas o desenvolvimento de seu contrário, a *necrofilia*.” (FREIRE, 1987, p. 65).

Há um rol¹⁷ de muitas palavras que *engravidaram* a fértil capacidade de Paulo Freire fazer elucubrações relativas ao mundo das pedagogias, onde foram suscitados interesses motivadores de lidas exercidas com diligência e zelo pelas suas faculdades intelectuais. Em termos apropriadamente empregados, elaborou expressões bem refletidas, que conceberam, apuradamente, a alma de sua filosofia educacional e humanista. “Um pensamento pode, em geral, ser expresso por várias formas linguísticas – ou seja, por várias palavras – que podem representá-lo com igual aptidão.” (FREUD, 1996, v. VIII, p. 25).

Paulo Freire não figura na galeria de renomados intelectuais ateus, mas dos que acreditam em Deus. Quem conhece a sua biografia sabe de seu estreito relacionamento com a

¹⁶ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/encavalitarem/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

¹⁷ No ano de 2018, pela Autêntica Editora, foi publicada a 4ª edição, revista e ampliada, do *Dicionário Paulo Freire*. Organização de Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitzoski. São mais de 500 páginas contendo textos de 130 autoras e autores, respectivos a 276 verbetes de estreitas lógicas aos pensamentos, aos discursos, à obra e à vida desse educador brasileiro, de renome internacional. Neste espaço, é muito oportuna a transcrição das três primeiras frases da *Apresentação* dessa obra: “Paulo Freire foi um semeador e um cultivador de palavras. Não de quaisquer palavras, mas de palavras ‘grávidas de mundo’, como dizia. Palavras que têm o dom de gerar mundos, de pronunciar novas realidades”.

Igreja e a corrente da Teologia da Libertação¹⁸, cuja doutrina é focar e acertar o alvo¹⁹ da fraternidade, no intuito solidário e consciencioso de modificar o sistema de uma sociedade pervertida pelos interesses egoístas dos que a estruturam. O ideal é um meio coletivo igualitário e de convivência justa. Já dizia Mal Pancoast²⁰: “As chances de atingir o alvo crescem dramaticamente quando você aponta para ele”. Estudiosos da obra freiriana percebem, em seus livros, enfática aspiração de se estabelecer para todos um sistema educacional que forme cidadãos com senso ético de justiça social, aversivos a qualquer determinação que favoreça um grupo em detrimento do outro por capricho de autoridades dominantes. Se “O homem é o lobo do homem²¹”, esse impulso instintual, animal, repulsivo, pode e deve ser inibido. Representa um crime hediondo pela falta de respeito e violação à sagrada e inestimável dignidade do ser humano.

¹⁸ Movimento eclesial surgido na década de 1960, após o Concílio Vaticano II, que teve quatro sessões, sendo a primeira ocorrida no dia 11 de outubro de 1962, mediante a bula papal de convocação “*Humanae salutis*” (Saúde humana), pela gestão do papado de João XXIII, que faleceu em 3 de junho de 1963. A quarta aconteceu no dia 8 de dezembro de 1965, o Papa era Paulo VI. A decisão de realizar essa Assembleia tem uma razão histórica. A instituição religiosa papal teve seu marco inicial no século VI, depois de Cristo. Seu clero permaneceu durante toda a Idade Média, isto é, por mais de um milênio. Porém, em fevereiro de 1798, sob o poder da Revolução Francesa, o Papa Pio VI foi deposto pelo general francês Louis-Alexandre Berthier e em seguida aprisionado pelo exército da França. Daí, então, cessaram-se as velhas práticas eclesiais. A partir do século XIX, a humanidade passou a experimentar diversas e profundas mudanças culturais, políticas, sociais, econômicas, religiosas etc. Em 11 de fevereiro de 1929, ou seja, após o longo período de cento e trinta anos, com a ratificação do Tratado de Latrão, um acordo entre o Reino da Itália e a Santa Sé, instituíram o Estado da Cidade do Vaticano. Nesse território, a Igreja Católica teve o seu domínio soberano restituído. Assim sendo, retomaram suas atividades rituais. Visando atrair adeptos, a convocação do Concílio partiu da ideia de que seria necessário a Igreja se adaptar e se renovar diante da circunstância dos novos costumes provenientes da modernidade que mudou a face do mundo. Nesse idealismo denominacional, surge, na América Latina, a Teologia da Libertação com uma doutrina que “dialoga” com as ciências sociais e humanas, engajada na defesa dos direitos humanos. Sensível à pobreza, milita contra as injustiças sistematizadas pela elite acostumada a explorar, a subjugar, a se favorecer, a oprimir e a marginalizar a grande massa populacional de precárias condições de existência, marginalizada na sociedade pelo fato de ser considerada inferior pela minoria dominante que se julga classe superior. Do profundo conhecimento empírico desse lastimável quadro social, eis que se ergue a pena-espada empática nordestina do escritor Paulo Freire.

¹⁹ O oposto de acertar o alvo é, obviamente, errar o alvo. Esta última expressão, tem a ver com o significado da palavra grega *αμαρτία* (*amartía*) e, na linguagem teológica, conota a prática de pecar. O termo pecado está relacionado com desviar-se da retidão de caráter, da integridade, da honestidade, da incorruptibilidade. Estas palavras são como punhais, que ferem a consciência da classe política. “Aquele, pois, que sabe fazer o bem e o não faz comete pecado” (Tiago 4:17). Há, nos praticantes da bondade, a virtude cristã. O pensamento de Paulo Freire tem empática convergência com a doutrina da Teologia da Libertação na essência do mandamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:31).

²⁰ Disponível em: https://www.pensador.com/autor/mal_pancoast/. Acesso em: 14 abr. 2020.

²¹ Esse célebre axioma figura nas páginas do livro *Leviatã*, de Thomas Hobbes. É bem provável que tenha sido inspirado na frase latina “*homo homini lupus*” (O homem lobo), de autoria do dramaturgo romano Plautus. Metaforicamente, quer dizer que a aptidão do ser humano de destruir é uma ameaça para a sua própria espécie. Há em sua natureza o impulso de usurpador de bens alheios e a essência da exploração. Se pode, tira proveito da fraqueza de seu semelhante. O seu egoísmo é patológico e a sua necessidade de se sentir superior ao outro é mórbida. O que está em primeiro lugar de seus propósitos é o bem-estar individual ao invés do coletivo. Ama o conforto, a comodidade, a satisfação própria, a fortuna, a prosperidade. Para obtê-los, é capaz de declarar guerra.

Imagem 9 – Foto tirada em Bengala – Índia, em 1903



Disponível em: <https://www.pinterest.nz/pin/549720698247250535/>. Acesso em: 12 out. 2020.

Diante das múltiplas possibilidades de argumentar sobre algo, Paulo Freire focava sua ótica na importância do diálogo e no bom senso. Antes de formar suas concepções relativas a algum assunto, examinava várias correntes teóricas, inclusive a psicológica. Cômico de que tudo é inacabado e em constante transformação, fiel ao seu princípio ético e democrático, não perdia seu tempo em dialética oposição às ideias divergentes às suas. Procurava entendê-las. As convergentes aos seus valores, defendia-as e as inseria em seus discursos.

Na condição de permanente aluno, tinha olhares infantis perante aprendizagens infindas que se adquire pelos meios dialógicos, que ampliam a visão sobre as coisas do universo. Assim dizia o poeta: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz. / Cantar e cantar e cantar / a beleza de ser um eterno aprendiz²².” A sua ideologia educacional, baseada em boas relações interpessoais, tornou-se célebre em todo o planeta. “Por isso mesmo é que existir é um conceito dinâmico. Implica uma ‘dialogação’ eterna do homem com o homem, do homem com a circunstância. Do homem com o seu Criador. Não há como admitir o homem fora do diálogo.” (FREIRE, 2002, p. 35).

Paulo Freire leu um livro, que causou uma forte impressão em seu modo de pensar. Sobre isso, Freud (1996, v. I, p. 385) afirma: “[...] o objetivo e o fim de todos os processos de

²² Trecho da letra da música *O que é, o que é*, de Gonzaguinha. 1ª faixa – Lado A, do álbum *Caminhos do coração*, pela gravadora EMI, Rio de Janeiro, em 1982.

pensamento é o estabelecimento de um *estado de identidade* [...]”. Esse estado de identidade ocorre durante o processo de subjetivação, no funcionamento mental harmonioso com relações lógicas representadas em um determinado objeto. Exatamente o que aconteceu com Freire. Sabe-se que ele tinha enorme admiração pelo autor que tanto impactou o seu intelecto. Chamava-o de mestre-brasileiro. Esse tipo de identificação é uma categoria no *Vocabulário da Psicanálise*, que assim o define: “Processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1977, p. 295).

Duas menções indispensáveis não foram supracitadas. O nome do escritor, Álvaro Vieira Pinto²³, e o título de sua obra, *Consciência e realidade nacional*²⁴, que inspirou não somente o início da teoria freiriana, mas, também, influenciou toda a produção dos escritos posteriores. A palavra *conscientização* foi uma das que mais fecundaram a mente fértil de Paulo Freire. Sobre o significado dela, ele fez muitas reflexões relativas ao assunto da área de seu maior interesse: a Educação. Tornou-se um dos termos mais empregados em sua obra. Foi assunto principal no conteúdo do seu livro: *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Nessa espécie de espiral, os intelectuais evoluem os saberes. Freud (1996, v. I, p. 383) já explicava: “[...] é em relação a seus semelhantes que o ser humano aprende a conhecer”.

Vale ressaltar que as palavras de sentidos figurados empregadas na obra de Paulo Freire – *necrofilia* e *biofilia* – não só foram ideais para expressarem seus pensamentos, como, também, para se realizar interpretações de ordem psicológica dentro do contexto. Semelhantes a sementes, brotarão arguições, que se ramificarão em frases, parágrafos e capítulos, no propósito de cultivar o conteúdo deste trabalho. Analogicamente, comparáveis ao termo *conscientização*, mencionado no parágrafo anterior. As palavras exercem enorme influência no intelecto dos indivíduos. Experiências mentais entendidas pela teoria da psicanálise como representação. Portanto, seja no sentido denotativo ou conotativo, devem ser empregadas com precisão no contexto de uma mensagem. No meio acadêmico, devem ser precisas e objetivas.

²³ Nome completo é Álvaro Borges Vieira Pinto. Nasceu no dia 11 de novembro de 1909, em Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro. Morreu, aos 77 anos, em 11 de junho de 1987, no Rio de Janeiro. Formado em Medicina, destacou-se como filósofo, cujos pensamentos precisam ser resgatados, por se encontrarem, por questões óbvias, há muitos anos, no esquecimento. Empenhou-se em atividades político-intelectuais em defesa da autonomia da nação brasileira, que ainda é mantida sob um sórdido domínio de uma pequena classe; governada, historicamente, por uma elite mais preocupada em satisfazer seus interesses próprios. Álvaro foi um dos fundadores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

²⁴ Obra publicada em dois volumes: o primeiro lançado no ano de 1960 e o segundo em 1961, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Trata de questões relacionadas ao subdesenvolvimento e é parte integrante da coleção *Textos Brasileiros de Filosofia*. A obra apresenta uma releitura da filosofia da existência, com bases na dialética e no materialismo histórico.

Na letra da música *Avôhai*²⁵, interpretada pelo cantor e compositor Zé Ramalho, há a seguinte expressão: “Eu tenho a palavra certa / para o doutor não reclamar”. A boa escrita e a leitura de mundo, tanto científica quanto artística, depende do talento do escritor e o interesse do leitor.

A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitações que em si são realmente penosas, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor. (FREUD, 1996, v. IX, p. 136).

Palavras verdadeiras tornaram célebres a existência de Freire, Fromm, Freud e outros grandes escritores, que não se calaram e souberam pronunciar bem o mundo. As palavras são mágicas; mesmo as falsas exercem elevado poder de influência. “Agora começamos também a compreender a ‘magia’ das palavras. É que as palavras são o mediador mais importante da influência que um homem pretende exercer sobre o outro [...]” (FREUD, 1996, v. VII, p. 279). A vida e a obra de Paulo Freire (1987, p. 12) são refletidas nesta sua expressão: “O que o homem fala e escreve e como fala e escreve, tudo é expressão objetiva de seu espírito”.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1987, p. 78).

O sucinto relato histórico, a seguir, apresenta alguns fatos e ideais de um período, que ampliam a noção sobre a contemporaneidade de Paulo Freire e a contextualização de suas obras. Durante os respectivos governos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart, isto é, desde os anos 30 até os quatro primeiros anos da década de 60, o país se encontrava sob as ações benfazejas do nacionalismo desenvolvimentista, que nada tem a ver com a nefasta ideologia nazista da Segunda Guerra Mundial. Em 14 de julho de 1955, pelo Decreto nº 37.608, foi fundado o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)²⁶, por intelectuais, dentre os quais Álvaro Vieira Pinto, que aspiravam o progresso do Brasil, abrangendo reformas educacionais e agrárias. A nobreza dessas pretensões foi frustrada pelo

²⁵ Essa música é a primeira faixa do Lado A, do álbum intitulado Zé Ramalho, lançado no ano de 1978, pela gravadora CBS, no Rio de Janeiro.

²⁶ Este órgão, vinculado ao Ministério de Educação e Cultura (MEC), foi fundado no Rio de Janeiro, no ano de 1955, como instituição federal de ensino, relacionado à área de história do pensamento econômico brasileiro. Administrativamente, era dotado de autonomia, com toda liberdade de cátedra, para realização de pesquisas, e funcionava como núcleo de formação e propagação de ideias e opiniões desenvolvimentistas coerentes aos ideais do governo de Juscelino Kubitschek. Destinava-se aos estudos e à divulgação das ciências sociais. Suas proposições se baseiam no pensamento social crítico brasileiro. O golpe militar o extinguiu e perseguiu seus integrantes, os *isebianos*, muitos dos quais foram exilados.

ignominioso golpe militar, que a nação sofreu, por mais de vinte anos, a partir dos dias 31 de março e 1º de abril de 1964. Foi instalado o tempo da repressão. Os que ao menos fossem suspeitos de contrariar às ideologias da ditadura eram punidos com exílio, prisão e/ou morte.

Época em que era elevado o índice de analfabetos no país. As experiências bem-sucedidas do método freiriano atraíram a atenção do governo de João Goulart, que lançou a Campanha Nacional de Alfabetização e fundou a Comissão de Cultura Popular (CCP), presidida por Paulo Freire, que enfocava a educação como um meio de as pessoas adquirirem consciência da realidade do Brasil e a necessidade do progresso da nação, evidenciado no fim dos anos 50 e início dos 60. Esses e outros ideais nacionalistas foram frustrados pelo golpe militar, que, por setenta dias, encarcerou o educador, obrigando-o, depois, a se exilar. Por um breve tempo, esteve na Bolívia. De 1964 a 1969, foi acolhido no Chile, onde pôde produzir, com reconhecimento, significativas obras. Por fim, “andarilhou” o mundo, que o consagrou como um dos maiores educadores de todos os tempos. Exemplo perfeito do dito popular: “Há males que vêm para o bem”. Contudo, a sua pátria mãe insiste em não reconhecer o seu valor e confirma as palavras de Jesus: “Não há profeta sem honra senão em sua pátria” (Marcos 65:4).

Quanto ao êxito de Paulo Freire, há um problema. Diz o lugar-comum: nada é perfeito. O que se quer dizer com isto? A resposta está na transcrição da entrevista concedida pelo doutor José Eustáquio Romão à equipe do Portal Museu da Educação do Distrito Federal²⁷:

Pergunta: Professor Eustáquio, um pensador como Paulo Freire, que é reconhecido mundialmente, nesse momento, sofre, em nosso país, uma nítida rejeição por parte de alguns segmentos. Por que é que isso ocorre?

Resposta: Em primeiro lugar, eu acho assim, santo não faz milagre em casa. Durante muito tempo, eu imaginei que o Paulo Freire não era introduzido, por exemplo, na universidade brasileira porque santo não faz milagre em casa e ele não tinha muitos títulos. No Brasil a gente tem um vício do credencialismo. Se eu não sou doutor, eu não posso fazer um monte de coisas. Se eu não tiver o título de mestre, eu não posso fazer um monte de coisas. Se eu não tiver graduação não posso... Paulo Freire nunca fez Pedagogia, nunca fez mestrado, nunca fez doutorado e foi convidado a dar aulas em Harvard para os doutores. Nós devíamos aprender isso com os Estados Unidos. A gente aprende tanta coisa com eles, os Estados Unidos, podíamos aprender essa. Diminuir um pouco esse credencialismo. Eu digo que é credencialismo. E no Brasil, além de santo não fazer milagre em casa, é uma bobagem o que estão dizendo aí. Esses segmentos estão dizendo que tem que tirar Paulo Freire das escolas, expurgar das escolas, expurgar das universidades. Eles vão procurar o Paulo Freire nas escolas, vão perder tempo. Ele não está lá ainda. Paulo Freire está nas escolas como títulos de biblioteca, epígrafe de teses. O pensamento dele não entrou nem na educação de adultos como deveria entrar. Porque se tivesse entrado tinha resolvido o problema de analfabetismo no Brasil, como resolveu nos países [...]. Eu cuido das relações internacionais dos Institutos Paulo Freire. Atualmente, eu estou respondendo pela Secretaria Geral do Conselho Mundial dos Institutos. Todos os países que eu visito, em todos os continentes, Paulo Freire está sendo utilizado e está ajudando a resolver o problema da educação. Acho que essas pessoas deviam ler um pouquinho mais,

²⁷ Entrevista com o professor José Eustáquio Romão. Portal Museu da Educação do Distrito Federal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8YVeGSxfZC4>. Acesso em: 2 mar. 2020.

entender um pouquinho mais de Paulo Freire para fazer essa rejeição. A resistência que nós estamos fazendo, não é só nossa, os Estados Unidos acabaram de fazer uma pesquisa, publicaram os resultados e não são freirianos, os que fizeram a pesquisa, constataram o seguinte [...] a Pedagogia do oprimido, que comemorou 50 anos o ano passado (2018), é hoje o livro mais traduzido no planeta.

2 Questões de partida

O conhecimento avança levantando questionamentos sobre as coisas do mundo e buscas de respostas. Mediante essa prática, o ser humano procura interpretar sobre a realidade em que vive, conforme suas percepções, e atribuir, à mesma, conceitos significativos. Nesse procedimento científico, questões de partida representam a primeira etapa do que se pretende investigar. Muito importante que as perguntas sejam muito bem formuladas, precisas, sem espaço para ideias vagas. Devem facilitar a compreensão do leitor, ser concisas e pertinentes. As indagações devem estar estreitamente atreladas ao conteúdo bibliográfico, não sobrecarregado, mas de razoável dimensão, que favoreça as análises, podendo incluir abordagens diversificadas e “diálogos” entre pontos de vista diferentes. A problemática ajuda a elaborar os tópicos do que se pretende perscrutar. Eis:

- a) Paulo Freire enriqueceu a sua teoria com o auxílio das ciências que estudam a mente?
- b) O termo figurado *necrofilia* está relacionado: À hegemonia? Ao sadismo e ao masoquismo? À colonização da mente?
- c) Em que sentido o termo biofilia se opõe à *necrofilia* na pedagogia freiriana?
- d) Quais as contribuições das Psicologias Social, Educacional e Cognitiva nas ideias defendidas nesta tese?

Em relação aos estudiosos da teoria freiriana, quanto mais conhecerem os fundamentos da Psicanálise e da Psicologia, mais poderão constatar de que, realmente, a produção textual de Paulo Freire, também, constituiu-se de influências de concepções que estruturam as ciências empenhadas em pesquisas sobre o funcionamento da mente. Chega a ser uma obviedade pelo fato de os princípios e métodos do ensino e da aprendizagem, da educação em si, estarem, inerentemente, vinculados a fenômenos mentais e aos processos interativos ocorridos em relacionamentos interpessoais e sociais. Em toda essa dinâmica, há fatores amplos de afetos positivos e, desumanamente, negativos. Nestes dois casos, os termos figurados *necrofilia* e biofilia serão tratados, nesta tese, com o propósito de realizar uma reflexão abrangendo esses assuntos, que envolvem categorias de ordem, tipicamente, psicológicas do campo educacional,

cognitivo e social, tais quais altruísmo, comportamentos, discernimento, *eros*, *tanatos*, neurose, opressão, percepção, projeção, sadismo, masoquismo etc.

3 Referencial teórico

Referencial teórico é diálogo. Tem a função de possibilitar maior eficácia à investigação e ao discurso sobre um determinado tema a ser desenvolvido pela escrita. Daí, então, forma-se a base, que dará sustento e consistência às argumentações a respeito da ideia que se pretende abranger, aprofundar e defender em uma produção textual.

“O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação do eu-tu.” (FREIRE, 1981, p. 78). A obra de Paulo Freire é pontuada de diálogos, por ele denominados de horizontais²⁸, estabelecidos, não só, mediante leituras de assuntos que lhe interessavam, mas, também, pelos relacionamentos interpessoais, com vários intelectuais, dentre os quais psicólogos e psiquiatras, por representarem uma fonte de estudos relevantes e imprescindíveis a respeito do funcionamento da mente, numa visão que amplia, complementa e enriquece o entendimento da realidade do ser humano, por ângulos específicos e diferentes. A pedagogia freiriana é resultado de uma linguagem, que se expressa pelas descobertas e revelações tanto objetivas, mediante influências e integrações de ideias de outrem, abertas a novas definições convincentes, convergentes ou não, quanto subjetivas, centradas no indivíduo, conforme citação abaixo:

[...] jamais será o radical um subjetivista. É que, para ele, o aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com a dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente. Subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele. É exatamente esta unidade dialética que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la. (FREIRE, 1987, p. 26).

²⁸ Há muitos benefícios nos diálogos horizontais, tais quais: 1º) Ocorrem entre distintas ideias, que se coadunam em prol de conhecimentos, que ampliam o entendimento da vida. Postos em prática, resultam em bem-estares não apenas de um grupo seletivo de pessoas, mas de todos, por ajudar a resolver o velho problema causado pela hierarquia social, isto é, inibir a abusiva prevalência de uma classe sobre a outra. 2º) São intersubjetividades que contemplam democráticas aberturas às interações e partilhas de saberes. 3º) O permanente processo natural de transformação do mundo permite que promovam novas conscientizações e consequentes mudanças de atitudes favoráveis às relações de respeito e dignidade entre os semelhantes, indiscriminadamente. Logo, são opostos aos históricos diálogos verticais, que fundamentam um autoritário, opressor e desumano sistema constituído e mantido pelas elites acostumadas aos favorecimentos ideológicos do determinismo, do conservadorismo e da dominação. Da zona de conforto, cometem, sem escrúpulos, o crime de cercear a liberdade de um enorme número de sujeitos desprovidos do direito de uma existência íntegra e, principalmente, de informações emancipadoras da ignorância e da subserviência silente, que impedem reações contra o que e quem os subalternam.

Apesar de a mente ser a parte imaterial e subjetiva da vida do ser humano, ela exerce as funções mais importantes e superiores do órgão, que representa a capital do corpo: o cérebro. “Os estímulos incidem sobre a mente e ela deve reagir a eles” (FREUD, 1996, v. XV, p. 95). Devido ao enorme potencial de captar e produzir informações, na capacidade mental, um mundo de elementos incorpóreos se configura, onde ocorrem, surgem e habitam fenômenos intangíveis, abstratos – sentimento, pensamento, raciocínio, intelectualidade etc. –, que influenciam o modo de ser, a formação de caráter e o comportamento de cada indivíduo. Mediante tal possibilidade, análoga a uma serpente que inocula sua peçonha na corrente sanguínea de suas presas, o poder hegemônico fundamenta ideologias, que colonizam a cognição das pessoas, para dominá-las com mais eficácia e, daí, tirarem proveitos. Paulo Freire, acirrado oponente desse processo desumano, em sua teoria, não desdenhou a “[...] ciência que se ocupa da mente e dos processos mentais: consciência, sensação, ideação, memória etc.” (CAMPBELL, 1981, p. 485).

O termo biofilia está relacionado a pessoas de espírito fraterno, que se empenham em legitimar a educação, em gerar oportunidades de tornar melhor a existência de quem quer que seja, indiscriminadamente. Elas têm a essência e o juízo de amor ao semelhante. Indignam-se e se perturbam diante de perversas circunstâncias impostas por opressores que estão acostumados a violar sagrados direitos humanos da maioria das pessoas não pertencentes ao *status* de sua classe, de sua casta, isto é, desprovidas de conhecimento e desfavorecidas de condições materiais, que lhes proporcione uma vida confortável. A mais eficiente arma para combater a crueldade dessa situação é a ação de dar instruções, que resgatam da alienação o povo de alma rasgada, que já sensibilizava Freire (1996, p. 74) na juventude: “Enquanto andávamos pelas ruas daquele mundo maltratado e ofendido eu ia me lembrando de experiências de minha juventude em outras favelas de Olinda ou do Recife, dos meus diálogos com favelados e faveladas de alma rasgada”.

“Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela [...]” (BRANDÃO, 2013, p. 7). Isto quer dizer que tanto a educação “bancária”, de adestramento e *necrófila*, quanto a libertária, humanista e biofílica acessam, com facilidade quase automática, as vias que as conduzem à imensa e complexa área de enorme diversidade de fenômenos psíquicos, cujos efeitos de suas influências vão conformando ampla gama de características peculiares da vida de cada indivíduo. As cinco janelas naturais de seus sentidos permitem, de maneira consciente ou inconsciente, que o mundo externo adentre em seu privativo e subjetivo mundo interno. Este é um universo que se desenvolve naquele, se favorecido por um eficiente sistema educacional de

digna credibilidade. “O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. É tarefa, por excelência, de educadores.” (RIOS, 2003, p. 24).

Paulo Freire leu o livro *El corazón del hombre*, de autoria do psicólogo e psicanalista Erich Fromm, em que se encontram permeados, metaforicamente, os termos *necrofilia* e *biofilia*. Esse binômio prendeu a atenção do educador pernambucano, que, por várias vezes, contextualiza-o em *Pedagogia do oprimido*, por conta do sentido conotativo relacionado à necessidade de se estabelecer um processo educativo de consciência crítica, cujo princípio é opor-se às culturas opressoras, que há tempos vêm se expandindo e se sedimentando pelo contínuo aprofundamento de suas raízes, tendentes ao total controle de todos e de tudo. Essa atuação hegemônica é produtora e reprodutora de lógicas desumanizantes mediatizadas por um sistema educacional similar ao adestramento de animais irracionais, aplicado não apenas no âmbito escolar, mas em todas as dimensões sociais. Evidenciam-se, nesse poder, o sadismo e o impulso de morte. Sobre essas características e categorias psicológicas e psicanalíticas, Freire (1987, p. 47) escreveu:

O sadismo aparece, assim como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida. [...] Na medida em que, para dominar, se esforçam por deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, os opressores matam a vida.

A citação acima, comprovadamente, foi elaborada sob a influência do pensamento de Erich Fromm. Conceitos frommianos concernentes à condição humana e social, embasados em fundamentos psicológicos e psicanalíticos, causaram intenso interesse às ideologias de Paulo Freire, por motivos de estreitas convergências entre si, e figuram em, pelo menos, cinco principais livros: *Educação como prática da liberdade*; *Pedagogia do oprimido*; *Conscientização*; *Extensão ou comunicação* e *Ação cultural para a liberdade*.

Nenhum registro há que Paulo Freire tenha se interessado pela teoria psicanalítica de Sigmund Freud. Erich Fromm, no entanto, bebeu da fonte dos discursos freudianos, apesar de divergir em muitos pontos de vista. Paulo Freire, também, não concordou com todas as ideias frommianas. O que se pretende, com a elaboração deste trabalho, não é ressaltar opiniões contrárias, mas, sim, as convergências que há entre as ideias deles. Para o psicanalista de Frankfurt, as conjugações de categorias psicológicas, sociológicas, antropológicas e históricas contribuem para o entendimento de problemas individuais e sociais. Isso se afirma nestas suas palavras: “Assim como não se podem entender convenientemente problemas psicológicos sem conhecer seus antecedentes sociais, e culturais, tampouco se podem compreender fenômenos sociais sem o conhecimento dos mecanismos psicológicos subjacentes” (FROMM, 1986, p.

113). Freire fundamentou sua teoria de modo similar, isto é, “dialogando” com várias vertentes do conhecimento.

“É verdade que a psicanálise tomou como tema a mente individual, mas, ao fazer investigações sobre o indivíduo, não podia deixar de tratar da base emocional da relação dele com a sociedade.” (FREUD, 1996, v. XIII, p. 189-190). A formação do ser humano está intrinsecamente vinculada ao meio social do qual ele faz parte. Esse convívio se inicia no âmbito familiar em que foi concebido. Com o passar dos anos e conforme o seu desenvolvimento, suas experiências de socialização vão, paulatinamente, ampliando-se ao integrar-se em outras instituições, que se constituem por leis, regras, regulamentos e procedimentos padronizados: escola, trabalho, Igreja, Estado etc. Nesses ambientes, praticam-se as relações interpessoais, em que são abrangidos interesses e objetivos comuns. Em suma, nas interações com os outros ocorre a internalização de culturas, maneiras de ser, de falar, de se comportar, que, de certa maneira, moldam-se. Assim sendo, a sociedade, também, pode ser compreendida à luz de processos psicanalíticos, que muito se aproximam de análises sociológicas.

A entidade básica do processo social é o indivíduo, com seus desejos e receios, suas paixões e sua razão, suas inclinações para o bem e para o mal. Para perceber a dinâmica do processo social cumpre-nos compreender a dos processos psicológicos que atuam no íntimo do indivíduo, tal como para entender a este é mister apreciá-lo à luz da cultura que o molda. (FROMM, 1986, p. 9-10).

A mente, mesmo sendo impalpável e intangível, é um campo amplo, fértil e complexo de estudos da Psicologia e da Psicanálise. Por ser um continente abstrato de conteúdos psíquicos, divide-se, didaticamente, em três instâncias denominadas de consciência²⁹, pré-consciente³⁰ e inconsciente³¹. Conhecida como a primeira tópica de Freud. Com a evolução de

²⁹ Segundo o *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1977, p. 135), a consciência é, “No sentido descritivo: qualidade momentânea que caracteriza as percepções externas e internas no meio do conjunto dos fenômenos psíquicos”. Segundo o *Dicionário de Psiquiatria*, de Campbell (1981, p. 123), a consciência se refere a “Aqueles organizações psíquicas que se opõem à expressão de ações instintivas. A consciência relaciona-se com as atitudes morais, estéticas e éticas do indivíduo. Quando as atitudes, proibições e ordens parentais assumem sua posição no inconsciente para formar o superego, este é que constitui a consciência. [...] A função da consciência é advertir o ego para evitar as dores de intensos sentimentos de culpa”.

³⁰ Segundo o *Dicionário de Psiquiatria*, de Campbell (1981, p. 467-468), o pré-consciente, “Em psicanálise, é uma das três divisões topográficas da psique, e frequentemente abreviada como Pcs. A divisão pré-consciente inclui aqueles pensamentos, lembranças e elementos mentais semelhantes que, embora não conscientes no momento, podem ser facilmente levados à consciência. (Cs) por um esforço de atenção”. Segundo o *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1977, p. 447), o pré-consciente é o “Termo utilizado por Freud no quadro de sua primeira tópica [...] como adjetivo, qualifica as operações e conteúdos desse sistema pré-consciente (Pcs). Estes não estão presente no campo atual de consciência, e portanto são inconsciente no sentido ‘descritivo’ do termo, mas distinguem-se dos conteúdos do sistema inconsciente na medida em que permanecem de direitos acessíveis à consciência (conhecimentos e recordações não atualizados, por exemplo)”. Freud (1996, v. V, p. 629) afirmava que “[...] uma ampla esfera do material mnêmico fica inacessível à catexia pré-consciente”.

³¹ Segundo o *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1977, p. 306), “No sentido ‘tópico’, inconsciente designa um dos sistemas definidos por Freud no quadro da sua primeira teoria do aparelho

suas pesquisas sobre o aparelho psíquico, precisou criar a segunda tópica estrutural, que ele batizou de id³², ego³³ e superego³⁴. Essa organização possibilitou o entendimento de como a mente funciona. Ela, a todo momento, é invadida por vários tipos de impressão. Área em que se acumulam informações. Mundo em que habitam a inteligência, a aprendizagem, a percepção, a atenção, o discernimento, o pensamento, a consciência, o sentimento, inúmeros outros fenômenos e incontáveis fatores, que formam o peculiar universo de cada indivíduo; dinamizam a sua alma; motivam suas tomadas de decisões; intensificam sua existência etc. “A mente [...] não dorme, e seu aparelho permanece intacto [...]” (FREUD, 1996, v. IV, p. 110).

O contexto desta tese será enriquecido, também, por concepções da corrente filosófica marxista socialista denominada Materialismo Dialético, criada pelos influentes pensadores da modernidade: Karl Marx e Friedrich Engels, com o propósito de entender as relações e os processos sociais no decorrer da história. O estado psicológico dos indivíduos e o mundo social em que convivem são muito afetados pela matéria e pelas forças produtivas, econômicas, que vêm se acentuando desde a implantação do capitalismo industrial, que possibilitou a efetivação da burguesia, no século XIX e o surgimento da distinção de classes sociais. Uma, a minoria, que goza de privilégios existenciais, domina e explora a necessidade de subsistência da outra,

psíquico: é constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente-consciente pela ação do recalçamento”. Segundo o *Dicionário de Psiquiatria*, de Campbell (1981, p. 319), “De modo geral, pode-se afirmar que todo o material psíquico não presente no campo da consciência imediata está no inconsciente. Quando se encontra suficientemente próximo da consciência para ser mais ou menos facilmente acessível a ela, diz-se que está no pré-consciente”. Freud (1996, v. V, p. 637) afirmava que “[...] o inconsciente é a base geral da vida psíquica. O inconsciente é a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente”.

³² “O id constitui o polo pulsional da personalidade; os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes [...] o id é para Freud o reservatório primitivo da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego [...]” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1977, p. 285). Todas as características do id, presentes em uma criança mimada, coincidem-se com as de um tirano ditador. O comportamento e as ações de indivíduos movidos pelo id podem ser elucidados com a apresentação de cinco definições. Primeira: são instintivamente selvagens. Segunda: no intuito de atender aos seus desejos, desconsideram os limites da realidade como se não existissem lógica, ética e outros nobres valores humanos. Terceira: são incompatíveis com a civilização. Quarta: procuram a autossatisfação de forma irracional, independentemente do senso de certo ou errado. Quinta: não toleram contrariedades e, dentro de suas possibilidades e proporções, representam um perigo à sua aldeia, ao seu país, ao seu continente e ao mundo.

³³ Instância da personalidade comprometida com o princípio da realidade. “Em psicologia psicanalítica, o ego é a parte do aparelho psíquico que funciona como mediadora entre a pessoa e a realidade. Sua função principal é a percepção da realidade e a adaptação a ela” (CAMPBELL, 1981, p. 190-191). Uma das perversas características de um tirano é a maquiavélica pretensão de que a sua vontade seja a realidade, independentemente de qualquer lógica contrária.

³⁴ De acordo com a definição do *Vocabulário da psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1977, p. 463), o superego é “Uma das instâncias da personalidade tal como Freud a descreveu no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico: o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego”. Seus códigos devem inspirar indivíduos a realizarem nobres ideais que contribuem para o bem-estar de si mesmo, do outro e da sociedade. Porém, se de exigências rigidamente excessivas, pode causar, na consciência de um indivíduo, forte sentimento de culpa e inferioridade sobre conceitos de uma realidade absurda. A influência do superego é praticamente nula na mente inescrupulosa de um tirano assassino não só de milhões de vidas, mas de aspirações de futuros promissores.

proletária, subalterna, oprimida, alcunhada, pejorativamente, de massa, que sofre as agruras da pobreza. A injustiça impera numa sociedade constituída nessa infraestrutura e superestrutura. O uso dos termos *necrofilia* e biofilia, nos livros do patrono da educação brasileira, foi mais um modo, entre tantos, de se opor, com ênfase, a esse vilipêndio.

4 Metodologia

Identificado o problema, o próximo passo é estabelecer um caminho, que se pretende seguir, fundamentado em paradigmas epistemológicos, qualitativos, cuja função é sustentar as ideias a serem defendidas e a justificação deste trabalho acadêmico. O procedimento consistirá em uma cuidadosa coleta de dados e, baseado nela, produzir um roteiro que favoreça o melhor modo de tecer uma malha teórica de pensamentos lógicos concernentes a uma realidade que, por longas datas, afeta, de modo negativo, nações inteiras.

Neste tópico, o intento é tornar mais compreensível o propósito do objeto desta tese: perscrutar os sentidos psicanalíticos que Erich Fromm conferiu aos termos *necrofilia* e biofilia, em seu livro *El corazón del hombre*, aderidos na teoria pedagógica de Paulo Freire. As metáforas foram empregadas para expressar, com mais assertividade, forças antagônicas atuantes entre classes sociais distintas. Sendo que essas duas palavras conotam diferentes e divergentes tipos de afeto nos relacionamentos humanos. Logo, a linguagem, que terá predominância no desenvolvimento desta escrita, será específica da área da Psicologia e da Psicanálise.

A formação intelectual e acadêmica do sociólogo e psicanalista de Frankfurt muito se deve às influências causadas pelos pensamentos de Sigmund Freud, que, por sua vez, também, constituiu-se por meio de muitas leituras, assim como as ideias frommianas estão presentes na construção da teoria freiriana. Literaturas específicas das Psicologias Social, Educacional e Cognitiva reforçarão o teor dos discursos.

5 Justificativa

A elaboração deste projeto acadêmico consiste no propósito de desenvolver investigações sobre temáticas que fazem parte do contexto de uma grave condição existencial: o impedimento de populações inteiras exercerem a vocação ontológica de serem mais e mais humanas. Por ser de ordem cultural e demandar urgente solução, esse problema é procedente de tramas políticas, que configuram indevidas realidades sociais, que há séculos afetam,

negativamente, a mente e a vida de milhões de indivíduos. Daí, a necessidade de um estudo de caráter minucioso baseado em argumentos sólidos, à luz da Psicologia e da Psicanálise, cujo intento não é apenas enfatizar conscientizações concernentes às injustas e opressivas relações de poder da classe abastada sobre a desfavorecida, mas, principalmente, fomentar decisões que sejam capazes de erradicar essa espécie de barbárie.

[...] a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos. (FREIRE, 1987, p. 30).

[...].

Para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das “situações-limites” em que os homens se acham quase coisificados. (FREIRE, 1987, p. 95).

É criminoso o sistema que se estrutura para manter na ignorância a espécie dotada com inteligência para se civilizar. É condenável qualquer processo que impeça à humanização dos indivíduos para, assim, submetê-los à canga, tornando difícil, trabalhosa e muito sofrida a sobrevivência deles, tolhendo-lhes as possibilidades das realizações pessoais. É preciso dar um basta, de uma vez por todas, nessa histórica espécie hedionda de violação aos sagrados direitos do ser humano; a esse delito inescrupuloso oriundo do poder político e econômico. É bárbara, sórdida e repulsiva qualquer posição, empenhada apenas em obter as coisas, que são de seus próprios interesses e em prol de desígnios egoístas. Para isso, opõe-se aos princípios éticos e morais, que devem ser defendidos a todo custo, considerando seus ideais em promover devidos deveres e direitos de cidadania favoráveis à boa convivência de todas as pessoas, sem qualquer tipo de discriminação de classe. É preciso implantar, na maioria dos países, um processo educacional voltado aos bons costumes e modos de proceder fraternos.

Na Introdução e no Capítulo I, serão apresentados dados biográficos dos autores Paulo Freire, Erich Fromm e Sigmund Freud, cujas linhas de pensamentos são a base para o desenvolvimento dos discursos, que constituem o conteúdo desta tese. A opção pelas categorias metafóricas *necrofilia* e *biofilia* consiste no propósito da realização de análises sobre algumas condições, que, historicamente, vêm afetando, de modo negativo, a mente e a vida das pessoas doutrinadas em um alienante sistema cultural, cujo meio social é governado pela velha e conhecida classe socialmente favorecida, acostumada a impor seus caprichos aos subalternos e, assim, obter benesses e privilégios, muitos dos quais somente possíveis por injustas e opressoras imposições às massas. Muitos intelectuais criticam e aspiram pela urgente mudança de tal situação, estabelecida em contínuo e criminoso processo de violação aos nobres direitos humanos.

Capítulo II – *Necrofilia* no contexto pedagógico, psicológico e psicanalítico. Erich Fromm empregou, muitas vezes, o termo *necrofilia*, em sentido metafórico, como um eficiente recurso linguístico para melhor expressar algumas de suas ideias, baseadas em fundamentos psicológicos e psicanalíticos, relativas às circunstâncias individuais e sociais do ser humano. As obras desse estudioso da mente humana, que teve importante participação na Escola de Frankfurt, influenciaram o pensamento de Paulo Freire, que, também, era muito sensível aos vários aspectos de domínios e violências praticados por aqueles que detêm o poder político e econômico, cuja prática é transformar em mercadoria tudo o que existe, inclusive seres humanos. O intento é sempre ter suas caprichosas e egoístas vontades atendidas. Essa condição, imposta de maneira opressora, necessita de urgente mudança.

Capítulo III – Biofilia no contexto pedagógico, psicológico e psicanalítico. Para que o conteúdo desta tese tenha melhor fundamento e seja mais elucidativo, será imprescindível a produção deste capítulo, que complementa o anterior, embora baseado em sentidos metafóricos do termo biofilia, cujos significados são antíteses aos da palavra *necrofilia*. Esta, enquanto se refere aos métodos utilizados pela classe dominadora habituada a usufruir benefícios e sempre com o sórdido intento de manter o controle, se possível, de tudo o que existe, inclusive mediante lógicas e culturas que tendem a coisificar os que não fazem parte de sua estirpe, os subservientes, que, por falta de conhecimento, são vítimas da desumanização, do cerceamento da oportunidade e liberdade de exercerem o sagrado direito de uma existência digna; aquele representa o amor à vida, que para conquistar o espaço tem diante de si um enorme desafio para a formação de uma sociedade imperada pela justiça, estabelecida em um sistema educativo transformador, libertador não apenas da opressão sofrida pela classe dominada, como, também, a utopia de curar os opressores dos males causados pelo vício do ópio do poder.

Finalmente, o propósito desta pesquisa visa à realização de uma análise sobre um sistema, que, há séculos, permanece estabelecido pela dita elite sempre interessada em tirar o máximo de proveito apenas para a gente de sua estirpe, amante de benefícios próprios. Essa realidade, configurada pela falta de respeito à dignidade humana, fere a sensibilidade de intelectuais como Paulo Freire e Erich Fromm, cuja obras não só delatam esse aparelhamento espúrio como, também, trazem à luz ideias, que, se praticadas, resultariam em uma verdadeira revolução, que ruiria os pilares que sustentam governos corruptos, nada patriotas, e poderes podres, de negativo nível moral. Uma das canções de Caetano Veloso, ilustra bem essa realidade:

Enquanto os homens exercem
Seus podres poderes
Morrer e matar de fome
De raiva e de sede

São tantas vezes
 Gestos naturais
 [...]
 Será que essa minha estúpida retórica
 Terá que soar, terá que se ouvir
 Por mais zil anos?³⁵

As suas obras conduzem à conscientização da urgente necessidade de se implantar um sistema educacional de elevada qualidade, indistintamente a todos. Pois esse é o meio mais eficaz contra a cultura antirracional, que bestializa o povo, pejorativamente alcunhado de gado.

A letra da música intitulada *Vida de Gado* (vide partes, da mesma, transcritas após a conclusão deste parágrafo), de autoria do cantor e compositor paraibano Zé Ramalho, tematiza a realidade, de modo categórico, da condição do povo (massa) subjogado pela ignorância e, principalmente, pelo domínio prático e ideológico da classe, constituída pela minoria, porém favorecida e poderosa por controlar, praticamente, tudo o que faz funcionar o organismo social, tais quais a economia, a política, a cultura, a tecnologia e até mesmo a religião, em regime “democrático”. Fora isso, no Brasil, por exemplo, durante os anos de 1964 a 1985, vigorou a ditadura militar, impositiva, opressora, e de “amordaçamento”, estabelecido pela censura. Isto é, os meios de comunicação, cuja função ideal é formar opiniões públicas, estavam sob rígidos policiamentos para impedir que informações, contrárias aos propósitos totalitaristas, fossem propagadas na sociedade, evitando, assim, riscos de ameaçar o sistema autoritário de governo, que, no intuito de garantir sua permanência, alegava manter a soberania nacional.

Vocês que fazem parte dessa massa,
 Que passa nos projetos, do futuro
 É duro tanto ter que caminhar
 E dar muito mais, do que receber.

E ter que demonstrar, sua coragem
 A margem do que possa aparecer.
 E ver que toda essa, engrenagem
 Já sente a ferrugem, lhe comer.

Ê, ô, ô, vida de gado
 Povo marcado, ê!
 Povo feliz!
 [...]
 O povo foge da ignorância

³⁵ Trechos extraídos da letra da música *Podres poderes*, composta e interpretada por Caetano Veloso. 1ª faixa, do lado A, do 16º álbum de estúdio do artista, intitulado *Velô*, lançado em 1984, pela gravadora Philips Records – Rio de Janeiro. A referência dessa obra de arte, nesta tese, parte do conteúdo de sua mensagem, que diz respeito à prática da corrupção como algo natural associado a aspectos culturais. Propagada, continuamente, pelos meios de comunicação de massa, a cultura espúria é um eficaz instrumento de alienação, que cega, ensurdece e bestializa a população de um país inteiro. A subserviente ignorância do povo muito colabora com a política fraudulenta dos poderosos, que ficam assegurados contra qualquer tipo de reação ou revolta.

Apesar de viver tão perto dela.
 [...]

Ê, ô, ô, vida de gado

Povo marcado, ê!

Povo feliz!³⁶

³⁶ Trechos extraídos da música *Admirável gado novo*, composta e interpretada por Zé Ramalho. 2ª faixa, do lado A, do seu 2º álbum solo, intitulado *A peleja do diabo com o dono do céu*, lançado em 1979, pela CBS – Rio de Janeiro. A letra, por excelência, poética, deste clássico da MPB, é perfeitamente apropriada ao contexto da produção textual deste trabalho acadêmico, por fazer referência a um estado que afeta, perversamente, a existência de milhões de pessoas. Essa situação ignominiosa, há muito tempo estabelecida e de raiz profunda, nunca deveria ser admitida. Jamais permitida em qualquer lugar do planeta. Razão pela qual a urgente necessidade de modificá-la. Trata-se de um histórico fator: a relação maldosa, abusiva e até desumana entre classes sociais, extremamente distintas denominadas de dominante e de dominada. Para a manutenção do *status* da favorecida, que representa a minoria de indivíduos, recursos absurdos são utilizados, inescrupulosamente, contra a maioria. Um deles é o acervo de culturas espúrias, que estimulam a bestialização do povo ignorante, acrítico pela ausência de discernimento inclusive daquilo que lhe causa prejuízo e sofrimento. A omissão de informações que denunciam o modo plástico de existir, adestra-o a uma lamentável “normalidade”, que contribui, principalmente, com sórdidos intentos da categoria política e interesses gananciosos de instituições financeiras. Diante dessa realidade, pode-se dizer, cruel, cabe descrever a seguinte pressuposição: os senhores, que exercem os mais importantes cargos públicos, em um país, em conluio com o capitalismo voraz de grandes empresários, não raro envolvidos em corrupções e falcatruas, movidos por suas ambições insaciáveis, aspiram pelo pleno controle de tudo e de todos. Esse fim é auxiliado, com muita eficácia, pelos, cada vez mais, sofisticados avanços tecnológicos e científicos, que manipulam o intelecto e o psicológico dos seres humanos incautos e incultos. Os donos do mundo, amantes de regalias, exigem, do proletariado, o cumprimento das muitas obrigações que lhes são impostas. Contudo, a motivação egoísta e o espírito de exploração, não só desvalorizam a mão de obra de seus operários, como, também, subtraem-lhes os direitos. Essa gente “superior” vê seus semelhantes “inferiores” como se fossem coisas. Logo, incapazes de atitudes de oposição à subserviência, que lhes avilta a dignidade. Acontece que o autoritarismo vem sofisticando suas estratégias com a descoberta da possibilidade de colonizar mentes ingênuas, vulneráveis a engodos e ideias enganosas, que lhes suscitam imaginações fantasiosas. A prática dessa abjeta proeza foi prevista na obra-prima *Admirável mundo novo*. Obra-prima da literatura universal. Ficção futurista de autoria do inglês Aldous Huxley, publicada em 1932. O enredo desse livro, que inspirou o título e a mensagem escrita e cantada pelo artista paraibano, apresenta um tipo inusitado de governo ditatorial com procedimentos diferentes dos que até então se conhecia, sem o comum uso da violência repressora, mas com muito mais eficiência de domínio. Esse poder centralizador e controlador sistematiza-se pelo viés do condicionamento causado pela alienação mediante a veiculação de conceitos ideológicos, dando à população uma constante ilusão de “felicidade” e realizações. Desta maneira, a injustiça reina, como algo natural, com passiva convivência da multidão, ingenuamente tola. Assim, a folgada liderança dessa hegemonia, cheia de prestígio, governa a bel-prazer o próprio conforto, com, praticamente, total segurança, na tranquilidade de não correr riscos de ser destronada. Para esses amantes da mordomia, o que mais os atemoriza é descerem de seus elevados pedestais de privilégios, em detrimento da qualidade de vida de quem se encontra, principalmente, na base hierárquica da pirâmide social. O que ameaça desbancar essa categoria execrável de poderosos, sem dúvida, é uma educação de qualidade. Se bem ministrado, o conhecimento, por ela propagado, é capaz de livrar povos, tribos e nações do jugo da servidão imposto pelos opressores, habituados a se beneficiarem, insensivelmente, do servilismo obediente, que atende aos seus caprichos. Faz-se necessária imediata revolução, não sangrenta, mas pela virtude e prudência da sabedoria, que opta pelo viés consciencioso e diplomático de instituir um novo paradigma de sociedade, que seja o extremo oposto do que está estruturado.

CAPÍTULO I – PERSPECTIVAS SOBRE O TEMA DA TESE

Os ganhos ou os danos dependem da perspectiva e possibilidades de quem vai tecendo a sua história. O mundo em si não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui identidade, sem o nosso pensamento que lhe confere alguma ordem. Viver, como talvez morrer, é recriar-se: a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Muitas vezes, ousada.³⁷ (Lya Luft).

Assim como uma boa pergunta ajuda a própria resposta, uma escrita bem elaborada facilita a compreensão da leitura. A finalidade exclusiva é de servir de guia, que contribua com as necessárias ênfases e explicações de alguns aspectos considerados relevantes e o aprofundamento das razões e das intencionalidades do autor, no contexto geral de sua obra, cujas proposições intelectuais alcancem seus desígnios mediante uma linguagem com atributos favoráveis à clareza da explanação do que se pretende transmitir ao público-alvo. A inteligibilidade é o fator crucial desta produção acadêmica, em respeito ao leitor interessado pelo assunto nela abordado, prestigiando-a com sua atenção.

Há um propósito no emprego de dois sentidos do termo *perspectivas*, relacionados ao encadeamento de ideias que fundamentam conceitos lógicos registrados no desenvolvimento dos discursos sobre o tema escolhido da produção textual desta tese, não somente engajado em princípios solidários, principalmente na defesa do bem comum, que possa ser compartilhado a todos, indistintamente, como, também, no exercício da função social de contestar e levantar questionamentos contra a prática histórica, e até mesmo cultural, de abusos de autoridade, violência física e psicológica cometidos pela prestigiosa classe socialmente favorecida, em seu *status quo*, regalada de bel-prazeres das coisas ambicionáveis deste planeta: bens materiais, dinheiro e poder.

Eles usavam seu poder e sua riqueza para extrair a última gota de prazer da vida, mas, ao fazê-lo, tinham de empregar implacavelmente todos os meios, desde a tortura física até a manipulação psicológica, para dominar as massas e para refrear os competidores dentro de sua própria classe. Todas as relações humanas eram envenenadas por esta feroz luta de vida ou morte pela manutenção do poder e da riqueza. (FROMM, 1986, p. 47).

Desde o surgimento da humanidade, gerações de senhores do poder e da riqueza, movidos pela ganância sem limites e pelo egoísmo imoderado, vêm cometendo enormes malefícios a seus semelhantes e irreparáveis danos à sociedade. Praticaram e continuam praticando todo tipo de violência física e psicológica. Um rastro de sangue, suor e lágrimas vem

³⁷ Disponível em: <https://fluiraovento.blogspot.com/2018/07/os-ganhos-ou-os-danos-dependem-da.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

sendo registrado em toda a história, como um testemunho contra os horrores e os pavores resultantes de suas ações hediondas. Uma força concomitante e oponente, também, atua vencendo batalhas. Neste embate, esta tese se arregimenta com propósitos fraternos à civilidade.

Esta tese de doutorado está comprometida, inerentemente, com o conhecimento, pois é produzida com o desígnio de ampliá-lo mediante aplicada pesquisa científica, que abrange observações, leituras, investigações e reflexões sobre um assunto de interesse social. A finalidade desse conjunto de processos metodológicos e analíticos é tornar mais nítidas as perspectivas do ponto de vista renovado a ser defendido, embora parta de teorias já conhecidas a respeito do tema escolhido. Nesse procedimento, é imprescindível a colaboração de outros autores, cujos pensamentos epistemológicos e ontológicos servem de referências e contribuem com a construção de discursos não de conteúdo inédito, mas original em sua essência. Nessa espécie de diálogo, os saberes se expandem porque não há nada nesse mundo que seja definitivo e imutável nas constantes descobertas e invenções. “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p. 58).

As perspectivas crítico-problematizadoras, de Paulo Freire, não se limitaram ao seu restrito e particular modo de ver e refletir sobre um dos aspectos que, historicamente, mais vem prejudicando milhões de seres humanos, como se fossem coisas. A classe socialmente favorecida, no exercício da gestão de poder, subjuga, sem escrúpulos, a massa populacional, socialmente desfavorecida, de precários recursos financeiros e educacionais, que não a permitem viver condignamente. Trata-se da realidade denominada de *necrofilia*. Tanto no contexto do livro *El corazón del hombre*, de Erich Fromm, quanto no clássico freiriano *Pedagogia do oprimido*, o emprego deste termo, de sentido figurado, relaciona-se aos evidentes e comprovados processos de desumanização cultural e social, que há muitos anos atuam no mundo.

Há uma poderosa força operante, oponente e prevalecente a todos os indiscriminados bons propósitos à existência humana. Essa lastimável condição é real e bem mais ampla do que se imagina, além de facilmente percebida em uma sociedade submetida a uma rede de sistemas perversos, que tolhem e/ou contrariam o direito a uma vida digna, da maioria dos indivíduos, fragilizados e vitimados pela ignorância. Essa enorme massa de gente, que constitui a base de uma pirâmide, que representa a hierarquia social, sofre injustiças impostas pelos que se encontram em camadas superiores. Sensível a essa cruel situação e plenamente ciente sobre como funciona o processo de manipulação, o pensamento de Paulo Freire, mediante seus princípios pedagógicos,

é contrário às ideologias “educacionais” dominantes e obstantes às intervenções de humanização e civilidade das pessoas pertencentes à classe considerada inferior e desfavorecida. Essa é a maior das perspectivas freirianas: “E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores” (FREIRE, 1987, p. 30). Sua teoria, se praticada, ajuda a humanidade a viver com mais autonomia. A perspectiva desta tese está engajada ao ideal de tornar reais os intentos humanistas da construção de um mundo bem melhor.

É bastante oportuna, nesse contexto, a referência da frase, a seguir, do escritor russo Leon Tolstói: “Sei que me dá grande força interior, calma e felicidade comunicar-me com grandes pensadores. Eles nos falam sobre o que é mais importante para a humanidade, sobre o significado da vida e sobre a virtude.”³⁸. Paulo Freire e os autores que o influenciaram tinham por características comuns a perspectiva do bem-estar dos seres humanos, em geral.

O olhar de esperança, de Paulo Freire, está além da indicação contrária da “pedagogia”, que, de um modo ou de outro, é mantida para corresponder aos interesses políticos da classe socialmente favorecida, acostumada, no percurso da história, a tirar vantagens da servidão dos que são subjugados pela falta de conhecimentos. A visão freiriana contempla a breve futura possibilidade da predominância de uma educação engajada, fundamentalmente, na formação democrática e emancipatória dos oprimidos, conduzindo-os à subversão libertadora, tornando-os cidadãos capazes de desenvolver pensamentos críticos, tanto os oponentes às normas “educacionais” alienantes quanto os favoráveis à configuração de uma sociedade mais justa e igualitária, onde não são admitidas mesquinhas lógicas discriminatórias e excludentes. Aliado à perseverante práxis desses ideais transformadores, o bom senso ainda aguarda o tempo em que, de modo consciencioso e oficial, seja estabelecido, definitivamente, um sistema de ensino e de aprendizagem regido por princípios empenhados na valorização e no enobrecimento desse mister, que dignifica todas as instituições de ensino, isto é, desde as séries iniciais aos mais elevados escalões acadêmicos. Esse recurso é o mais eficaz para reduzir os nocivos efeitos oriundos da ignorância, que, hostil ao bem-estar da civilidade, subalterna indivíduos e prejudica o desenvolvimento de qualquer nação.

As perspectivas humanitárias têm plenas convicções de que seus objetivos estão logo ali. Só precisam ultrapassar os obstáculos para serem alcançados. Os grandes entraves são postos e impostos por gente dotada de poderes, que tem condições políticas e financeiras para tomar decisões favoráveis a realizações de projetos que contribuem para um mundo melhor. Porém, não é o que costuma acontecer, pois, no patamar de seus envaidecimentos, gosta mesmo

³⁸ Pensador > Unanimidade. Disponível em: minhasfrases.blogspot.com. Acesso em: 10 out. 2020.

é de se sentir superior aos outros, motivo pelo qual tem rasas razões de não se interessar pelo progresso e o bem comum de outrem. Pois o que mais a importa é a manutenção de seu prestigioso *status quo*.

O processo educativo humanizador sempre foi o pensamento obsessivo de Paulo Freire por ser a chave que abre a mente da população, condicionada, acostumada e conformada a viver como se fosse irracional, bestializada em seus afazeres semelhantes aos de animais de tração. A classe reinante, habituada às vantagens da servilidade, obviamente, não cogita em perder essa mordomia. “O sistema não teme o pobre que tem fome. Teme o pobre que sabe pensar.” (DEMO, 2001, p. 320).

Tanto Freire quanto Fromm, na defesa de seus valores ideológicos humanistas, deixaram evidente que a cultura era assunto de relevância em seus pensamentos, pois ocupou espaços predominantes na contextualização de seus escritos. Portanto, nada mais apropriado e oportuno do que, a seguir, abrir um tópico para fazer uma abordagem sobre o mesmo.

1.1 Culturas

A palavra *culturas* foi grafada, de propósito, no plural para denotar uma noção da enorme amplitude e complexidade de seus significados. Abrange tudo aquilo que o gênio humano foi e é capaz de produzir no decorrer de sua história.

A cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração. Se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. (MORIN, 2007b, p. 56).

A espécie dotada com capacidade de raciocinar distingue-se das demais, a qual, por questão de sobrevivência, de segurança, tem plena necessidade de se manter em constante relacionamento com seus semelhantes. Mediante vínculos culturais, humaniza-se, suscitando em seu íntimo aspirações por estado de felicidade e realizações pessoais, durante todo o tempo de sua existência. Essa é uma temática muito abundante na produção escrita do psicólogo e psicanalista Erich Fromm (1986, p. 36, grifo do autor):

O homem nasce sem o equipamento para agir adequadamente, de que dispõem os animais; ele depende dos pais por mais tempo que qualquer outro animal, e suas reações ao meio são menos velozes e menos eficazes que as ações reguladas automaticamente pelos instintos. Ele passa por todos os perigos e temores que decorrem desta ausência de recursos instintivos. No entanto, esta mesma debilidade do homem é a base de que surge o desenvolvimento humano: *a fraqueza biológica do homem é o requisito da cultura humana*.

Baseado no que até agora foi apresentado, pode-se estabelecer, embora de maneira muito simplista, dois distintos tipos de cultura: o do mal, propagado e imposto pelos que intentam a alienação desumanizadora para melhor dominação, representado pelo termo *necrofilia*; o do bem, que busca a virtude, os bons propósitos, a civilidade na lucidez do ser humano, sem qualquer discriminação de classe social, centrado na palavra *biofilia*. Uma serve à elite, cuja principal razão de sua existência, embora tão efêmera, é estar no topo da pirâmide social, baseada numa lógica bárbara de controlar todos, tudo e coisificar seus semelhantes para, assim, ser servido e sentir-se superior, num narcisismo nefasto de apropriação e de apoderamento. A outra cultura parte do princípio da fraternidade, da convivência de afeto positivo entre os iguais, em que as oportunidades de realizações pessoais e os bem-estares sejam estendidos a todos os indivíduos, sem nenhum indício de separatismo ou exclusão.

A cultura opressora é histórica e parte da classe socialmente favorecida, governante, cuja ambição sádica de ter o controle geral sobre todas as coisas fundamenta racionalidades ilegítimas, que tolhem o processo natural de humanização das pessoas. Daí, a política, a economia, a religião, a educação etc., ao invés de oferecerem excelentes oportunidades de realizações pessoais para todos os indivíduos, tornam suas vidas desafortunadas. Segundo Freud (1996, v. XIV, p. 292), “[...] o ser humano está sujeito não só à pressão de seu ambiente cultural imediato, mas também à influência da história cultural de seus ancestrais”.

Aristóteles disse que “O homem é um animal social”³⁹. Essa expressão é constatável e pode ser ilustrada com o caso das irmãs Amala e Kamala⁴⁰ encontradas numa selva da Índia. Pelo pensamento lógico, as pequenas, que foram adotadas por uma família de lobos, comportavam-se como esses animais. Por esse prisma, deve-se considerar o enunciado de Fernandes (2006, p. 30): “Unicamente o grupo, o coletivo, a sociedade, são reais; somente através dessa realidade a instância individual se torna presente. Segundo essa concepção, o indivíduo seria produto de seu ambiente, seja ele consciente ou não disso”. No ambiente de convívio, as inúmeras peculiares experiências culturais e educacionais constituem a dimensão do universo da vida de cada ser humano. Inseridas no contexto histórico sociocultural, as

³⁹ Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/3802246>. Acesso em: 12 fev. 2021.

⁴⁰ Segundo o relato, Amala e Kamala foram encontradas pelo reverendo Singh, no ano de 1920. A primeira tinha a idade de, aproximadamente, um ano e meio, vindo a falecer um ano depois, por não se adaptar ao novo ambiente. A segunda, Kamala, contava com, mais ou menos, oito anos de idade, e viveu até 1929. Foram levadas para o orfanato que o religioso mantinha na cidade de Midnapore. Lá as duas foram submetidas ao lento e difícil processo de socialização. Não sabiam falar, andar e muito menos expressavam qualquer tipo de sentimento. A mais velha, aos poucos e de maneira sofrível, foi se humanizando. Atitudes de afeto foram surgindo aos poucos ao apegar-se àqueles que cuidavam dela. A princípio, comunicava-se por gestos e, por ocasião de sua morte, havia aprendido um vocabulário rudimentar de cinquenta palavras. Por falta de convivência social, não obtiveram características humanas, como pensar a própria existência, raciocinar de modo lógico, e sem desenvolvimento da capacidade intelectual.

peessoas se encontram sob a vulnerabilidade de condicionamentos. Se lhes são prejudiciais, o problema é ignorá-los, passivamente.

A convivência nas instituições sociais (família, escola, emprego) é de importância essencial para o ser humano, mas a integração com seus semelhantes não é isenta de aversões, hostilidades e conflitos. Embora as condições externas, ambientais e culturais, em que nasce e se desenvolve cada indivíduo, exerçam enorme influência em seu comportamento, não o satisfazem plenamente. Sempre deixa a desejar a estrutura interna de uma personalidade, singular, ímpar, indivisivelmente própria. Há muitos perturbadores desajustes e inaptações na relação entre a individualidade e a sociedade. “O homem enfrenta o conflito inevitável de ser parte da ordem social e estar separado dela. [...] Ainda nenhuma sociedade se desenvolveu capaz de satisfazer às necessidades do homem.” (LUNDIN, 1977, p. 33). Impulso instintivo e superego nem sempre se conciliam. “O sentimento de felicidade derivado da satisfação de um selvagem impulso instintivo não domado pelo ego é incomparavelmente mais intenso do que o derivado da satisfação de um instinto que já foi domado.” (FREUD, 1996, v. XXI, p. 87).

A personalidade é um sistema dentro de uma matriz de sistemas socioculturais. É uma “estrutura interna”, mergulhada em “estruturas externas”, com as quais interage. As estruturas externas (coletivas) não poderiam existir se os sistemas constituintes da personalidade fossem destruídos. Mas nenhuma personalidade poderia ser o que é, ou durar muito tempo sem os sistemas coletivos ambientais. (ALLPORT, 1973, p. 248).

Um dos grandes ideais das pessoas consiste em conviver, harmoniosamente, com seus semelhantes. A aspiração de ser feliz é inerente à alma das criaturas inacabadas, inconclusas, pensantes, que buscam ser mais. “Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio.” (Trecho do texto *O último discurso*, que Charles Chaplin, na voz de seu personagem Hynkel, proferiu no final do seu filme *O grande ditador*⁴¹). É impressionante a capacidade criativa do gênio humano de inventar e de fazer descobertas, que modificam todo o planeta a que pertence. A impressão que se tem é de que não há limites para a sua inteligência desenvolver suas ciências e tecnologias. Porém, parece não ter a simples sabedoria de exercer a fraternidade e, assim, tornar o mundo bem melhor para se viver. Na sequência dos enunciados chaplinianos, é dito:

⁴¹ Algumas coincidentes semelhanças entre Charles Chaplin e Adolf Hitler inspiraram a produção desse filme, no início do ano de 1937. O ditador nasceu em 20 de abril de 1889, quatro dias antes do ator, vide a data acima. Tinham o mesmo peso e altura. Foram crianças pobres e tornaram-se personalidades renomadas no mundo inteiro. A realização cinematográfica ocorreu antes do início da 2ª Guerra Mundial e atacava a política opressora, que o governante implantara na Alemanha. O cinema falado havia “matado” o famoso personagem Carlitos e o seu criador não gostou, mas o desenvolvimento tecnológico, ao preencher um espaço vazio, sempre se impõe. No entanto, *O grande ditador*, a primeira obra desse grande cineasta em que os personagens ganham voz, apresenta um dos mais belos e tocantes discursos da sétima arte. Foi o seu maior sucesso de bilheteria, lançado em 1940. Serviu de veículo de propaganda antinazista.

“O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos”. A natureza instintiva primitiva, impulsiva, egoísta, infelizmente, prevalece. Sobre isso, Freud (1996, v. XIV, p. 296) explica:

Os estudiosos da natureza humana e os filósofos de há muito nos ensinaram que nos enganamos ao considerar nossa inteligência uma força independente e ao negligenciar sua dependência em relação à vida emocional. Nosso intelecto, segundo nos ensinam, só pode funcionar de maneira digna de confiança quando afastado das influências de fortes impulsos emocionais; do contrário, comporta-se simplesmente como um instrumento da vontade e fornece a inferência que a vontade exige.

A espécie que se humaniza nasce frágil, cheia de necessidades e em total dependência de cuidados alheios. “O que falta a uma criança é compensado e fornecido pela mãe. Esta propicia a satisfação de todas as suas necessidades. O resultado é uma relação complementar, uma díade.” (SPITZ, 1983, p. 23). Nesta citação, há dois pontos de vista que devem ser ressaltados. O primeiro é que o ser humano vem ao mundo movido pelos instintos centrados em si mesmo; em justa manifestação egoísta de sobrevivência. O problema consiste em prevalecer a tendência desse egoísmo permanecer a vida inteira. O segundo é a atuação de uma pessoa provedora, a mãe, que estabelece, com seu filho, uma relação complementar, altruísta. A solução de muitas dificuldades nas interações sociais está na propagação da cultura do altruísmo. “Aprendemos que a *compulsão externa* exercida sobre um ser humano por sua educação e por seu ambiente produz ulterior transformação no sentido do bem em sua vida instintual – um afastamento ulterior do egoísmo para o altruísmo.” (FREUD, 1996, v. XIV, p. 293). A educação é um recurso muito eficaz na melhora de comportamento de um indivíduo.

1.2 Perspectivas educacionais

A verdadeira educação representa um instrumento capaz de ruir a estrutura de poderes pervertidos, que, por isso mesmo, é temida e impedida de ser implantada. Autoridades políticas egoístas e cruéis, que governam para si próprias, sem empatia e sem escrúpulos, costumam profanar o sagrado direito de seus súditos, julgados “inferiores”, tolhendo-lhes a dignidade de exercerem o desenvolvimento da potencialidade humana. Esse tipo de domínio e controle se destitui com a educação baseada na justiça. A legítima educação desvencilha os grilhões da subserviência. A real educação rompe as imposições do servilismo. A genuína educação desata os nós da sujeição. Educação fidedigna destrava as cadeias da submissão desonrosa. A autêntica educação resgata os cativos da falta de conhecimento. A educação de elevado nível ultrapassa os obstáculos da ignorância. A educação democrática é conscientizadora, crítica, aberta para a

criatividade e visa à autonomia na existência do ser humano. A educação original é fraterna, emancipadora, libertadora e que se opõe ao sistema educacional determinado pelos poderosos.

Em qualquer sociedade, o espírito da cultura inteira é determinado pelo daqueles grupos que são mais poderosos em tal sociedade. Isto se deve em parte a esses grupos terem o poder para controlar o sistema educacional – escolas, igrejas, imprensa, teatro – e, portanto, inculcar suas ideias a toda a população; ademais esses grupos poderosos desfrutam tanto prestígio que as classes inferiores mostram-se mais do que solícitas em aceitar e imitar seus valores e em identificar-se com eles psicologicamente. (FROMM, 1986, p. 97).

O poder de dominação tem raízes profundas e vem cada vez mais se sofisticando em suas estratégias de alienar a mente das pessoas, tornando-as presas de um sistema opressor e desumano. Apropria-se de tudo o que for possível para, cada vez mais, ampliar e ter controle sobre tudo e todos, incluindo favorecimentos dos avanços tecnológicos e científicos, invenções e descobrimentos, que intensificam as dificuldades e os desafios da educação engajada em obter espaço para realizar o intento de ser estabelecida uma organização, cujos preceitos sejam em prol de uma sociedade mais justa e, conseqüentemente, melhor. Afinal, se houver plena abertura de divulgação, os bons propósitos são sempre propensos a atrair, com facilidade, o interesse da população, pelos benefícios que têm a oferecer. Em razão disso, exercem fortes influências positivas e motivam elevadas e profundas aspirações.

1.3 Perspectivas psicológicas

Em relação à riqueza de conteúdo que constituiu a produção de sua obra pedagógica, Paulo Freire, também, interessou-se a respeito do conhecimento desenvolvido pela ciência que busca compreender as funções mentais, a formação da personalidade e o comportamento do indivíduo no meio social em que vive. Essa estreita convivência micro e macrossociológica deveria ser harmoniosa. Porém, não é. Uma sociedade hierarquizada por diferenças de classe costuma apresentar sérios problemas de ordem hegemônica. Essa condição injusta foi uma das maiores preocupações do educador. Diante dessa realidade, não só brasileira, mas de muitos outros países submetidos, principalmente, à colonização europeia, Freire recorreu, também, aos conceitos bem fundamentados de alguns especialistas que tratam da dinâmica de vários fatores que afetam o universo de experiências existenciais dos sujeitos, abrangendo processos cognitivos, perceptivos, emocionais, desenvolvimento da inteligência, motivações, influências de relacionamentos interpessoais etc.

Nessa perspectiva, é preciso desenvolver análises com visão focada em conceitos psicológicos e psicanalíticos sobre uns aspectos dos discursos freirianos, que tratam,

especificamente, de complicações oriundas de relacionamentos entre distintas categorias. O indivíduo e o social suscitam algumas questões: Por que a opressão e violência são passadas de geração a geração? O que motiva a classe dominante a ter forte sentimento de possessividade sobre o mundo e os seres humanos? O que é a consciência “necrófila”, que ama tudo o que é mecânico? Por que a elite tende a transformar tudo em objeto de domínio, inclusive coisificar o ser humano para atender os impulsos de comando? O que a Psicologia e a Psicanálise dizem a respeito dessas concepções extremamente materialistas e sádicas da existência? A perversão, no sentido psicanalítico da palavra, estende-se à classe dominada na condição de masoquista? De onde vem o seu desejo de incorporar os paradigmas de seus dominadores? Entre os dominadores e os dominados, há mesmo uma correlação íntima entre os termos sadismo e sadomasoquismo? Por outro lado, é mesmo possível o desenvolvimento social baseado na biofilia, isto é, no amor à liberdade plena da existência?

1.4 Perspectivas psicanalíticas

Os fundamentos da Psicanálise (teoria da alma) se originaram na Medicina, descobertos por Sigmund Freud. Foram subversivos no contexto sócio-histórico da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Suscitaram uma nova visão sobre o ser humano; ampliaram o entendimento a respeito da sua cultura, vivência e comportamento na sociedade da qual ele faz parte. Abrangem diversas áreas do saber: Educação, Psicologia, Literatura, Filosofia, Política, Música, Pintura etc. Porém, seus conceitos não são imutáveis, inquestionáveis e rígidos. Desde que foram instituídas, suas teorias vêm sendo debatidas e reformuladas. Pulsão de morte, destruição (*tanatos*). Pulsão de vida, de autopreservação (*eros*). Incluiu a criança como sujeito ativo. Moralidade que normatiza e calcifica os pensamentos. Consistem em um método não apenas terapêutico ou clínico, mas investigativo da trindade do aparelho psíquico, integrada entre si: inconsciente, pré-consciente e consciente da mente humana. A metapsicologia freudiana se estruturou a outros fenômenos do psiquismo denominados de Id, Ego e Superego. Os desejos e resistências do sujeito. Estas e outras categorias enriquecem e elucidam o conteúdo desta tese.

A Psicanálise muito influenciou as ciências humanas ao apresentar uma nova forma de compreensão a respeito da cultura, da moralidade e da ética. No entanto, sofreu dissensões por parte de muitos que participavam de sua expansão. Dentre os dissidentes, em alguns pontos de vista, Erich Fromm. As ideias freudianas, quando surgiram, causaram um verdadeiro escândalo nos meios acadêmicos e na sociedade em relação aos princípios morais vigentes na época,

principalmente aos relacionados ao modo de pensar a sexualidade, os preconceitos e tabus. Porém, firmou-se como enorme contribuição para o conhecimento humano. Com plena convicção de que, realmente, havia feito um descobrimento de extrema relevância, Freud (1996, v. XXI, p. 45) declarou: “[...] não se pode negar que a psicanálise é criação minha e que se deparou com muita desconfiança e má vontade”. Posteriormente, surgiram psicanalistas, tais quais Malanie Klein, Donald Woods Winnicott, Jacques Lacan etc., que contribuíram para o desenvolvimento deste importante ramo de saber, de essência e conteúdo revolucionários.

É dito que o desenvolvimento do pensamento científico deu três duros golpes no ego da humanidade, conhecidos como feridas narcísicas. O primeiro, de ordem cosmológica, foi desferido por Nicolau Copérnico⁴² e Galileu Galilei⁴³ com a teoria heliocêntrica, em oposição à geocêntrica. Defenderam que, por orbitar o sol, a terra não é o centro do universo, como se acreditava. O segundo, contra o teocentrismo, foi aplicado por Charles Darwin⁴⁴ com o evolucionismo, ainda, radicalmente, confrontado pelos criacionistas. A teoria darwinista da evolução biológica das espécies pretende retirar a natureza divina do homem. O terceiro, de

⁴² Nasceu no dia 19 de fevereiro de 1473, na Polônia. Morreu aos 70 anos de idade, em 24 de maio de 1543, na Polônia. Astrônomo, jurista, médico e matemático, criador da revolucionária Teoria Heliocêntrica do Sistema Solar, escrita em seu livro *Das revoluções das esferas celestes*, que contrariou a Teoria Geocêntrica - a terra como o centro do sistema. Preocupado, escreveu: “[...] quando dediquei algum tempo à ideia, o meu receio de ser desprezado pela sua novidade e o aparente contrassenso quase me fez largar a obra feita”. Aristóteles e Ptolomeu estruturaram o geocentrismo, aceito por muitos filósofos do século XV e pela Igreja Católica, que não criticou a teoria de Copérnico, pois se baseava apenas em observações a olho nu e por isso muitos cientistas foram cépticos às suas ideias.

⁴³ Nasceu no dia 15 de fevereiro de 1564, em Pisa – Itália. Morreu aos 77 anos, em 8 de janeiro de 1642, Florença – Itália. Por dois anos estudou Medicina, a gosto de seu pai, mas desistiu, por não achar a profissão interessante. Dedicou a vida fazendo o que quis. Foi astrônomo, físico, matemático e filósofo. Não inventou o telescópio refrator, mas foi o primeiro a usá-lo para fins científicos, como também o aprimorou para fazer melhores observações sobre corpos celestes, que muito contribuíram para a confirmação da Teoria Heliocêntrica de Copérnico. Suas descobertas foram registradas em sua obra *O mensageiro das estrelas*. A publicação desse livro lhe trouxe reconhecimento, mas também problemas, dentre os quais o fato de que as suas descobertas não lhe pertenciam, muitas delas, como as manchas solares, diziam que eram ilusão de ótica das lentes do aparelho de observar e a Inquisição (Tribunal do Santo Ofício) declarou que o heliocentrismo era herético, por contrariar princípios teológicos. Para evitar ser queimado vivo, negou a sua teoria, que estava correta, sendo considerado o “pai da ciência moderna”.

⁴⁴ Nasceu em 12 de fevereiro de 1809 – Inglaterra. Morreu aos 72 anos, em 19 de abril de 1882, na Inglaterra. Ele, também, recusou a estudar Medicina. Optou pelos estudos das ciências naturais. Foi biólogo, geólogo e naturalista. No ano de 1859, publicou o seu livro *A origem das espécies*, causando, na comunidade científica daquele tempo, um grande espanto. Porém, décadas posteriores aceitaram as suas ideias, tornando-se quase universal. Porém, a sua teoria, segundo alguns estudiosos, apresenta várias falhas e carece de muitas comprovações científicas, que nutrem o ceticismo. Descobertas de registros fósseis refutam a veracidade do gradualismo da evolução. Provam que as criaturas do passado eram bem mais robustas que as dos tempos recentes. Logo, testemunham o processo degenerativo e não o oposto como sugere a evolução, que denota aperfeiçoamento. Evolucionistas datam a terra com bilhões de anos para justificarem, nas longas eras, as mudanças genéticas dos animais, isto é, para que amebas se tornem seres humanos. Não se comprova que uma espécie foi transformada em outra. O conceito do arianismo, defendido por Adolf Hitler e sua política nazista, que a raça alemã descendia de pura linhagem de ser humano, teve inspiração na seleção natural, na sobrevivência do mais apto das ideias de Darwin. Sua teoria, antirreligiosa, serve de argumento àqueles que não acreditam em Deus. Há vários outros aspectos a serem controvertidos, mas não é este o foco deste trabalho.

caráter antropológico, foi dado por Sigmund Freud, para quem o inconsciente influencia e exerce governo sobre muitas ações do ser humano. Sendo assim, o consciente deixa de ser o centro da razão. Rompe-se a ideia cartesiana sobre o ser humano, que deixa de ser senhor de si mesmo. Isto prova o enorme poder de alguns fundamentos ideológicos, capazes de mudar, radicalmente, o modo de pensar e de ser da humanidade.

1.5 Perspectivas sobre o Materialismo Dialético

Essa concepção filosófica marxista é imprescindível no contexto desta tese; partindo do prisma da implantação do capitalismo e da efetivação da burguesia, no século XIX, a sociedade e a cultura, estabelecidas em determinado ambiente, modelam e são modeladas pelos animais racionais. Isto quer dizer que o social e o psicológico estão, de modo inerente, relacionados com a matéria, originadora do poder aquisitivo e das forças produtivas representadas e dependentes da mão de obra, que garante a subsistência dos assalariados. Daí, origina-se o diferenciador de classes: a de existência privilegiada de poucos e a de carência e sofrimento da maioria. Desse processo econômico, surge o fator que determina a organização política e a infraestrutura dos meios sociais, onde o trabalhador, sem perceber, pensa e age como se fossem naturais as condições de vida em que são submetidos e explorados, pois as atividades que exercem resultam em desenvolvimento monetário e, conseqüentemente, maior obtenção de lucros para os patrões, os tais empregadores.

Marx acreditava que a maior parte do que pensamos sobre nós e os outros é uma ilusão, é “ideologia”. Acreditava que nossos pensamentos individuais formam-se de acordo com as ideias desenvolvidas por uma determinada sociedade, e tais ideias são condicionadas pela estrutura e modo de funcionamento da sociedade. (FROMM, 1967b, p. 18-19).

Nessa conjuntura, para favorecer a manutenção de si mesma, a classe socialmente favorecida constitui ideologias defensoras de seus próprios interesses e as propaga em todas as instituições sociais, abrangendo culturas, direitos, leis etc. São pensamentos coesos aos princípios desumanos da hegemonia colonizadora e subordinadora de mentes. “Marx queria libertar o homem das cadeias da dependência, da alienação, da escravidão à economia” (FROMM, 1967b, p. 19). Sobre esse tema, Erich Fromm escreveu o livro *Medo à liberdade* e Paulo Freire propunha a libertação não só do oprimido, mas também do opressor, cativo de seu egoísmo. Sobre esse tema, produziu pelo menos três obras: *Educação como prática da liberdade*; *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*; *Os cristãos e a libertação dos oprimidos*.

As obras de Erich Fromm e as de Paulo Freire revelam que suas formações intelectuais foram influenciadas, também, pelos pensamentos de Karl Marx. Os três autores fixaram suas visões no ser humano, na sociedade e na alienante cultura de consumo do capitalismo, em que tempo é dinheiro e ter é a grande razão da existência das pessoas. “A teoria ‘materialista’ da história, de Marx, é entendida habitualmente como a afirmação de que a principal motivação do homem é o desejo de satisfação material, o desejo de usar e ter cada vez mais.” (FROMM, 1967b, p. 40). O ser humano em sua incompletude, inconclusão e desamparo tende com facilidade a se tornar presa do sistema enganoso capitalista de ser completo, concluso e amparado pelos bens materiais que se adquire. Se ainda não os tem, deseja obtê-los mesmo que lhe custe o enorme sacrifício de negar a sua própria essência humana.

1.6 Perspectivas sobre dados biográficos dos autores principais desta tese

O psicólogo e psicanalista Erich Fromm (1967b, p. 9), a respeito do entendimento, que se adquire mediante narrativas autobiográficas, relativo aos fatores que fundamentaram e determinaram a construção de valores e princípios próprios no decorrer da existência de um indivíduo, escreveu o seguinte:

Se um homem indagar como veio a interessar-se pelos setores do pensamento que viriam a ocupar o lugar mais importante de sua vida, não lhe será fácil encontrar uma resposta simples. Talvez tenha nascido com uma inclinação para certas questões, ou talvez tenha sido a influência de certos professores, ou de ideias em voga, ou de experiências pessoais, que o levaram ao caminho de seus interesses posteriores – quem sabe qual desses fatores terá determinado o curso de sua vida? Na verdade, se quiséssemos saber precisamente o peso relativo de todos eles, nada menos de uma detalhada autobiografia histórica seria necessária para tentar dar as respostas.

Nessa linha de pensamento, os relatos memoriais contribuem, principalmente, para a compreensão do que foi a base e o motivo da realização de um trabalho acadêmico, em razão do mesmo não ser desvinculado da história de vida de quem o elaborou, abrangendo assuntos específicos da área de conhecimento em que se graduou e/ou se especializou. Daí, a *Apresentação*, parte integrante do conteúdo desta tese, em relação ao tema, cumpre relevante função pela exposição de algumas particularidades do autor: experiências, interesses, influências e formações em ensino superior.

O legado pedagógico de Paulo Freire tem tudo a ver com a história de sua vida. Muitos de seus valores e princípios são oriundos de suas experiências, somadas às influências de grandes pensadores de distintas áreas do conhecimento humano. Alguns eram seus amigos particulares, outros mediante a realização de leituras de obras consagradas. Erich Fromm foi

um desses autores, cujas ideias foram referenciadas pelo educador. Os conceitos frommianos baseados no binômio *necrofilia* e *biofilia*, assunto principal desta tese, tiveram plena aderência ao pensamento freiriano, principalmente, em seu clássico *Pedagogia do oprimido*. Em razão disso, os dados biográficos deste intelectual, que pertenceu à Escola de Frankfurt, foram produzidos com mais detalhes, em páginas posteriores deste trabalho, considerando a riqueza de informações coerentes ao que há de mais essencial nos discursos aqui desenvolvidos.

Embora, por motivos lógicos, Sigmund Freud seja um autor referência em, praticamente, todo o contexto desta produção acadêmica, seus relatos biográficos não são aprofundados como os de Fromm, que, além de psicólogo, teve formação na literatura psicanalítica. Sobre a obra freudiana, não há registros de que Paulo Freire tenha feito leituras ou demonstrado algum interesse; entretanto, na teoria de ambos coincide o emprego de algumas categorias idênticas ou com semelhanças de sentido, que, conceitualmente, convergem-se na compreensão da vida em sociedade e do comportamento do ser humano. Dessa inter-relação, constata-se aproximações de pensamentos entre esses dois consagrados intelectuais, que, em suas respectivas disciplinas, contribuem com perspectivas educacionais freirianas relacionadas a reflexões oriundas de fundamentos da Psicanálise. A conjunção desses dois ramos do conhecimento constitui um campo fértil a ser pesquisado, pois em quase nada foi explorado. Logo, representa um filão, que atende o propósito da realização deste trabalho e de muitos outros do mesmo gênero.

1.6.1 Paulo Freire

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921. Morreu em São Paulo, aos 75 anos, em 2 de maio de 1997. Foi alfabetizado pela sua mãe. Em 1943, ingressou na Universidade do Recife, para cursar Direito. Formou-se, mas não quis exercer o ofício na área de advocacia. Preferiu ser professor, lecionar Língua Portuguesa na escola Oswaldo Cruz, em Recife, onde foi aluno. Na juventude, descobriu sua vocação para o ensino. Sua família, apesar de classe média, com a depressão de 1929⁴⁵, experienciou a pobreza e a

⁴⁵ Conhecida como *quinta-feira negra*, no dia 24 de outubro de 1929, iniciou o pior período de recessão econômica do sistema capitalista. Teve longa duração, persistindo durante a década de 1930. Só terminou com o advento da Segunda Guerra Mundial. A consequência afetou, duramente, diversos países, dentre os quais o Brasil. Quebra das ações na Bolsa de Valores, em que muitos perderam tudo o que tinham. Acentuadas quedas no PIB (Produto Interno Bruto). Declínio na produção industrial e na agricultura. Elevado nível de desemprego. Esta situação contribuiu com o surgimento e a ascensão do nazismo e regimes ditatoriais. Após o fim da Primeira Guerra Mundial, países da Europa estavam devastados. Daí os Estados Unidos da América tiveram grandes lucros com exportações de alimentos e produtos manufaturados. Para atender a demanda, houve um enorme crescimento nas produções, incentivos ao consumo, que resultaram em prosperidade econômica

fome. Desde então, movido pela sensibilidade, passou a se preocupar com as pessoas de alma rasgada pelo estado miserável de existência, às margens da sociedade, vítimas da ignorância. Resolveu dedicar sua vida em ajudá-las. Partiu para ações e se tornou não apenas um dos maiores educadores do mundo, mas também filósofo. O princípio de sua teoria pedagógica é seguir um método democrático, de valorização e respeito à dignidade humana. Tornou-se o brasileiro mais homenageado em todo o mundo. Recebeu dezenas de títulos de *Doutor Honoris Causa* de diversas universidades europeias e americanas. Foi homenageado com o Prêmio Unesco de Educação para a Paz, no ano de 1986, além de outros galardões. Mediante a Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012, foi declarado o Patrono da Educação Brasileira. Porém, no país em que nasceu, o reconhecimento de seus méritos ainda deixa muito a desejar.

Para ele, o estudante tem uma aprendizagem bem mais eficiente se dentro da realidade do próprio mundo em que vive e se encontra familiarizado. Daí, criou um método de alfabetização revolucionário, que inspirou gerações de professores. Fora de seu universo, de seu âmbito cultural, é possível que, por falta de interesses ou necessidades, seja nula a motivação para assimilar conhecimentos, e o estímulo para a aprendizagem tende a não vigorar. Nessa condição, o sistema “educacional” bancário destitui a vitalidade dos alunos, tornando-os passivos ao submetê-los à escolarização de didática alienante, que os subjuga com imposições ideológicas opressoras, sem lhes oferecer formação de consciência política, cujos conteúdos disciplinares não correspondem às aspirações naturais do ser humano progredir em seus ideais, sentir-se na plenitude de uma existência honrada pela dignidade da autonomia.

Além de talentoso escritor e autor de vários livros, seu currículo na área da Educação é extenso. Em 1947, foi indicado ao cargo de diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social no Estado de Pernambuco. Em 1961, passou a exercer a função de diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife. No ano de 1963, no Rio Grande do Norte, no curto tempo de 45 dias, trezentos cortadores de cana aprenderam a ler e a escrever, com um método inovador de alfabetização, desenvolvido por ele. Devido à eficácia do ensino e aprendizagem, tal método foi, no início, adotado em Pernambuco. Posteriormente, inspirou o Plano Nacional de Alfabetização, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) e ao nacionalismo desenvolvimentista do presidente da República João Goulart. Em 1969, foi convidado para ser professor visitante da Universidade Harvard. Em 1975, na Suíça,

conhecida como *American way of life* (modo de vida americano). Porém, houve o restabelecimento da economia europeia, que diminuiu as importações norte-americanas, com drásticos encalhes de mercadorias, pois a oferta era maior do que a procura, que paralisou o comércio causando a avalanche da crise da superprodução. Essa é uma das razões relativas à origem desse gravíssimo problema, que não só prejudicou a nação norte-americana, mas vários países. A respeito desse assunto, há outras explicações e teorias.

atuou como consultor educacional do Conselho Mundial das Igrejas e, na mesma época, foi consultor em reforma educacional em colônias portuguesas como Moçambique e Guiné-Bissau, na África. Na gestão de Luiza Erundina (1989-1992), exerceu o cargo de Secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo. Lecionou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo...

A filosofia educacional freiriana apresenta não apenas abordagens influenciadas pelos pensamentos de Platão, mas, também, pelas ideias de marxistas e anticolonialistas. O conteúdo do seu livro mais lido no mundo – *Pedagogia do oprimido* – tem uma relação muito estreita com a obra intitulada *Os condenados da terra*, de autoria de Frantz Fanon⁴⁶, que era enfático na necessidade de estabelecer, à população nativa, uma educação moderna, oposta à tradicional e anticolonial, que interrompa a que servia de extensão ideológica e cultural do colonizador, pois no sistema de ensino convencional está entrelaçada a dominação social de raça e classe. Freire tinha uma preocupação com a ontologia do ser humano. A condição de sujeito histórico com possibilidades de atuar na transformação da realidade do mundo e de si mesmo. A Educação, com “E” maiúsculo, elucida a condição de sua existência e aguça o senso crítico. No processo de ensino e aprendizagem, a humanização acontece.

1.6.2 Erich Fromm

Erich Seligmann Fromm nasceu em Frankfurt – Alemanha, no dia 23 de março de 1900. Faleceu em Muralto – Suíça, aos 18 de março de 1980, cinco dias antes de completar 80 anos de idade. Seu pai e sua mãe eram judeus. Sua vida foi permeada por dois distintos mundos: o do tradicional judaísmo ortodoxo e o do capitalismo moderno. Tinha formação em Psicologia e Sociologia, pela Universidade de Heidelberg – Alemanha. Doutorou-se em Filosofia na Universidade de Munique e se especializou em Psicanálise no Instituto Psicanalítico de Berlim. Estudou as obras de Freud, cujos pensamentos muito o influenciaram, tornando-se um dos

⁴⁶ Frantz Omar Fanon nasceu no dia 20 de julho de 1925, em Fort-de-France – Martinica. Com apenas 36 anos de idade, vítima de leucemia, morreu em Bethesda – Maryland, na data de 6 de dezembro de 1961. De ascendência francesa e africana, foi ensaísta marxista, filósofo e médico psiquiatra. Engajado na luta pela independência da Argélia. Seus pensamentos a respeito da psicopatologia da colonização e da descolonização foram de grande influência no século XX e no atual. Fez análises sobre as afetações e as consequências psicológicas, tanto no colonizado quanto no colonizador, e o processo da descolonização, considerando aspectos psiquiátricos, filosóficos e sociológicos. O poeta Aimé Césaire foi seu professor e muito influenciou o seu pensamento e o que escreveu. Durante a Segunda Guerra Mundial, aliou-se às tropas da França Livre. Durante o tempo em que trabalhou no hospital do exército francês, na Argélia, até então colônia francesa, assistiu atrocidades de guerra de libertação entre a dominação colonial e a Frente de Libertação Nacional. Resolveu unir-se à resistência argelina. Enfermo e ciente de que lhe restava pouco tempo de vida, apressou a escrita do seu livro *Os condenados da terra*. Foi muito influenciado pelos pensamentos de Jean Paul Sartre.

principais defensores da Psicanálise em razão de conhecer bem a epistemologia dessa ciência. Foi diretor do Instituto de Pesquisas Sociais, na Escola de Frankfurt. Teve muito interesse em compreender os efeitos culturais, as forças que governam a sociedade, assim como a vida dos indivíduos. No ano de 1970, Erich Fromm publicou o seu livro *A crise da Psicanálise – Ensaios sobre Freud, Marx e a Psicologia Social*. Obra considerada, dentre as demais que produziu, a mais contemporânea em razão de tratar da evolução desta área do conhecimento, considerando o surgimento de métodos terapêuticos mais eficazes por apresentarem melhores resultados em tempo reduzido e menos dispendiosos. Sua linha psicanalítica foi denominada de humanista por ser vinculada à Sociologia, isto é, focada na convivência humana no meio social, abrangendo fatores culturais, não imune de problemas, dentre muitos, o do autoritarismo, que fere a dignidade do ser humano. Viveu a tragédia das duas grandes guerras mundiais, dizendo-se incapaz de compreender a irracionalidade das ações bélicas que dizimaram milhões de vidas.

Com a ascensão do Nazismo e a tomada de poder de Hitler, primeiramente se mudou para Genebra, cidade suíça, alcunhada de “Cidade da Paz”, pelo fato de ter sido o local onde foram assinados vários tratados em prol da paz mundial. Ele, depois, emigrou para os Estados Unidos, em 1934. Não só na América como, também, no México, exerceu a carreira de psicanalista e professor. Com sua linha de pensamento e sua terapêutica, provocou muitas polêmicas ao unir Psicanálise com a teoria marxista. Defendia a ideia de que o ser humano resulta de princípios biológicos e culturais. A época em que viveu contribuiu muito com a produção de sua teoria.

Ele mesmo dizia: “[...] o período histórico no qual tenho vivido tornou-se um infalível laboratório social” (FROMM, 1967b, p. 15). Certamente, tal contexto o levou a produzir obras que tratam de questões relacionadas aos regimes totalitários, à alienação social, à violência e ao humanismo. Tornou-se um ferrenho opositor ao cruel e desumano sistema capitalista, que emprega mecanismos de grande influência nas relações sociais e econômicas, como profissional da ciência empenhada com os estudos dos processos mentais e comportamentais do ser humano, abrangendo suas interações com o ambiente físico e social.

Outro aspecto que deve ser destacado é a busca por conceitos de grandes pensadores que possam esclarecer, explicar e até mesmo aplacar questões perturbadoras de um futuro grande teórico, como seu caso em relação a Sigmund Freud e Karl Marx e suas grandes declaradas e comprovadas influências intelectuais.

Perturbavam-me profundamente as questões relacionadas com os fenômenos individuais e sociais, e ansiava por encontrar uma resposta. Tive-a nos sistemas de Freud e Marx. [...]. Meu principal interesse estava claramente delineado: queria

compreender as leis que governavam a vida do homem individual e as leis da sociedade – ou seja, do homem em sua existência social. (FROMM, 1967b, p. 14).

É de praxe, os grandes pensadores “beberem” da fonte das ideias de outros mentores reconhecidos pela importância da qualidade de seus trabalhos. Semelhantemente, Paulo Freire, para fundamentar muito bem a sua teoria pedagógica – que o tornou internacionalmente renomado – precisou recorrer, também, aos mais eminentes representantes profissionais da área que estuda os fenômenos psíquicos, dentre os quais, Erich Fromm, com quem, sabe-se, há uma estreita identidade no modo de ambos pensarem o mundo, tal qual a seguinte declaração: “Quanto mais insano e desumanizado parece tornar-se este nosso mundo, mais sentimos a necessidade de nos aproximarmos e de trabalharmos junto dos homens e mulheres que partilham de nossas preocupações humanas.” (FROMM, 1967b, p. 15). É o estabelecimento de diálogos convergentes capazes de causar revoluções.

Sobre o pensamento comum, deve haver desconfiança, reflexão crítica concernente ao juízo que o ser humano faz de si e dos outros. Para Marx, as ideologias são estruturadas e condicionadas por ilusórios conceitos formulados de acordo com interesses econômicos e sociais. Para Freud, grande parte das ideias das pessoas não corresponde à realidade. Esta se encontra no emaranhado do inconsciente. “Ambos tinham a mesma desconfiança implacável dos clichês, ideias, racionalizações e ideologias que enchem a mente das pessoas constituindo a base do que erroneamente tomam pela realidade.” (FROMM, 1967b, p. 19). O interesse de Marx era tornar o ser humano ciente da dependência de seu modo de pensar e, assim, livrá-lo da alienação de sua maneira hierarquizada e condicionada de viver, estabelecida pela divisão de classes sociais. Para Freud, as ilusões tornam a miséria da vida humana suportável. Essa condição enfraquece a pessoa. Uma vez livre da falsa consciência, a verdade a tornará forte e capaz de mudar a sua realidade. “Enquanto para Marx a verdade era uma arma para as modificações sociais, para Freud ela servia às modificações individuais...” (FROMM, 1967b, p. 20). Freud exerceu o papel de reformador liberal e Marx o de revolucionário radical.

Fromm parte da ideia de que há, nos seres humanos, uma natureza comum. “[...] todo indivíduo encerra em si não somente sua individualidade, mas também toda humanidade com todas as suas potencialidades” (FROMM, 1967b, p. 31). Não só se humanizam em suas culturas ambientes, mas as modificam e criam novas culturas, mudando a si mesmos e o curso da história.

Fromm faz referência a Freud, dizendo que o ser humano, em seu estado primitivo, desfruta de plena satisfação, em que todos os seus instintos atuam sem nenhuma restrição.

Porém, ao produzir culturas e, conseqüentemente, a civilização, as mesmas levam à restrição, ou mesmo à abstenção, de saciar descabidas inclinações instintivas.

Quanto mais a civilização cresce, mais o homem sublima, mas também frustra seus impulsos libidinosos originais. Torna-se mais prudente e mais culto, mas de certa forma menos feliz do que o homem primitivo, e cada vez mais sujeito a neuroses, conseqüência de excessiva frustração dos sentidos. Assim, o homem se torna descontente com a civilização mesma que cria. (FROMM, 1967b, p. 36).

A visão de Marx está voltada para o ser humano, não em sua evolução individual, mas histórica. Pode-se observar o choque entre o crescimento das forças produtivas e as formas políticas, sociais e econômicas. Em outras palavras, a relação da espécie humana com a natureza. No princípio histórico, a espécie depende plenamente dos meios naturais. Conforme a domina e a transforma, novas configurações surgem e alteram radicalmente o modo de vida das pessoas. Emancipa-se da mãe natureza, desenvolve capacidades emocionais e intelectuais podendo ser independente. “Para Marx, a história é uma marcha na direção da autorrealização do homem; a sociedade, quaisquer que sejam os males produzidos, é a condição para a autocriação e a revelação do homem.” (FROMM, 1967b, p. 39). A análise comparativa entre o pensamento de Freud e de Marx indica visões diferentes e coerentes do indivíduo e da sociedade.

Marx entende que a principal motivação humana são os bens materiais, que favorecem os fundamentos capitalistas: ter vale mais do que ser e esse princípio deforma o ser humano. Para Marx, o Materialismo Histórico indica que a forma de produção do ser humano determina a prática e o seu modo de vida, assim como sua maneira de pensar a estrutura social e a política do ambiente em que vive. A economia não deixa de ser um fator psicológico, porém, objetivo e não subjetivo. “Condições econômicas diferentes podem provocar motivações psicológicas diferentes.” (FROMM, 1967b, p. 42). Para Freud, a motivação humana consiste na sexualidade. Contudo, faz-se necessária uma escala hierárquica de necessidades, que lembra a pirâmide de Maslow. O ser humano, antes de se dedicar à religião, à arte, à ciência, à política etc., precisa comer, beber e ter abrigo. Essa necessidade o subjuga ao empregador.

Os indivíduos não se sentem autônomos de suas próprias ações, seus pensamentos, sentimentos etc. De certa forma, esse estado psicológico não é saudável.

Charles Chaplin, em seu clássico *Tempos Modernos*, protagoniza um operário assalariado de uma fábrica; por necessidade de subsistência, submete-se a uma constante movimentação mecânica em seu trabalho, que o leva a contrair um distúrbio mental, precisando ser internado para a recuperação da saúde. Esse personagem representa todos aqueles que se sujeitam a tais condições desumanizadoras de vida. Apesar disso, tornam-se bajuladores de seus

padrões. No consultório de Psicanálise, essa subserviência costuma se manifestar nos pacientes que se apaixonam, temem ou odeiam seu analista. Freud denomina esse fenômeno como transferência de sentimentos experimentados por um indivíduo quando criança em relação aos pais, figuras de autoridade. É uma espécie de idolatria. O necessitado tende a adular o seu empregador pela sua razão de cada dia.

Para Freud, como já foi mencionado, somente o ser humano primitivo pode ser considerado como sadio, pois não sofre frustração, repressão e não tem necessidade de sublimar. O indivíduo civilizado não goza de plenitude e não é autossuficiente. Para Marx, o sujeito independente, livre, é ativo, produtivo, dinâmico, que luta energicamente pelo objeto de seu desejo. “O homem independente de Freud é o que se emancipou da dependência da mãe; o homem independente de Marx emancipou-se da dependência da natureza.” (FROMM, 1967b, p. 67).

A coerência de si mesmo institui o caráter de uma pessoa em relação às suas ideias. Porém, é preciso constatar se suas ideias são verdadeiras. “O homem é motivado a agir e pensar de determinadas formas pelo seu caráter e ao mesmo tempo encontra satisfação no simples fato de agir assim.” (FROMM, 1967b, p. 74). Se o modo dele agir não corresponde à realidade, faz-se necessária uma análise profunda e atenta para que haja conscientização e livramento do engano que se instalou em sua mente, e, com isso, conseqüentemente, a sociedade tenha transformações que melhorem sua condição de vida. Possível? Sim! Difícil? Sem dúvida! O próprio núcleo familiar atua como um agente psíquico da sociedade, pois transmite às crianças o que é exigido no âmbito social. Os pais influenciam seus filhos a condutas que correspondem ao que é socialmente convencionado e aceito. “[...] a ideia da autoridade e ordem também está profundamente implantada na existência humana.” (FROMM, 1967b, p. 84). Numa sociedade, os indivíduos que a constituem têm caráter, naturalmente, diferenciados. “O processo social só pode ser compreendido se partirmos do conhecimento da realidade do homem, suas propriedades psíquicas e fisiológicas...” (FROMM, 1967b, p. 80).

É dito que o adequado funcionamento da sociedade depende do elo entre a estrutura social e as ideias das pessoas que a constituem. Segundo Freud, a relação do indivíduo com a sociedade não é saudável. Seu inconsciente é um depósito de desejos reprimidos. “Freud reconheceu que *a maior parte do que é real dentro de nós mesmos não é consciente* [...]. A pessoa que não conhece o fenômeno do inconsciente está convicta de que diz a verdade ao dizer o que sabe.” (FROMM, 1967b, p. 87, grifo do autor). Segundo Fromm, na Psicanálise freudiana, além de ser voltada para o indivíduo, o conceito de repressão se estende também para a dimensão social. “Quanto mais a sociedade se desenvolve em formas superiores de civilização,

mais os desejos instintivos se tornam incompatíveis com as normas sociais existentes, e, assim, mais a repressão terá de ocorrer.” (FROMM, 1967b, p. 90). As normas sociais funcionam como um poderoso e enorme superego nas mentes das pessoas, que as constituem. Para o pensamento de Marx, pode-se dizer que a citação a seguir está de pleno acordo: “Embora o homem acredite que seus pensamentos moldam a existência social, os fatos revelam o inverso: a realidade social é que molda seu pensamento.” (FROMM, 1967b, p. 99). Em outras palavras, para Marx, o que determina a consciência é a existência social; influências externas formam o consciente. Logo, o ser humano não é livre. A liberdade depende do abandono das ilusões que lhe são impostas e que o tornam dependente e prisioneiro de ideologias falsas, que, mediante a língua, penetram a consciência do sujeito. Qualquer sociedade tem necessidade, irracionalmente, de reprimir a consciência de seus membros quanto às suas observações e sentimentos. Se a maioria descobre que é enganada, corre o risco de colocar em perigo a ordem existente. “O rebanho é tão importante para o indivíduo que suas opiniões, crenças, sentimentos, são para ele a realidade, mais do que aquilo que seus sentidos e sua razão lhe indicam.” (FROMM, 1967b, p. 119). O que acontece é que a maioria está identificada e, conseqüentemente, em conformidade com os clichês sociais. Pode-se chamar este fenômeno de enganosa educação.

O pensamento de Freud atacava a insinceridade dos valores da Era Vitoriana concernente à “inocência” e “pureza” da criança em relação ao tabu da sexualidade. “O sistema de Freud foi de desafio às ideias e preconceitos existentes. Inaugurou uma nova era do pensamento, correspondendo ao progresso das Ciências Naturais e da arte.” (FROMM, 1967b, p. 127). Muito criticada e ridicularizada nas suas primeiras décadas de existência, a Psicanálise, por fim, foi aceita pela ciência social e teve ampla popularização em praticamente todos os ramos culturais. “O sexo deixara de ser um tabu, e falar livremente de desejos incestuosos, perversões sexuais, e coisas semelhantes, deixou de ser chocante para a classe média urbana.” (FROMM, 1967b, p. 128-129). Fromm tece duros comentários críticos sobre os resultados não muito positivos da Psicanálise. Ele usa, inclusive, a expressão “deterioração da psicanálise”. “A finalidade do tratamento é, com frequência, ajudar a pessoa a adaptar-se melhor às circunstâncias existentes, à ‘realidade’, como se diz frequentemente.” (FROMM, 1967b, p. 131).

Em relação a Marx, Fromm diz que as ideias do autor de *O Capital* estão voltadas para o humanismo, para a libertação do ser humano da hegemonia das condições econômicas, que o impedem de ser pleno em sua autonomia. “[...] o marxismo tinha como objetivo a sociedade humanista que transcende do capitalismo, uma sociedade que tivesse como finalidade a plena realização da personalidade individual...” (FROMM, 1967b, p. 134). O autor compara as ideias

baseadas em fatores históricos de Marx, incomparavelmente superiores às ideias centradas apenas no indivíduo de Freud.

Fromm declara que a história dos conhecimentos científicos é cheia de equívocos. Os pensamentos de Freud e Marx não são exceções dessa regra. Contudo, ele afirma: “O que importa não é que a última descoberta seja necessariamente a última palavra da verdade, mas que seja frutífera, que leve a novas descobertas...” (FROMM, 1967b, p. 143).

Fromm diz que acredita que a educação é o melhor legado da raça humana. Essa foi também a crença do humanista Paulo Freire, explícita, enfaticamente, em suas obras. Sobre a educação, Fromm (1967, p. 163) registrou o seguinte: “[...] como grande parte desse legado é expresso em palavras, só será efetivo se as palavras se tornarem realidade na pessoa do professor e na prática e estrutura da sociedade”. Outra crença de Fromm é de que, desde o nascimento de um indivíduo, seu desenvolvimento é um processo contínuo. “A tarefa do homem na vida é precisamente a tarefa paradoxal de compreender sua individualidade e ao mesmo tempo transcendê-la e atingir uma experiência da universalidade.” (FROMM, 1967b, p. 164). Esta citação é coerente com a afirmação freiriana de que o ser humano é inconcluso e incompleto.

1.6.3 Sigmund Freud

Sigmund Schlomo Freud, de família judaica, nasceu em Freiberg in Mähren – município na República Checa, na região da Morávia, no dia 6 de maio de 1856. Morreu aos 83 anos de idade, aos 23 de setembro de 1939, em Londres – Inglaterra. Médico neurologista e fundador da Psicanálise, deu origem a uma nova forma de compreender o ser humano, que, pela ótica biopsicossocial, vive sob influências de seus desejos, sentimentos, ambientes e é dotado de razão imperfeita. Mediante utilização da hipnose em pacientes histéricos, acessou conteúdos mentais, dando início ao desenvolvimento de conceitos teóricos tais quais inconsciente, pré-consciente e consciente (primeira tópica ou modelo topográfico); Id, ego e superego (segunda tópica ou modelo estrutural). A princípio, as suas ideias foram marginalizadas pela própria classe médica. “[...] a psicanálise é criação minha; durante dez anos fui a única pessoa que se interessou por ela, e todo o desagrado que o novo fenômeno despertou em meus contemporâneos desabafou sobre a minha cabeça em forma de críticas.” (FREUD, 1996, v. XIV, p. 18). Contudo, posteriormente, outros médicos passaram a aderir à teoria, elaborada com esmerada averiguação acadêmica. “[...] as descobertas de minha análise estão em condições de falar por si.” (FREUD, 1996, v. III, p. 204).

O nome Freud é conhecido por muitos, mas poucos têm conhecimento da essência e profundidade da obra que ele produziu com genialidade. Suas ideias se tornaram populares e inseridas, praticamente, em todas as esferas da cultura ocidental, abrangendo, inclusive, a Educação e a Teologia. Ele é considerado um pensador sobre o absurdo da existência humana. Escreveu mais de duas dezenas de livros, um legado precioso, resultado de suas pesquisas sobre o poder da influência das instâncias mentais. Desde muito jovem, iniciou estes seus estudos e descobertas com dedicação apaixonada até o fim de seus dias. A teoria psicanalítica é uma vertente do conhecimento, por excelência, humana. Especificamente, voltada para a particularidade deste ser pensante e complexo, inserido num mundo complexo e de relações complexas. Tratando-se de aspectos educativos, obviamente, os fundamentos psicanalíticos não lhes são indiferentes. Pelo contrário, direta ou indiretamente, há muitas menções a respeito, pois a capacidade de pensar se origina em atos instrutivos.

Quanto aos pensamentos, Freud afirma que a mente atua na área da semântica, isto é, desenvolve-os num intrincado sistema de linguagem. As perspectivas de defesa desta tese se baseiam em pensamentos, que devem estar muito bem fundamentados, que, também, abrangem algumas categorias da Psicanálise, mediante o emprego de termos, cujos significados elucidam as ideias que o autor pretende transmitir. Tais quais, por exemplo: a) racionalização, em que é desenvolvida uma argumentação aceitável, convincente e persuasiva, capaz de até justificar atitudes deformadas de convivência; b) projeção, que representa distorções entre o mundo interno e externo de um sujeito, o que lhe é intrínseco e indesejável, que tende a perceber, projetar e censurar no outro; c) regressão, ou o retorno de etapas anteriores do desenvolvimento de um indivíduo, modo de expressões primitivas; d) formação reativa, em que o ego desvia a direção de um desejo e o sujeito passa a adotar uma atitude oposta ao que queria; e) recalque, que ocorre quando alguém “não ouve” “não vê” o que está ocorrendo e parte da realidade é suprimida.

No parágrafo anterior, foram apresentadas, em caráter de exemplos, algumas categorias, que são empregadas em capítulos posteriores. Outras mais figuram por ampliar, aprofundar e enriquecer o contexto dos discursos.

A Psicanálise foi elaborada com fundamentos criteriosamente rigorosos, comparada às investigações de um exímio arqueólogo cavando vestígios históricos. Em razão disso, seu autor figura no rol da galeria dos grandes sábios da humanidade. Consagrou-se como um dos maiores pensadores do século XX. Suas ideias, no mundo inteiro, influenciaram, praticamente, todas as áreas do saber, inclusive às produções artísticas de vários gêneros: literatura, cinema, teatro, música, pintura, etc. Isso quer dizer que a sua teoria representa uma fonte que jorra referências

elucidativas para pesquisadores de vários ramos do conhecimento, principalmente os da área humana, tais quais psicólogos, pedagogos e professores. Paulo Freire, como já foi mencionado, não expressou interesses pelos pensamentos de Freud, entretanto, declaradamente, foi muito influenciado pelo intelecto de Erich Fromm, psicanalista freudiano.

1.6.4 Karl Marx

Nasceu no dia 5 de maio de 1818, em Tréveris – Alemanha. Morreu em 14 de março de 1883, aos 64 anos, em Londres – Inglaterra. Foi jornalista, economista, sociólogo, historiador, filósofo e revolucionário socialista. Sua obra sobre economia muito contribuiu para se entender sobre a relação entre o capital e o trabalho. Autor de vários livros, dentre os quais, destacam-se *O manifesto comunista* e *O capital*. Em Paris, para onde se mudou em 1843, conheceu aquele que se tornaria seu grande amigo e colaborador, Friedrich Engels. Ao ser exilado, em 1849, foi com sua esposa para Londres. Suas teorias sobre a política, economia e sociedade, conhecida como marxismo, defendem a ideia de que é através das lutas de classes que as sociedades progredem, entre os controladores e controlados. O Estado, ao invés de representar os interesses comuns dos cidadãos, protege os da classe socialmente favorecida e gera antagonismo entre o proletariado e a burguesia. Seus pensamentos, elogiados por uns e criticados, negativamente, por outros, influenciaram sindicatos, partidos políticos e intelectuais.

A teoria de Marx se baseia na concepção materialista da História e é substancialmente crítica e deve ser prática contra as sociedades capitalistas. Ele compreendia que, sobre a ideia, predominava a materialidade. Sobre o trabalho, ele o compreendia como uma atividade fundante da humanidade e que se desenvolve socialmente, mas ele percebeu o caráter alienante do trabalho, por haver divisão social entre os que tinham posses e os que não, dando origem às classes socialmente favorecidas, que têm o poder dos meios de produção, e a dominada, sujeitada à dominante para sobreviver. O Estado aparece para estruturar e manter a produção e assegurar os interesses dos abastados. Quanto à religião, sistematicamente, ele não se ocupou muito, mas cria que não passa de fabulação humana e que suas concepções espirituais servem para desresponsabilizar o ser humano das consequências de seus atos e que serve para consolar os carentes e oprimidos, como se fosse um ópio. Sobre assuntos metafísicos, seus discursos expressam, claramente, o seu ateísmo.

Em seu conceito, toda revolução deve ser com violência, justificada pelo fato de que o Estado sempre tende a coagir com truculência para manter o poder político, que não emana do consenso geral, mas trata em particularidades de grupos abastados e poderosos, em detrimento

dos desfavorecidos. Em relação à História, a realidade comove os atores num drama histórico e ocorre dentro do materialismo dialético definido como uma dialética realidade-idealidade evolutiva. Isto é, a práxis ocorrida entre a realidade e as ideias. A história é produção humana e as ideias surgem das circunstâncias. O fazer história depende das condições subjetivas e objetivas. Durante muito tempo, a teoria de Karl Marx foi ignorada. Uma nova consciência nem sempre é compreendida de imediato. A teoria de Freud, como já foi mencionado, também passou pelo desdenho e estranheza de seus contemporâneos.

Em conclusão, esta parte do trabalho lança um olhar mais amplo e aprofundado sobre a Introdução, ao mesmo tempo em que traz à luz categorias e atores que atuam nos conteúdos dos próximos capítulos.

CAPÍTULO II – *NECROFILIA* NO CONTEXTO PEDAGÓGICO, PSICOLÓGICO E PSICANALÍTICO

A tarefa do homem é ampliar essa margem de liberdade, fortalecer as condições que levam à vida, em contraposição às que levam à morte. (FROMM, 1967b, p. 162).

[...] el individuo necrófilo ama todo lo que no crece, todo lo que es mecánico. La persona necrófila es movida por un deseo de convertir lo orgánico em inorgánico, de mirar la vida mecánicamente, como si todas las personas vivientes fueren cosas. Todos los procesos, sentimientos y pensamientos de vida se transforman en cosas.⁴⁷ (FROMM, 1966, p. 40-41).

Mesmo uma sociedade onde a segurança e a justiça estejam presentes pode não ser favorável ao amor à vida se a autoatividade criadora do indivíduo não for fomentada. Não basta os homens não serem escravos; se as condições sociais oferecem a existência de autômatos, o resultado não será amor à vida, porém amor à morte. (FROMM, 1967c, p. 57).

Esta violência, como um processo, passa de geração a geração de opressores, que se vão fazendo legatários dela e formando-se no seu clima geral. Este clima cria nos opressores uma consciência fortemente possessiva. Possessiva do mundo e dos homens. Fora da posse direta, concreta, material, do mundo e dos homens, os opressores não se podem entender a si mesmos. Não podem ser. Deles como consciências necrófilas, diria Fromm que, sem esta posse, ‘perderiam el contacto con el mundo’. Daí que tendam a transformar tudo o que os cerca em objetos de seu domínio. A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu comando. (FREIRE, 1987, p. 45-46).

O presente capítulo tem por objetivo fazer algumas abordagens a respeito do perverso e tradicional processo responsável pela causa do fenômeno da desumanização da maioria de pessoas que constituem a população de um país. A consequência nefasta é o “falecimento” da capacidade de vida inteligente do ser humano, reduzido a uma coisa qualquer, para que ele seja, cada vez mais, explorado como se fosse um objeto comum, subjugado à servilidade obediente e sem contestação. Para isso, a eficaz estratégia é o explorador colonizar a mente de suas vítimas, com suas ideologias. Poderosas influências de culturas espúrias são implantadas, impostas e propagadas pela classe favorecida pelo domínio econômico e político, hegemônica e opressora, auxiliada pela avançada tecnologia dos meios de comunicação de massa. A palavra-chave utilizada para o desenvolvimento destes discursos, que fazem parte da constituição desta tese, é uma figura de linguagem, que foi muito empregada em obras de autoria de Erich Fromm e de Paulo Freire. Trata-se da metáfora *necrofilia*, que abrange outras categorias, tais quais sadismo, masoquismo e sadomasoquismo.

⁴⁷ Tradução: “[...] a pessoa necrófila ama tudo que não cresce, tudo o que é mecânico. É impelida pelo desejo de transformar o orgânico em inorgânico, de aproximar-se da vida mecanicamente, como se todas as pessoas vivas fossem coisas. Todos os processos, sentimentos vivos e pensamentos vivos são transformados em coisa.”

Literalmente “necrofilia” significa “amor aos mortos”, assim como “biofilia” significa “amor à vida”. O termo é costumeiramente utilizado para designar uma perversão sexual, qual seja o desejo de possuir o corpo morto (de uma mulher) para relações sexuais ou um desejo mórbido de estar na presença de um cadáver. Mas, como ocorre amiúde, uma perversão sexual apresenta apenas uma imagem mais ostensiva e clara de uma orientação encontrada em muitas pessoas sem mescla sexual alguma. (FROMM, 1967c, p. 41).

O conceito de consciência *necrófila*, muito empregado por Erich Fromm em seu livro *El corazón del hombre*, que tanto influenciou o pensamento de Paulo Freire, baseia-se em um dos setores da natureza humana à luz de fundamentos psicológicos. Embora o termo, em sentido figurado, não conste na literatura da Psicanálise, está relacionado à categoria *tanatos*⁴⁸, amor à morte.

[...] o primeiro fenômeno que temos de examinar é o fato de haver certos setores da natureza do homem que são mais flexíveis e adaptáveis do que outros. Os anelos e traços de caráter em que cada homem difere dos demais revelam uma grande dose de elasticidade e maleabilidade: amor, destrutividade, sadismo, a tendência à submissão, a sede de poder, o alheamento, o desejo de autoengrandecimento, a paixão de poupança, a fruição do prazer sexual e o temor à sensualidade. Estes e muitos outros anelos e medos que se encontram nos homens formam-se como uma reação ante certas situações da vida. Eles não são especialmente flexíveis pois uma vez que se tenham tornado parte do caráter de uma pessoa, não desaparecem nem se convertem em outro impulso com facilidade. (FROMM, 1986, p. 23-24).

A estrutura do conhecimento se sustenta nas influências culturais e no psiquismo. O desenvolvimento mental de um indivíduo e seu modo de pensar podem ser entendidos e, ao mesmo tempo, conduzidos pelas consistências teóricas da área da Psicologia e da Educação, que devem ser cada vez mais estudadas devido às muitas possibilidades de averiguações. Temas relativos ao processo educativo são possíveis de estabelecer diálogos com fundamentos de variados ramos psicoeducacionais. Isto é, empenhados em estudos da mente. Importam nos seguintes aspectos: férteis campos para pesquisas, que contribuem para as práticas pedagógicas democráticas, correspondentes aos princípios da educação humanista, conscientizadora, que pode resultar na libertação da ignorância e da servidão dos indivíduos pertencentes à classe economicamente desfavorecida, proporcionando-lhes condições de atender seus anseios e aspirações. Nessa dimensão, de certo modo, prever um futuro com projeto de sociedade mais justa, igualitária, comprometida em tornar, realmente, a população mais esclarecida e culta. Este fator não só depende de profissionais competentes, especialistas e qualificados. É preciso,

⁴⁸ No *Dicionário de Psiquiatria*, de Campbell (1981, p. 595-596), o termo *tanatos* é assim definido: “Segundo Freud, existem dois grupos de pulsões. À pulsão de vida deu o nome de Eros, à outra chamou pulsão de morte ou Tanatos. ‘A bem da clareza, repetirei numa frase os três estágios no desenvolvimento das ideias de Freud sobre a dualidade dos instintos [pulsões]. O primeiro foi o contraste entre instintos [pulsões] sexuais e do ego; o segundo, o contraste entre amor do objeto ou libido aloerótica e libido autoerótica ou narcisista; e o terceiro é o contraste entre pulsões de vida e de morte, entre Eros e Tanatos.’ (Jones, E., Papers on Psycho-Analysis 1938)”.

acima de tudo, de um efetivo comprometimento daqueles que exercem elevados cargos governamentais de uma nação.

O ser humano tem profundas e inerentes necessidades, que devem ser supridas para que possa sentir-se bem consigo mesmo e adequado à cultura do meio social em que vive. Para isso, ele é dotado de enorme capacidade de se condicionar ao estilo de vida imposto de sociedade. Sendo assim, tem a sensação compensatória de estar seguro, integrado e feliz ao ambiente em que convive com seus semelhantes. Contudo, as influências externas exercidas sobre o seu modo de pensar e viver podem corresponder aos interesses de quem tem poder de lhe dominar. Isto é, suas motivações, pseudoespontâneas liberdades, podem não ser conscientes, comparadas às cordinhas que movimentam um fantoche, tendo sua integridade e seu eu pessoal, conforme afirma Erich Fromm (1986, p. 28), vale enfatizar, estudioso do comportamento humano:

Há alguns fatores da natureza humana que são fixos e imutáveis: a necessidade de satisfazer impulsos fisiologicamente condicionados e a de evitar o isolamento e a solidão moral. Vimos que o indivíduo tem de aceitar o estilo de vida radicado no sistema de produção e distribuição a qualquer dada sociedade. No processo de adaptação dinâmica à cultura, formam-se diversos impulsos poderosos que motivam as ações e sentimentos do indivíduo. Este pode ter ou não consciência de tais impulsos, mas de qualquer maneira eles são poderosos e exigem satisfação uma vez formados. Esta discussão girará sempre em torno do tema principal deste livro: o de que o homem quanto mais liberdade adquire na aceção de emergir da união original com os outros homens e com a Natureza, tornando-se cada vez mais um “indivíduo”, não tem outra alternativa que não a de unir-se ao mundo na espontaneidade do amor e do trabalho produtivo, ou de procurar uma espécie de segurança por meio de vínculos com o mundo que lhe destruam a liberdade e a integridade de seu eu individual.

É conveniente mencionar que ideologias pseudopsicológicas e pseudoeducacionais são alvos de denúncias de profissionais e pesquisadores de ambas as áreas, como são constatadas na referência acima deste parágrafo e a seguir: “Em nossa cultura, entretanto, a educação por demais amiúde tem como resultado a eliminação da espontaneidade e a substituição dos atos psíquicos originais por sentimentos, pensamentos e desejos sobrepostos àqueles” (FROMM, 1986, p. 192). Elas servem de instrumentos de manipulação, que contribuem para que interesses hegemônicos se realizem. A sutileza de suas aplicações tem efeitos muito eficazes como, por exemplo, a culpabilização da criança e da família ou a responsabilização do aluno pelo seu mal desempenho escolar. Pautadas em modelos alheios aos métodos pedagógicos, contrariam verdadeiros ideais psicológicos constitutivos da ação educativa potencializada por perspectivas interdisciplinares, cujos objetivos são intervenções em prol de projetos educacionais democráticos, que objetivam a formação de professores para consequentes qualidades do ensino e aprendizagem e visam ao desenvolvimento dos estudantes, assim como de apoio à inclusão, indiscriminadamente.

Neste contexto, sobre a realidade da “educação” de uma criança, é indispensável a menção do pensamento de Erich Fromm (1986, p. 193) a respeito:

Para começar, a maioria das crianças possui certa dose de hostilidade e rebeldia como consequência de seus conflitos com o mundo que a rodeia e que tende a bloquear sua expansividade, e a que sendo o elo mais fraco, geralmente elas têm de ceder. Um dos objetivos da educação é eliminar esta reação antagônica. Os processos divergem; vão desde ameaças e castigos, que atemorizam a criança, até os mais sutis de suborno ou “explicações”, que a confundem e fazem-na desistir de sua hostilidade. A criança principia abrindo mão do próprio sentimento. Junto com isso, ela é ensinada a suprimir a percepção da hostilidade e insinceridade nos outros...

2.1 *Necrofilia*, a palavra, a produção textual e o “diálogo” entre autores

Duas citações, extraídas da *Apresentação* e transcritas neste parágrafo, são bastantes condizentes à abertura desta parte do trabalho, representando a coerência e a coesão referentes ao desenvolvimento de todos os discursos, que constituem o conteúdo desta tese. A primeira: “A língua, abundante matéria-prima dos literatos, oferece amplas condições de produção de textos, além de configurar a marca do estilo peculiar de cada escritor.”⁴⁹ Isto se comprova com o emprego da palavra *necrofilia*, assunto principal de todo o contexto deste capítulo. A segunda: “Há uma multiplicidade de vozes que se interagem nas relações dialógicas. Exposições de ideias compartilhadas favorecem a ampliação de conhecimentos sobre o ser humano e o mundo.”⁵⁰ Em outras palavras, a sequência da temática não está centralizada somente nos pensamentos pedagógicos de Paulo Freire e psicológicos de Erich Fromm, mas, também e necessariamente, em conceitos psicanalíticos de Freud, assim como, conforme conveniências, em expressões de vários outros autores.

Há muita ciência no efeito de persuasão das palavras e enorme poder de modificar ideias capazes de alterar comportamentos. As expressões verbais de um falante cumprem a sua função somente se muito bem concatenadas, entendidas e, principalmente, se importantes para o ouvinte. Do contrário, o que ele diz repercute pouco ou em nada. As palavras redigidas por um escritor apenas são influentes se impressionarem a percepção intelectual do seu leitor. A metodologia de conscientização de Paulo Freire parte do princípio cognoscitivo de elaborar uma mensagem, cuja codificação seja de fácil compreensão e, absolutamente, necessária àqueles que precisam decodificá-la. Ele era, plenamente, cômico de que palavras enganosas se combatem com as que não são. “[...] os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que

⁴⁹ Vide página 14 da *Apresentação*.

⁵⁰ Vide páginas 14 e 15 da *Apresentação*.

mistificam, massificam e dominam.” (FREIRE, 1987, p. 21). Nesse caso, o termo *necrofilia* servirá de delação.

2.2 Definição denotativa e conotativa do termo *necrofilia*

Necrofilia, no sentido denotativo, literal, vem do grego νεκρός/necro (morto, cadáver) e φιλία/filia (amor). Atração mórbida de praticar coito com cadáveres. Trata-se de grave e rara parafilia⁵¹, distúrbio do comportamento sexual, considerado insano, extremamente anormal e de elevado grau de perversão. Uma pessoa, mesmo em estado de falecimento, não se torna isenta de respeito e nem sua dignidade é anulada. Essa sagrada condição jamais deveria ser profanada, transgredida. No entanto, o necrófilo desconsidera esses princípios ao fazer uso de cadáver como objeto de seu prazer copular. Este ato absurdo é praticado desde eras remotas antigas. Não havendo flagrante nessa espécie de ato criminoso, a inércia e o silêncio natural da vítima morta protegem o “estuprador” de ser penalizado pelas sanções legais. Por certo, não é uma regra geral, mas se sabe que portadores dessa patologia psíquica costumam optar por empregos em funerárias, institutos médicos legais ou cemitérios, por apresentarem condições que facilitam as ações de seus desejos fúnebres. A terapia cognitivo-comportamental é a mais indicada para pacientes que apresentam esse tipo de desvio de conduta, socialmente inadequado.

A vida surge para se desenvolver de modo estruturado e funcional. Porém, a classe de pessoas de consciência necrófila ama a materialidade inorgânica, o que é mecânico e contribui para a permanência de seu *status quo*.

Enquanto a vida se caracteriza pelo crescimento numa maneira estruturada e funcional, a pessoa necrófila ama tudo que não cresce, tudo o que é mecânico. É impelida pelo desejo de transformar o orgânico em inorgânico, de aproximar-se da vida mecanicamente, como se todas as pessoas vivas fossem coisas. Todos os processos, sentimentos vivos e pensamentos vivos são transformados em coisa. Memória em vez de experiência, ter em vez de ser, é o que interessa. (FROMM, 1967c, p. 44).

⁵¹ Vem do grego παρά, *para*, “fora de”, e φιλία, *philia*, amor. O desvio do desejo sexual se dá no objeto, isto é, no tipo de parceiro, não no ato em si. Algumas teorias psicológicas consideram inofensivas determinadas parafilias por fazer parte da psiquê “normal”, exceto quando potencialmente perigosas ou prejudiciais para o sujeito ativo ou passivo, classificadas como graves distorções da preferência sexual na CID-10 – classe F65. (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde). A função é monitorar a prevalência e incidência de doenças, mediante padronização universal. Masturbação, sexo anal, sexo oral e homossexualidade, em termos de comportamentos parafilicos, já foram considerados como perversões em grau elevado. Isso indica que, depende do lugar e do momento histórico das convenções sociais em voga. Nos dias atuais, a ciência tem avaliado e ampliado as variações aceitáveis das complexidades sexuais. A necrofilia é uma aberração que extrapola qualquer limite, comparada ao fetichismo, voyeurismo, exibicionismo, masoquismo ou sadismo.

Imagem 10 – Foto: *necrofilia* comum extraída de um site



Fonte: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/7-fatos-terríveis-sobre-necrofilia/>. Acesso em: 1 nov. 2020.

Quanto ao termo *necrofilia*, em sentido conotativo, no pensamento de Erich Fromm e de Paulo Freire, concerne à lamentável realidade de um mundo sob a posse e o controle de um grupo minoritário poderoso, abastado e egoísta, que, centrado em seus próprios interesses e benefícios, estabelece, convencionalmente, o *modus vivendi* de sujeição dócil da maioria, subalterna e servil, não favorecida de recursos materiais e desprovida de conhecimentos, que a emancipem dos padrões alienantes. Isto é, a elite normatiza costumes, hábitos, cria regras de comportamentos, que constituem a cultura de suas ideologias em prol dos propósitos de manter a regalia de seu *status quo*, sem risco de qualquer ameaça. “No fundo, porém, o messianismo contido na sua ação não pode esconder o seu intento. O que eles querem é salvar-se a si mesmos. É salvar sua riqueza, seu poder, seu estilo de vida, com que esmagam os demais.” (FREIRE, 1987, p. 143).

A *necrofilia*, no sentido figurado, refere-se aos inter-relacionamentos de reciprocidades absurdas, de extremas desigualdades, sob a insígnia da injustiça, por isso, cheias de perversões, que alteram normalidades de convívio entre os semelhantes, invertem valores morais e até contrariam leis da natureza. São fatos recorrentes entre classes de diferentes posições sociais. A superior, insaciada de benesses, trata a inferior como se fosse objeto ou coisa, que lhe favorece bel-prazeres. Essa maneira de “integração” anômala, doentia, muito mais do que se imagina, mantém-se sistematizada em muitas sociedades nos tempos atuais. Relatos históricos comprovam que esse fenômeno, por longas datas, vem desrespeitando, profanando esses

sagrados direitos humanos, de populações inteiras, tolhendo-lhes oportunidades de progredirem e definhando a digna possibilidade de cada indivíduo ser mais, em sua existência. A prática dessa violação hedionda deve ser severamente punida, por cercear a liberdade, o livre arbítrio, das pessoas exercerem o natural avanço no progresso de sua própria condição humana. A liberdade autoritária de oprimir e de escravizar está, totalmente, fora da legalidade. Em razão disso, deveria estar extinta, há muito tempo, devido à “síndrome de deterioração”. Conforme Erich Fromm (1967c, p. 24),

As três orientações, quando combinadas, formam a “síndrome de deterioração”, aquele que impele os homens a destruir por amor à destruição e a odiar por amor ao ódio. Em contraste com a “síndrome de deterioração”, descreverei a “síndrome de crescimento”; este consiste em amor à vida (em contraste com amor à morte), amor ao homem (em contraste com o narcisismo) e independência (em contraste com a fixação incestuosa simbiótica). Só em escassa minoria de pessoas qualquer um desses síndromes está plenamente desenvolvido. Mas não pode negar que todo homem avança na direção por ele escolhida: a de vida ou de morte; a do bem ou do mal.

A última frase da citação acima deixa evidente que as condições de bem e de mal são questões de escolha de cada ser humano. Por um lado e de modo bem distinto, há os que optam por estabelecer realidades insensatas a respeito da vida e de seus semelhantes, como é indicado o intento da classe socialmente favorecida. Há os que preferem seguir princípios humanitários; almejam uma sociedade em que prevaleça a justiça, o bem-estar e o crescimento das pessoas, sem qualquer tipo de discriminação.

2.3 Autoritarismo *versus* liberdade: sadismo

O autoritarismo é o estabelecimento de um regime despótico, que consiste no poder centralizado em apenas um indivíduo ou pequeno grupo combinado, harmonizado, em seus propósitos de domínio sobre tudo e todos. À luz tanto da Psicologia quanto da Psicanálise, Fromm apresenta duas interessantes definições. Uma diz respeito aos intentos egóicos da personalidade de uma pessoa: “O denominador comum a todo o pensamento autoritário é a convicção de que a vida é determinada por forças extrínsecas ao ego do homem, e seus interesses e desejos” (FROMM, 1986, p. 140). A outra se refere à relação de transtornos psíquicos no mínimo entre dois indivíduos: “A essência do caráter autoritário foi descrita como a presença simultânea de impulsos sádicos e masoquistas” (FROMM, 1986, p. 177).

O termo *liberdade* é tema muito recorrente nas obras de Erich Fromm, que presenciou os horrores da Primeira Guerra Mundial e, principalmente, por ser judeu, a barbárie que caracterizou a Segunda Guerra Mundial, deflagrada por ideologias de ditadores inescrupulosos.

A palavra liberdade também é assunto vasto no conteúdo dos livros de Paulo Freire, que sofreu prisão e exílio durante a ditadura militar no Brasil. O psicólogo e psicanalista de Frankfurt apresenta alguns questionamentos que remetem à reflexão. Veja a seguir:

São estas as perguntas principais que se impõem quando contemplamos o aspecto humano da liberdade, a ânsia de submissão e a sede de poder: Que é a liberdade como experiência humana? É o desejo de liberdade algo inerente à natureza humana? É uma experiência idêntica independente do tipo de cultura em que a pessoa vive, ou difere de acordo com o grau de individualismo atingido em uma determinada sociedade? É a liberdade apenas a ausência de pressão externa ou é também a presença de algo – e, em caso afirmativo, de quê? Quais são os fatores sociais e econômicos da sociedade que contribuem para o anelo por liberdade? Pode a liberdade tornar-se um fardo por demais pesado para o homem suportar, algo de que ele procure escapar? Por que, então, a liberdade é para muitos um objetivo cobiçado e para outros uma ameaça? (FROMM, 1986, p. 15-16).

“Assim como não há autoridade sem liberdade e esta sem aquela, não há autoritarismo sem negação das liberdades e licenciosidade sem negação da autoridade” (FREIRE, 1987, p. 178). A aberração contumaz de extrapolar os limites, de modo licencioso, por parte de quem manda sobre os que são mandados, é, potencialmente, abusiva, prejudicial ao coletivo e pode ser entendida, inclusive, como uma espécie de sadismo⁵² ou outros transtornos psicológicos, de consequências nefastas. Segundo Campbell (1981, p. 542), “[...] o sadismo é uma defesa contra os medos de castração [...]”. Em coerência ao contexto desta tese, receio de perder as posses e o autoritarismo. Em defesa dos desfavorecidos, são de resultados eficazes os ensinamentos pedagógicos freirianos, fundamentados, estabelecidos em parâmetros educacionais de conscientização. Por isso, muito contribuem para a solução desse grave problema social. Essa função elucidativa, capaz de mudar comportamentos e até mesmo substituir uma cultura espúria, de dominação, por outra, libertadora, tem similaridades com os processos empregados na terapia cognitivo-comportamental. Exacerbado domínio de um ser humano sobre o outro e a imposição de que o submisso esteja na condição de total passividade é exigência egoísta, libertina, ilegal, cuja eliminação é esperada pelas aspirações solidárias.

⁵² A palavra *sadismo* originou-se do nome do escritor francês Marquês de Sade (1740-1814). Segundo o *Vocabulário da psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1977, p. 605-607), “A psicanálise estende a noção de sadismo para além da perversão descrita pelos sexólogos, reconhecendo-lhe numerosas manifestações [...] e fazendo dele um dos componentes fundamentais da vida pulsional. [...] violência exercida sobre outrem. [...] No entanto, de uma forma menos rigorosa, chama às vezes sadismo apenas ao exercício desta violência, para além de qualquer satisfação sexual. (ver: Pulsão de apossar-se, Agressividade, Sadomasoquismo). [...] Expressão que não apenas sublinha o que pode haver de simétrico e de complementar nas duas perversões sádica e masoquista, como designa um par antitético fundamental, quer na evolução, quer nas manifestações da vida pulsional. [...] Nessa perspectiva, o termo sadomasoquismo usado em sexologia para designar formas combinadas destas duas perversões, foi retomado em psicanálise [...] para sublinhar a inter-relação destas duas posições, quer no conflito intersubjetivo (dominação-submissão) quer na estruturação da pessoa (autopunição). [...] Aquilo a que Freud chama aqui sadismo é o exercício da pulsão de dominação.”

A solidariedade é um fator muito importante para a existência do ser humano, pois ele tem consciência de que é uma criatura de estrutura frágil, com inúmeras dependências e passivo à mortalidade. Esta é a sua mais certa e inevitável realidade; mais cedo ou mais tarde, terá de se defrontar com o seu momento derradeiro.

O homem se defronta com o assustador conflito de ser prisioneiro da natureza e no entanto ser livre em seus pensamentos; ser uma parte da natureza e no entanto ser, por assim dizer uma “curiosidade” da natureza; não está cá nem lá. A consciência de si próprio do ser humano tornou-o um ser estranho no mundo, separado, assustado e solitário. (FROMM, 1967c, p. 130).

Como se não bastasse o que foi mencionado nas linhas superiores, o ser humano tem diante de si um verdadeiro desafio, que são as oposições à liberdade autoritária do opressor. Por qual razão? Duas citações do livro *O medo à liberdade*, de Erich Fromm, apresentam ideias, não propriamente do autor, influenciadas por referências, a respeito do caráter do autoritarismo embasado e garantido pelo poder. A primeira revela que “O caráter autoritário obtém sua força para atuar pelo fato de apoiar-se em um poder superior. Este poder nunca pode ser atacado nem modificado.” (FROMM, 1986, p. 140). Exceto se confrontado com uma força, mais robusta e corajosa, que o vença e cause uma revolução, minimizando, inibindo ou neutralizando as injustas ações arbitrárias, habituadas a ditar suas próprias normas e vontades. Na segunda, acostumado a não sofrer resistência, “O caráter autoritário não tem falta de coragem, atividade ou crença.” (FROMM, 1986, p. 140). Quantitativamente, a massa populacional tem a força, mas, qualitativamente, falta-lhe conhecimento. O gigante, bestializado pela cultura alienante, não sente o estalar do chicote em seu lombo. “O Açoite é para o cavalo, o freio é para o jumento, e a vara é para as costas dos tolos.” (Provérbios 26:3). A ignorância é o tributo mais caro imposto aos seres humanos com falta de saberes.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 1987, p. 31).

A classe oprimida vem sofrendo na pele as ações agressivas de seus senhores. Ambos estão habituados a essa relação de características sadomasoquistas. Se instrumentos de castigo são aplicados em animais irracionais, que são empregados para prestarem serviços aos seus donos e não sabem como sair de sua condição de padecimento, seres humanos néscios, sem discernimento sobre a dura realidade que submete a sua vida, apresentam comportamentos similares. A proposta educacional de Paulo Freire é extinguir esta situação cruel, desumana,

inescrupulosa, um verdadeiro crime. O conhecimento conscientizador liberta do jugo da servidão. Raul Seixas, na letra de uma de suas músicas, exprime a seguinte pergunta: “Você pune quem não é você?”⁵³. A autopunição acontece, mas é muito rara. O ato punitivo, que envolve no mínimo duas pessoas – o agente e quem sofre o castigo –, é muitíssimo comum de acontecer. Não são raros os casos de sanções arbitrárias sobre inocentes. Nesses casos, os infratores são os que praticam esse tipo de atrocidade e, certamente, não estão isentos do sentimento de culpa.

O que a miopia da ignorância, causada pela escassez de informações e educações, não enxerga, a visão nítida, da sabedoria instruída, capta e infere. Isto quer dizer que Paulo Freire, em relação à *necrofilia* e ao sadismo, havia percebido, por parte do opressor, uma generosidade falsa com a intenção, não só de aplacar o sentimento de culpa, mas também na tentativa de inverter valores, de manter suas práticas libertinas, torpes, como que se fossem normalidades e não atos recrimináveis, moralmente reprováveis. Campbell (1981, p. 542), em seu *Dicionário de Psiquiatria*, apresenta a afirmação a seguir: “O sádico tenta forçar sua vítima a amá-lo; esse amor é concebido como perdão, o que elimina os sentimentos de culpa [...]”. Deduz-se, então, que por mais rica e poderosa que seja uma pessoa transgressora, criminosa, no tribunal de sua consciência, o superego o acusa sobre as suas ações repreensíveis como merecedoras de punição. “Pra consciência é que eu não posso mentir / pois meu travesseiro não me deixa dormir.”⁵⁴ (Raul Seixas). Exceto os que têm a mente cauterizada, insensível, indiferente às agruras de suas vítimas.

Numa psicanálise da ação opressora talvez se pudesse descobrir [...] de falsa generosidade do opressor, uma das dimensões de seu sentimento de culpa. Com esta generosidade falsa, além de estar pretendendo a manutenção de uma ordem injusta e necrófila, estará querendo ‘comprar’ a sua paz. Acontece que paz não se compra, se vive no ato realmente solidário, amoroso, e este não pode ser assumido, encarnado, na opressão. (FREIRE, 1987, p. 143).

O silêncio de uma pessoa realmente morta é consequente e inerente. O que não é natural e justificável é a mudez imposta à consciência ignara de sujeitos que, desde a infância, são mortificados pela elite *necrófila*. Eles nascem, permanecem e são moldados em uma sociedade deturpada pelas ideologias, que distorcem princípios da justiça, da ética, da moralidade, confirmadas pelas práticas que a classe favorecida, a bel-prazer, estruturou, organizou e

⁵³ Trecho extraído da letra da música *Novo Aeon*, composta por Raul Seixas, Claudio Roberto e Marcelo Motta. 7ª faixa – Lado B do 4º álbum solo de sua carreira, intitulado *Novo Aeon*, lançado em 12 de novembro de 1975, pela gravadora Philips Records.

⁵⁴ Trecho extraído da letra da música *Idi a Mim Dada*, de Raul Seixas. 1ª faixa – Lado A do álbum *Por quem os sinos dobram*, lançado no ano de 1979, pela gravadora Warner Music Brasil.

hierarquizou. Os subalternos crédulos, ingênuos, simplórios, entendem, como regra de vida, e até mesmo reproduzem os ditames condicionantes de seus superiores, sob constantes influências de culturas espúrias, intencionalmente propagadas para causar emburrecimento e, desta maneira, torná-los alienados, incapacitando-os de perceber que estão sendo vendados, amordaçados e impedidos de usufruírem a sagrada existência em um mundo que lhes possibilite o direito de exercerem a vocação ontológica de serem mais em sua natureza humana. Paulo Freire, assim, apresenta os propósitos da elite: “As massas populares não têm que, autenticamente, ‘ad-mirar’ o mundo, denunciá-lo, questioná-lo, transformá-lo para a sua humanização, mas adaptar-se à realidade que serve ao dominador.” (FREIRE, 1987, p. 123). As aspirações do educador pernambucano é a implantação de um sistema educacional libertador, pois, do contrário, comportamentos similares aos de animais destituídos de razão, domesticados e habituados à submissão, à condição de subserviente, infelizmente, serão mantidos, enquanto os seus opressores se perpetuam.

Os indivíduos nascem e se adequam à cultura de uma sociedade caracterizada, moldada em racionalizações repressivas motivadas pela libido⁵⁵ política de autoritarismo e domínio, cujo intuito é colonizar as mentes com suas patológicas ideologias não só disfarçadas de moralismos, mas, também, instituídas como leis e, assim, mortificar e subjugar o livre arbítrio e as vontades das pessoas, tornando-as, com isso, tendentes ao sentimento neurótico⁵⁶ de culpa. “Sua

⁵⁵ Sobre a libido, em relação ao comportamento humano, a Psicologia a compreende como energia, amplamente direcionadora de instintos vitais, de autopreservação. Não é um fenômeno exclusivo dos órgãos genitais em sentido estrito sexual, mas abrange impulsos de desejos tendentes à realização de outros prazeres, de outras satisfações no universo do amor-próprio ou, até mesmo, fraterno. Os objetos de natureza libidinal são vários e não se limitam ao plano somático, mas se ampliam em diversos aspectos psíquicos. A libido de um sujeito pode, entre outras coisas: A) Centralizar-se não só no corpo de outra pessoa - exterior, mas no de si mesmo - interior (narcisismo). “[...] a autoestima depende intimamente da libido narcisista.” (FREUD, 1996, v. XIV, p. 104). B) Estar presente em outras áreas da vida tais quais atividades culturais, artísticas, intelectuais, acadêmicas etc. (Freud, Fromm e Freire são exemplos de existências, apaixonadamente, dedicadas à ciência, que cada qual amou). C) Fixar-se no domínio de tudo e de todos. Esta representa um sério problema de ordem social. A história comprova o sofrimento do mundo, quando sob o governo de ditadores déspotas. “O ideal do ego impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos...” (FREUD, 1996, v. XIV, p. 107). Santo Agostinho foi o primeiro a apresentar três distintos tipos de libido: 1) *Libido sentiendi* na esfera complexa da sensualidade. 2) *Libido sciendi* no estrato extenso e infindo do saber, do conhecimento. 3) *Libido dominendi* no âmbito egoísta e perverso da dominação. Sobre o termo libido, no *Vocabulário da psicanálise*, Laplanche e Pontalis (1977, p. 343) mencionam: “É difícil apresentar uma definição satisfatória da libido. Não apenas a teoria da libido evoluiu com as diversas etapas da teoria das pulsões, como o próprio conceito está longe de ter tido uma definição unívoca.” Já no *Dicionário de Psiquiatria*, de Campbell (1981, p. 347), encontra-se o seguinte: “Em psicanálise, a energia da pulsão sexual; mas, pelo fato de Freud só ter considerado a pulsão de morte ou destrutiva relativamente tarde no desenvolvimento de sua psicologia, o termo libido é, comumente, usado em um sentido mais geral com referência também à energia da pulsão de morte ou agressiva.”

⁵⁶ A neurose tem origem e fundamenta-se no período da infância de uma pessoa. Acompanha-a por toda a sua vida. Um indivíduo neurótico caracteriza-se pelas dificuldades de se adaptar ao meio em que convive, apesar de seu entrosamento com o mundo, que se lhe apresenta: estuda, trabalha e tem envolvimento emocional com seus semelhantes. Porém, encontra-se em constantes conflitos psíquicos por não usufruir uma existência de realizações pessoais e sentimentos de plenitude. A expressão: “Enquanto você se esforça para ser um sujeito normal e fazer tudo igual...”, extraída da música *Maluco beleza*, de Raul Seixas, ilustra muito bem essa

consciência [moral] é seu sentimento inconsciente de culpa.” (FREUD, 1996, v. I, p. 316). Muitas famílias incautas cooperam com o sentimento de culpa e de servilidade da criança, interiorizando em seu superego⁵⁷ a subserviência, que desonrará o seu brio. Maneira eficaz de impor a irracionalidade e o controle da consciência. Assim se estabelecem e se solidificam as hierarquias sociais. “A imagem do líder, por sua vez, toma de empréstimo, por assim dizer, da força coletiva sua onipotência primitiva paterna.” (ADORNO, 2015, p. 170). Daí, a conquista da autonomia será o principal conflito da vida adulta. A solução deste problema se encontra no desvencilhar das amarras fixadas pela supremacia desumana, cuja razão é não aceitar a negação, o diferente, as contradições, o dissonante, a dualidade do sujeito e do objeto.

Por fim, devemos ter em mente que o totalitarismo considera as massas não como seres humanos autodeterminados que decidem racionalmente seu próprio destino e que devem, portanto, ser tratados como sujeitos racionais, mas sim que ele os trata como meros objetos de medidas administrativas, ensinados, acima de tudo, a se autoanular e a obedecer ordens. (ADORNO, 2015, p. 142).

O acúmulo de experiências dos superiores contribui com a especialização de exercerem os seus domínios. Naturalmente, vão se especializando. De elevada autoestima, subestimam, em todos os aspectos, a capacidade dos que estão sob as suas ordens. Quanto a estes pobres coitados, mais e mais coniventes e permissivos com a situação que os degenera; feito bois que vão para o abate, adequam-se e são moldados à cultura ideológica de seus senhores, que os diminuem a quase animais irracionais adestrados, no intento de ter seguro e pleno controle, até mesmo de suas consciências, destituindo-lhes as autonomias para melhor serventia. Quem vive nessa condição, melhor seria se não fosse concebido.

Aspirações humanistas idealizam, para a população, o urgente e necessário desaprender de muitas lições ensinadas com o propósito de tolher a mais sagrada prerrogativa de cada ser humano: a liberdade de conduzir, como queira, a sua própria vida. Porém, na verdade, não é

situação. Estes conceitos levam à dedução de que toda a massa populacional oprimida vive, permanentemente, afetada pela neurose. Segundo Campbell (1981, p. 403), “O neurótico atua como se a realidade tivesse o mesmo tipo de significação para ele e para o resto da comunidade”.

⁵⁷ Conforme Campbell (1981, p. 142), “O sentimento que uma pessoa tem de ter errado, violado algum princípio ético, moral ou religioso. Associados de modo típico a essa consciência estão um grau muito baixo de autoestima e um sentimento de que o erro cometido deve ser expiado ou compensado. [...] Essa culpa é indicativa de um conflito entre o ego e o superego. Este último atua como uma autoridade interna que se coloca entre o ego e o id, compelindo a pessoa a renunciar a certos prazeres e impondo punições (perda de amor-próprio, sentimentos de culpa, remorsos etc.) pela violação de suas ordens. [...] Os sentimentos de culpa são considerados, pois, uma ansiedade topicamente definida, a ansiedade do ego em relação ao superego. O que é temido pelo ego é que algo terrível aconteça na esfera da personalidade (que sejam cortados suprimentos alimentares, afetivos, emotivos e/ou narcisistas) e haja uma perda de certos sentimentos agradáveis, como o bem-estar e a segurança.” A realidade tratada neste trabalho é de ordem psíquica. “O que jaz por trás do sentimento de culpa dos neuróticos são sempre realidades psíquicas, nunca realidades concretas. O que caracteriza os neuróticos é preferirem a realidade psíquica à concreta, reagindo tão seriamente a pensamentos como as pessoas normais às realidades.” (FREUD, 1996, v. XIII, p. 160-161).

tarefa fácil desconstruir o que, há anos, foi internalizado, concretizado, na mente de uma pessoa. Somente uma educação conscientizadora aplicada ao povo é capaz de enfraquecer e tornar opaca a irracionalidade social aliada ao poder de influência midiática empenhada em coisificar o indivíduo, aliená-lo ao convencionalismo, submetê-lo à obediência cega à autoridade, que, ao invés de lhe favorecer a existência, prejudica-a com superstições, estereótipias, necessidades triviais e supérfluas. Não raro, na sociedade hierárquica, quem ocupa posições superiores tende a agir como déspota, autoritário, opressor sobre os que estão em posições inferiores. O poder, para muitos, é um irresistível afrodisíaco. “[...] estruturas hierárquicas se coadunam com desejos de caráter sadomasoquista⁵⁸.” (ADORNO, 2015, p. 173).

2.4 Recursos tecnológicos no poder de quem domina

O avanço tecnológico dos últimos tempos tem mudado, radicalmente, o modo dos seres humanos de pensar e de agir. Quanto às diferenças de classes sociais, os indícios indicam que nenhuma alteração ocorreu. O que se constata é que a pequena e poderosa classe que ocupa a posição mais elevada da pirâmide social, favorecida de poderes políticos e econômicos, permanece, mais do que nunca, com o seu velho e conhecido espírito de domínio sobre a grande maioria, que se encontra na base inferior da pirâmide, por isto, considerada como marginalizada e subordinada.

A civilização nascida no Ocidente, soltando suas amarras com o passado, acreditava dirigir-se para o futuro de progresso infinito, movido pelos avanços conjuntos da ciência, da razão, da história, da economia, da democracia. Entretanto, aprendemos com Hiroshima que a ciência era ambivalente; vimos a razão retroceder e o delírio staliniano colocar a máscara da razão histórica; vimos que não havia leis da História que guiassem irresistivelmente em direção ao porvir radiante; vimos que em parte alguma o triunfo da democracia estava assegurado em definitivo; vimos que o desenvolvimento industrial podia causar danos à cultura e poluições mortais; vimos que a civilização do bem-estar podia gerar ao mesmo tempo mal-estar. Se a modernidade é definida como fé incondicional no progresso, na tecnologia, na

⁵⁸ Segundo o *Dicionário de Psiquiatria*, de Campbell (1981, p. 543), sadomasoquismo é “Uma combinação de sadismo e masoquismo; coexistência de atitudes submissas e agressivas nas relações sociais e sexuais com outras pessoas, estando presente um grau considerável de destrutividade; uma condição que se supõe estar carregada de energia libidinal. O sujeito é afetado por um interjogo entre os dois componentes instintivos de amor e ódio, em que os impulsos destrutivos têm momentaneamente o predomínio. De modo geral, nas relações humanas, uma pessoa pode ter três tipos diferentes de atitude em relação às outras pessoas: primeiro, está interessada em que as outras existam como suas iguais; segundo, considera-se superior ou inferior à outra pessoa, embora continue ainda interessada na existência dessa outra pessoa; e, terceiro, oscila entre agressividade e submissão, simultaneamente, de tal modo que deseja ao mesmo tempo a destruição e a preservação da outra pessoa. Em relações sociais normais, a existência da outra pessoa não só é necessária, como preenche as exigências psíquicas internas, embora uma certa dose de impulso destrutivo esteja sempre presente.”

ciência, no desenvolvimento econômico, então esta modernidade está morta. (MORIN, 2007b, p. 71-72).

A classe socialmente favorecida, que no passado colonizou, escravizou povos e explorou as riquezas das nações, com a inteligência “manipuladora” que lhe é característica, percebeu que os recursos da tecnologia lhe oferecem muitas vantagens como instrumentos de uma forma de dominação antes inusitada, porém bem mais eficaz do que as que eram empregadas em séculos idos: a colonialidade das mentes para consumir seus produtos e ideias. O seu enorme poder aquisitivo constituiu a imperiosa e imponente indústria cultural estruturada pelas diversas ramificações midiáticas: jornais, revistas, rádio, cinema, televisão, internet etc., em que são criados ídolos em várias áreas de atuação, como nas artes, nos noticiários, nos documentários, etc., onde são empregadas pessoas de grande talento, carismáticas, bem qualificadas para o desempenho de formação de opiniões.

Deste modo, são propagadas ideologias que mais contribuem para o embotamento mental. “Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e engenhosas [...]” (Colossenses 2:8). Os discursos freirianos se posicionam contra as astutas, ardilosas, fúteis e frívolas filosofias escravizantes, praticadas pelo poder hegemônico. Paulo Freire sempre foi sensível e muito se preocupou com as vítimas da inércia intelectual, mortificadas para não se oporem às próprias injustiças que padecem. Como filósofo, educador e autor de obras que lhe consagraram como um dos mais renomados pedagogos do mundo, seus pensamentos estão voltados para um mundo mais democrático, humano, solidário e, conseqüentemente, pacífico. Ele era ciente de que apenas uma educação de qualidade, esclarecedora, conscientizadora seria capaz de libertar as mentes alienadas pelos meios de comunicação de massa.

“Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes socialmente favorecidas desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.” (FREIRE, 1981, p. 73). Esta citação tem sentido paralelo à passividade *necrófila* em que o cadáver não percebe e nem reage ao *estupro* em que foi acometido. Trata-se do mesmo grave, sério e conhecido problema secular que, adequado ao momento histórico, subjuga pessoas às vontades alheias, mediante novas estratégias de atuação empregadas pelo sistema capitalista.

Utilizam o poder de influência dos meios de comunicação de massa como recursos de alienação, cada vez mais eficazes pelo avanço da tecnologia. O intuito não é somente estimular o consumismo para obterem lucros exorbitantes com a venda de seus produtos, muitos dos quais fúteis e supérfluos. Sua hodierna intenção, ainda mais hedionda, principalmente, é propagar seus ideais para serem seguidos como se fossem incontestes maneiras do bem-viver. Assim sendo,

anula a individualidade do ser humano, que passa a levar uma vida sem ser verdadeiramente vivo. Segundo Fromm (1977, p. 35), “[...] tem-se a impressão de que a própria essência de ser é ter, de que se alguém nada tem, não é [...]”. Nega-se a essência da própria existência, na priorização de adquirir coisas ao invés de ser. Daí surgem as inversões de valores em seus modelos cheios de distorções, que contrariam os princípios morais e éticos da dignidade humana. O amor aos bens materiais é o estopim de muitas tragédias.

O proletariado abdica de vontades próprias para realizar às da burguesia. Esse fato representa a plebe em optar pela morte de seu livre-arbítrio para que a elite viva, inclusive, com a garantia de não correr o risco de ter que enfrentar qualquer manifestação que afronte essa maneira sadomasoquista de estabelecer uma política de nulidades em detrimento à importância da existência de outrem. Deste modo, consolida-se a prática de dominação e subalternidade entre duas classes sociais, extremamente díspares quanto às suas respectivas condições *modus vivendi*. O “equilíbrio” destas situações discrepantes se deve à astuciosa inteligência dos que mandam e à tola incompreensão dos que são mandados. Faz-se necessária uma educação que conceda aos prejudicados a consciência crítica sobre o sistema bem arquitetado de exploração, que usurpa a autonomia das pessoas serem e viverem conforme seus próprios gostos.

A máxima autonomia de praticar esse potencial promove a integridade dos indivíduos, uma vez que o fenômeno dessa complexa aptidão mental consiste em lhes atribuir a mais extraordinária e peculiar característica de se tornarem humanos, mediante devida conscientização de sua e outras existências. Para Paulo Freire (1981, p. 93), “Ser consciente é a forma radical de ser dos seres humanos”. Neste contexto, cabe o seguinte pensamento de Antonio Gramsci (1999, p. 411-412)⁵⁹:

O que é o homem? É esta a primeira e principal pergunta da filosofia. [...] ao colocarmos a pergunta [...] queremos dizer: o que é que o homem pode se tornar, isto é, se o homem pode controlar seu próprio destino, se ele pode “se fazer”, se pode criar sua própria vida. [...] Observando, ainda melhor, a própria pergunta [...]. Ela nasce do fato de termos refletido sobre nós mesmos e sobre os outros; e de querermos saber, em relação com o que vimos e refletimos, aquilo que somos, aquilo que podemos vir a ser, se realmente e dentro de que limites somos “criadores de nós mesmos”, da nossa vida, do nosso destino.

O ser humano é criatura criadora e deve ter vida intensa porque pensa. Os enigmas do mundo, por mais que sejam profundos, são para ele exercer e desenvolver o enorme potencial de sua capacidade intelectual. A sua mente aberta é para infinitas descobertas e produções de inúmeras invenções. Tomar decisões. Fazer escolhas. Determinar as veredas de seu destino e

⁵⁹ Político, crítico literário, jornalista e filósofo marxista. Natural de Ales, Itália. Nasceu no dia 22 de janeiro de 1891. Morreu em 27 de abril de 1937, aos 46 anos.

protagonizar a sua própria história. Ser plenamente emancipado em seu ilimitado horizonte. Sem essas prerrogativas, assemelha-se a um cadáver que não tem memória, consciência de si mesmo. Cercear a sua liberdade e minguar a sua inteligência é assassiná-lo. Crime hediondo.

Paulo Freire (1987, p. 130) afirma que “[...] os homens [se educam e] se libertam em comunhão”, mediatizados pelo mundo. Em outras palavras, as pessoas se civilizam pela multiplicidade de contínuos inter-relacionamentos, onde ocorre uma gama de inevitáveis influências de afetos, tanto positivos quanto negativos. Nessas integrações e interações, de modo informal ou formal, consciente ou inconsciente, intencional ou não, ensinamentos são ministrados e aprendizagens são adquiridas pelas vias das percepções sensoriais, antenas naturais do universo em que vivem, que acessam a singularidade subjetiva de cada sujeito. Logo, o ato de aprender depende bastante das motivações individuais que atuam nos sentimentos, nos pensamentos, nas interpretações e nas avaliações do aprendiz, sempre vulnerável às mediações de ordem emocional, psicológica. Esses fatores são os responsáveis pelas formações e transformações de caracteres *sui generis* de um indivíduo, em seu processo constante de assimilações no progresso de sua humanização sempre inacabada e inconclusa, que busca patamares mais elevados da existência.

[...] ninguém nasce feito, ninguém nasce marcado para ser isso ou aquilo. Pelo contrário, nos tornamos isso ou aquilo. Somos programados, mas, para aprender. A nossa inteligência se inventa e se promove no exercício social de nosso corpo consciente. Se constrói. Não é um dado que, em nós, seja um a priori da nossa história individual e social. (FREIRE, 2001, p. 50).

Nesses contatos sociais, há valores que garantem uma convivência tranquila e segura. Estas palavras talvez respondam o seguinte questionamento de Erich Fromm (1967c, p. 130): “Que pode o homem fazer para encontrar uma harmonia que o liberte da tortura da solidão, e lhe permita sentir-se à vontade no mundo, encontrar um sentimento de unidade?”. Ensinos, costumes, hábitos, etc. são herdados pelas novas gerações, que não só os assimilam com a inércia da passividade, mas, também, produzem invenções e fazem descobertas, que enriquecem conteúdos de ciências naturais e sociais. Deste modo, o acervo de culturas regionais e universais se amplia, atualiza-se e se acumula na dinâmica passagem do tempo. Em meio a essas diversificadas esferas de conhecimentos, a educação, em sentido amplo, estabelece o seu espaço para cumprir propósitos fundamentais no permanente processo do desenvolvimento da faculdade intelectual, que habilita os seres humanos a entenderem, conscientizarem-se melhor sobre o mundo em que vivem e sobre si mesmos. Para Goldmann (1978, p. 155), “[...] se o homem assegurar o seu desenvolvimento real e salvaguardar a sua liberdade, a sociedade tornar-se-á cada vez mais uma sociedade de homens livres [...]”. Porém, infelizmente, há uma força contrária e prevalente, que

atrapalha o caminho da liberdade, da democracia e da criatividade. Um poder de domínio que impõe a sua cultura. Já no século XIX, há bem mais de cem anos, Karl Marx e Friedrich Engels (2007, p. 47) perceberam o problema e deixaram o seguinte registro:

Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época.

Importante deixar aqui um registro de que categorias marxistas fazem parte da construção de conceitos frommianos.

Toda a concepção de Marx a respeito da auto-realização do homem só pode ser plenamente compreendida em ligação com sua concepção de trabalho. Antes de mais nada, deve ser notado que trabalho e capital não eram, para Marx, meras categorias econômicas, impregnadas de juízo de valor numa posição humanista. O capital, aquilo que é acumulado, representa o passado, o trabalho, por outro lado, é, ou deveria ser, quando livre, a expressão da vida. [...] o passado domina o presente. Na sociedade comunista, o presente domina o passado. (FROMM, 1967a, p. 46).

No predomínio perverso dos dominantes sobre os dominados, sem dúvida, há fatores de insanidade, que prejudicam o salutar desenvolvimento da humanidade. São problemas vários, oriundos de raízes profundas e muito mais abrangentes do que se imagina. Podem ser percebidos à luz de fundamentos psicológicos, psicanalíticos e educacionais.

Está evidente que os indivíduos, pertencentes ao elítico clube da minoria econômica e politicamente poderosa, são reféns de seus interesses egoístas e de suas obstinadas paixões pelos benefícios que o materialismo lhes proporciona, isto é, uma vida regalada de abundância de tudo aquilo que lhes dá a sensação de bem-estar e conforto. Porém, a sede da ambição nunca os deixa de alma saciada, mesmo com a aquisição de tudo o que a sua fortuna pode comprar. Pela cobiça, esses donos do mundo querem mais, muito mais; não param de querer e pensar sobre isso. Acariciam, também, a satisfação de impor aos “inferiores” os caprichos de suas mórbidas vontades. Mandam e desmandam. Suas ideias e *modus vivendi* são propagados como se fossem modelos almejavéis de virtudes. Segundo Fromm (1977, p. 45), “[...] os consumidores modernos se identificam com o ato de incorporação, eu sou aquilo que tenho e consumo [...]”. A edificação e manutenção de todo esse império se baseia na ignorância de seus súditos, subjugados pela falta de conhecimento, informação e consciência de que sua preciosa liberdade de ser mais em sua humanidade de contínua construção está sendo mortificada, mas não sepultada, pois no sentido figurado, é mantida nas relações necrófilas.

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. (FREIRE, 1987, p. 30).

“[...] o homem moderno parece estar motivado não por uma atitude de sacrifício e ascetismo, porém, pelo contrário, por um grau exagerado de egoísmo e pela busca de satisfação do próprio interesse” (FROMM, 1986, p. 97). Não são poucos os sujeitos presos na malha do egoísmo, de excessivo apego aos próprios interesses, que desconhecem a virtude do altruísmo. A paixão, exacerbada pelos prazeres que os bens materiais lhes proporcionam, encarcera-os na mesquinhez alheia à virtude do que é magnânimo. A cobiça insaciável e a necessidade de abundância os acorrentam no mórbido e desmedido desejo de adquirir dinheiro, poder, glória, fama etc. Todas essas coisas os tornam reféns de suas tentações, que incitam vontades de cometerem atrocidades. Os seres humanos, também, são vistos como coisas úteis para realizações de seus caprichos. “[...] na sociedade moderna o homem tornou-se o centro e a finalidade de todas as atividades, que o que ele faz o faz para si mesmo, que o princípio do interesse próprio e o egoísmo são as motivações onipotentes da atividade humana.” (FROMM, 1986, p. 94).

Posições de poder, vantagens financeiras e egoísmo tendem a motivar muitas pessoas a se corromperem. Daí se fundamentam muitos males que assolam a humanidade.

2.5 Mentes vazias de consciências libertárias são cheias de ideologias alienantes

O escritor, historiador, ensaísta e diplomata norte-americano Washington Irving⁶⁰ disse que “Grandes mentes têm propósitos; as outras têm desejos. Mentes pequenas são dominadas por infortúnios, mas grandes mentes os superam.”⁶¹ Baseado neste pensamento, é possível fazer um simples paralelo analítico entre alguém que soube desempenhar uma atividade de caráter intelectual e a dita massa de mente alienada. A filosofia dos grandes propósitos de Paulo Freire se encontra publicada em suas diversas obras, que o consagraram como um dos mais influentes e célebres pedagogos do planeta. Por quê? Estudou e pensou bem a realidade circundante de seu mundo, principalmente a educacional. Fez o que todos os seres humanos, em condições

⁶⁰ Nasceu em Nova Iorque, no dia 3 de abril de 1783. Morreu em Tarrytown, aos 28 de novembro de 1859, com a idade de 76 anos.

⁶¹ Disponível em: <https://mundoperdido.com.br/como-superar-o-fracasso-e-as-dificuldades-da-vida/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

normais de exercitar o intelecto, podem e devem fazer, mas não fazem. Motivos? Vários! Um dos principais é a falta de interesse que muitas pessoas têm pelo exercício mental, que amplia a cognição a respeito de si mesmas e sobre o mundo do qual fazem parte. Essa acomodação é a mais grave e a que mais agrada a classe socialmente favorecida, pois os sujeitos se acostumam, acham natural e permitem o próprio estado da subserviência. Outro é o total descaso político de estimular a população aos estudos e, ao mesmo tempo, não lhe oferecer condições de uma educação, cuja qualidade seja de nível tal que lhe outorgue autonomia e a condição de viver com dignidade. Este direito, de elevado valor, portanto, é subtraído a ele pela falta de conhecimento. Drásticas são as consequências. O preço da sujeição a pagar é altíssimo. Nascer neste mundo e viver como se não tivesse existido. Ser alguém na condição de ninguém. Quase, totalmente, anulado para os outros e para si mesmo. Alado, mas limitado em seu horizonte por não saber voar. *Cadáver de necrófilo*, ressuscitável pelo fôlego de ótimos ensinamentos críticos.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou com a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (FREIRE, 1996, p. 46).

“Se as elites opressoras se fecundam, necrofilamente, no esmagamento dos oprimidos, a liderança revolucionária somente na comunhão com eles pode fecundar-se.” (FREIRE, 1987, p. 130). Esta citação explicita que sobre o grande número de sujeitos considerados de mentes não devidamente instruídas, existe, sim, uma verdadeira disputa de interesses antagônicos entre dois dissemelhantes grupos de pessoas: educadores e opressores. Ambos de inteligência cultivada e de formação acadêmica elevada, pode-se afirmar.

Paulo Freire muito se sensibilizou com as injustiças e opressões sofridas pelas esferas mais ludibriadas e subtraídas da sociedade. Ele lecionou para essa gente. Conheceu bem a dura realidade de vida desse povo humilhado pela precariedade de bens materiais e de voz silenciada pela falta de conhecimentos e instruções, pois ignoram até mesmo seus próprios direitos básicos, praticamente não conferidos pelo dever do Estado. Fez de suas palavras, escritas e faladas, um instrumento de esclarecimento, de conscientização, de delação, de crítica e de esperança.

Esta espécie de cadeia, que aprisiona tantos infelizes semelhantes a androides, só pode ser aberta com a chave de uma educação libertadora. O perigo de todos os tempos é o ser humano ser impedido de existir na plenitude de sua natureza.

2.6 O novo caráter da hegemonia em tempos da indústria cultural

Com a multiplicação dos conhecimentos técnicos e científicos desses tempos modernos, o despotismo, comparado aos tempos idos, mudou de faceta. Hoje em dia, muito mais sutil e não menos pernicioso em seu caráter hegemônico. Do colonialismo, evoluiu para a colonialidade. A dominação da política e do capital se tornou sofisticada. Está mais interessada e empenhada em administrar as mentes das pessoas. Assim, são aplicadas diversas estratégias inteligentes para mantê-las subordinadas. Eis que surge a indústria cultural mercantilista, que se encarrega, com impressionante eficácia, de cumprir esse papel, mediante eficientes meios de comunicação de massa. Propaga, exaustivamente, ideologias alienantes, cujo propósito é exercer, no máximo, influências que condicionem o modo de pensar de um maior número possível de pessoas. Esta finalidade tem sido alcançada com muito êxito.

[...] há em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de “classe média”, cujo anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada “classe superior”. (FREIRE, 1987, p. 48).

A essência libertária da filosofia educativa de Paulo Freire se opõe, contundentemente, ao hodierno controle hegemônico organizado por três espécies de colonialidade: do saber, do poder e do ser, que, além de subalternizar as ideias das pessoas, tornando-as dóceis, fomenta o desejo pelo consumo exacerbado de superfluidades produzidas pelo bem esquematizado e lucrativo sistema capitalista, que se apresenta aos incautos, não como a causa de suas reais completas aniquilações, mas, sim, como ideal estilo de se viver e suprir necessidades da existência. Por falta de conhecimento, muitos, seguindo os seus ditames, garantem a expansão e o sucesso desta estrutura de domínio, acreditando em mentiras e deixando-se levar pelos enganos de que estão sendo bem-sucedidos. Coniventes pela cegueira da ignorância, fundamentam e consagram, contra si mesmos, um regime tirânico e de extrema perversidade.

Estabelecida por governantes mais preocupados em atender os interesses de seu mundo privativo, a estrutura do meio social não cumpre, como deveria, a obrigação de oferecer a todos os cidadãos – além do direito à boa educação, segurança e saúde – as oportunidades de uma vida digna. Por exemplo, conquistar credenciais que lhes garantem, no mercado de trabalho, profissões de justos honorários; galgar posições baseadas na tríade liberdade, igualdade e fraternidade, para que possam construir uma sociedade mais justa. É difícil, mas não é impossível. “É importante ter sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante a

inculcação nos dominados da responsabilidade por sua situação.” (FREIRE, 1996, p. 83). O que se percebe é que a ideologia dos dominadores os isenta de qualquer culpa, apesar de serem os responsáveis por muitos dos malefícios sociais. Passam-se por perfeitos e como exemplos a serem seguidos.

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. (FREIRE, 1987, p. 27).

“As formas mais frequentes sob que aparecem os impulsos masoquistas são sentimentos de inferioridade, impotência e insignificância individual.” (FROMM, 1986, p. 118). A partir deste conceito, não sem procedências em relação à realidade, não há exagero em deduzir que a classe oprimida, estimulada por uma cultura que a faz se sentir inferior, tende mesmo a aceitar a condição de masoquista, pois, não raro, contempla, aspira e almeja para si o estilo de vida de seus opressores, porque lhe dá forte impressão de ser o ideal. Em linguagem ilustrativa, comparada ao futebol, eles são os donos do campo, da bola e mandam no juiz. Costumam se apresentar como pessoas ilustres, virtuosas e são muito bem-sucedidas pelos próprios méritos. A atração pelo padrão de vida dos patrões, dos donos do mundo, aumenta a reverência dos que estão bem aquém de seu *status*, de seus elevados patamares.

As formas diferentes assumidas pelos impulsos masoquistas têm uma só meta: *descartar-se do ego individual, perder-se a si mesmo*; por outras palavras, *desfazer-se do fardo da liberdade*. Esse objetivo é evidente nos anelos masoquistas em que o indivíduo tenta sujeitar-se a uma pessoa ou poder que considera irresistivelmente superior. (FROMM, 1986, p. 126, grifo do autor).

Em conclusão ao conteúdo desta parte do trabalho, vale a transcrição do seguinte pensamento frommiano:

No que se refere a conceitos isolados, mostramos que, para o caráter sadomasoquista, por exemplo, o amor significa dependência simbiótica, e não afirmação mútua a união baseada na igualdade; o sacrifício significa a subordinação absoluta do eu individual a algo superior, e não a reivindicação do eu mental e moral de cada um; a diferença quer dizer diferença de poder, e não a realização da individualidade baseada na igualdade; a justiça implica que todos devem receber o que merecem, e não que o indivíduo faz jus incondicionalmente à realização de seus direitos intrínsecos e inalienáveis; a coragem é a presteza para sujeitar-se a suportar sofrimentos, e não a afirmação suprema da individualidade contra a força. (FROMM, 1986, p. 220).

A temática do próximo capítulo – biofilia – é, exatamente, oposta ao deste, pois se baseia em princípios humanistas, solidários, que visam ao respeito, ao desenvolvimento intelectual, ao bem-estar do indivíduo e à constituição de uma sociedade justa e democrática.

CAPÍTULO III – BIOFILIA NO CONTEXTO PEDAGÓGICO, PSICOLÓGICO E PSICANALÍTICO

Os direitos inalienáveis do homem à liberdade e à felicidade fundam-se em qualidades humanas intrínsecas: sua ânsia de viver, expandir-se e expressar as potencialidades que nele se desenvolveram no decurso da evolução histórica. (FROMM, 1986, p. 228).

É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la. (FREIRE, 1987, p. 40).

Acreditamos que a civilização foi criada sob a pressão das exigências da vida, à custa da satisfação dos instintos; acreditamos que a civilização, em grande parte, está sendo constantemente criada de novo, de vez que cada pessoa, assim que ingressa na sociedade humana, repete esse sacrifício da satisfação instintual em benefício de toda a comunidade. (FREUD, 1996, v. XV, p. 32).

O conteúdo deste capítulo abrange categorias consideradas socialmente aceitáveis, que devem ser estimuladas e praticadas pelo fato de promoverem relacionamentos interpessoais de excelentes qualidades, capazes de formar um ambiente favorável à vida de todas as pessoas. Tais possibilidades correspondem aos interesses educacionais de Paulo Freire, psicológicos de Erich Fromm, incluindo aos do próprio elaborador desta tese. Isso porque se trata de temáticas de características, exatamente, opostas às categorias do capítulo anterior, cujos assuntos desenvolvidos se basearam no sentido metafórico da palavra *necrofilia*, que conota abordagens relacionadas a problemas de natureza censurável, abominável, repreensível, sórdida, infame, deplorável, lastimável etc. Logo, os conceitos contidos neste espaço celebram a existência, tanto dos indivíduos quanto da sociedade em que os mesmos se encontram integrados. Não há leis contra princípios virtuosos, pois é como reza Filipenses 4:8, “[...] tudo o que for verdadeiro, tudo o que for honesto, tudo o que for justo, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de elogio, nisso pensai”. Acontece que não foram apenas pensados, mas, também, teorizados em obras-primas produzidas por autores de espíritos fraternos, solidários, que mantêm a esperança da constituição de um mundo em que a injustiça não seja prevalecente, onde, acima de tudo, o que mais vale é o respeito à integridade do ser humano. Faz-se necessário o Estado democrático sério, no real sentido da palavra, não conivente com discriminações que ofendem a dignidade do cidadão. “A democracia é um sistema que cria as condições econômicas, políticas e culturais para o pleno desenvolvimento do indivíduo.” (FROMM, 1986, p. 217).

Se a democracia representa o governo do povo, teoricamente, a soberania política do país está vinculada à população, que tem poder para realizar suas aspirações. “Se as aspirações

socializantes da humanidade se traduzem num modelo socializante e democrático, a pedagogia e a avaliação em seu interior também se transformarão na perspectiva de encaminhamentos democráticos.” (LUCKESI, 2003, p. 42).

O fundamento e o estabelecimento de um sistema educacional não somente eficiente, mas eficaz, sem dúvida, é um dos fatores que muito contribui com a solidificação e a consolidação da democracia e do exercício da cidadania, por englobar valores, conceituados neste capítulo, que fazem parte da formação do bom caráter de uma pessoa. São eles: afetividade positiva, alegria, alteridade, amorosidade, autenticidade, autonomia, bom senso, bondade, cidadania, confiança, conscientização, decência, democracia, diferença, dignidade, direitos humanos, emancipação, esperança, ética, felicidade, humanização, humildade, justiça, liberdade, paciência, poesia, respeito, ser mais, solidariedade, tolerância, unidade na diversidade, utopia inédito-viável e vocação ontológica. Enfim, são termos que constituem uma espécie de campo semântico, isto é, os possíveis e múltiplos sentidos relacionados à palavra biofilia, no contexto geral do que aqui se apresenta.

3.1 Biofilia específica à existência da espécie humana

Biofilia é um termo composto por justaposição, isto é, formado pela junção de duas palavras de origem grega: *bios* (bio), que significa **vida**, e *philia* (filo), que corresponde a **amor**. Amor à vida se refere não somente ao que é contemplável em relação à beleza da existência em si, mas, principalmente, a todas as ações e propósitos, aliados a virtudes que contribuem com o desenvolvimento das funções multidimensionais da espécie humana, que em seu estado de inacabamento e incompletude há intrínseca necessidade de crescimento, de obter mais e mais conhecimentos. “[...] nós humanos não nascemos prontos, somos inacabados. Deparamo-nos, portanto, com a necessidade de nos fazer, objetivando o mundo, transformando-o e transformando-nos” (FREIRE, 1981, p. 43).

No mundo há muito o que melhorar e essa oportunidade é permanente, porque as criaturas humanas são propensas aos preceitos do bem. Se forem devidamente estimulados e exercidos, sem dúvida, enorme será a possibilidade de se constituir um meio social mais propício à boa convivência. Pode-se afirmar que todos aspiram por relacionamentos felizes, satisfatórios, de contentamento com seus semelhantes, em que as afetividades positivas prevalecem elevando a qualidade de vida das pessoas. “[...] o indivíduo não devia ser subordinado a quaisquer finalidades alheias a seu próprio crescimento ou felicidade.” (FROMM, 1986, p. 104). O crescimento e a felicidade no âmbito de toda uma nação não se

encontram apenas no idealismo irrealizável e nem são meras quimeras de sonhadores românticos. São, sim, a esperançosa oportunidade de estabelecer sistemas educacionais e fundamentar culturas com princípios éticos, que promovam, mais e mais, a aventura humana de expandir a sua enorme capacidade criativa, inventiva, somada à elevação de sua sensibilidade estética, resultando na ampliação de inéditos fatos históricos. “Afim, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História.” (FREIRE, 1996, p. 54, grifo do autor).

A vida do ser humano não só consiste apenas em nascer, crescer, reproduzir e morrer. Por pertencer à única espécie que pensa e armazena experiências na memória, isto é, dotada de inteligência e razão, difere das demais, reduzidas em seus instintos. Essas peculiaridades, certamente, tornam-na especial. “Ele é o mais inerte de todos os animais ao nascer. Sua adaptação à Natureza baseia-se essencialmente no processo da aprendizagem e não em determinação instintiva.” (FROMM, 1986, p. 35). Logo, cada existência humana, dentro de seu tempo, deve ser gerenciada e desfrutada de modo autônomo e intenso. É o patrimônio mais sagrado e particular de uma pessoa. Pois nele estão mantidas lembranças de seu passado; o presente lhe dá todas as possibilidades e competências de planejar um futuro mais promissor, no intuito de obter tudo aquilo que a torna mais e mais realizada.

3.2 O indivíduo, sua complexidade e categorias biofílicas

Dentro da subjetividade de seu singular universo, não isento de elevada complexidade, cada indivíduo, por certo, é consciencioso dos valores que resolveu adotar, por considerá-los mais interessantes e favoráveis na condução de sua própria existência. Daí tem a particular maneira de compreender o mundo e fazer avaliações, segundo seu critério pessoal, sobre tantos eventos que acontecem e afetam a sua sensibilidade, evidentemente, instruída e influenciada por uma enorme variedade de ensinamentos formais e informais, que, ele, por si mesmo, resolveu computar como aprendizagem. “O ego é sempre o padrão pelo qual a pessoa mede o mundo externo; a pessoa aprende a compreendê-lo por meio de uma comparação constante consigo mesma.” (FREUD, 1996, v. X, p. 99). A principal e mais importante referência de uma pessoa, em qualquer lugar em que se encontra, é ela mesma, visto que está sempre empenhada, mesmo inconsciente, em estabelecer analogias entre sua interioridade e estímulos externos. Logicamente, esse modo de ocupação envolve constantes processos mentais: sensação, ideação, consciência, memória etc., pois esses fatores, de ordem psicológica, muito contribuem para a

constituição da personalidade⁶² de cada sujeito. Em síntese, tudo passa pelo viés da cognição, pelo crivo do discernimento, que se adquire mediante educações formais⁶³ ou não⁶⁴. “Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.” (BRANDÃO, 2013, p. 7). A educação tem imprescindível função social.

A função social da educação é habilitar o indivíduo a atuar no papel que deverá caber-lhe mais tarde na sociedade; isto é, modelar-lhe o caráter de tal sorte que se aproxime do caráter social e que seus desejos coincidam com as necessidades de seu papel social. (FROMM, 1986, p. 225-226).

Segundo a teoria pedagógica de Paulo Freire, a existência pessoal de cada indivíduo, tanto para o seu próprio bem-estar quanto para os que lhe são próximos, pode ser desenvolvida pela aprendizagem de bons princípios praticados conforme os propósitos de ensinamentos que primam pela qualidade de vida. A princípio, por uma bem direcionada educação familiar, embora informal. Posteriormente, em idade escolar, seguida pela formal, estabelecida por um sistema de ótima qualidade, em instituições oficializadas, onde, além de serem ministradas disciplinas de ordem especificamente acadêmica, promove-se, também, a cultura da boa conduta, do relacionamento respeitoso entre os semelhantes. Assim sendo, nada mais esperado do que a formação de uma sociedade apropriada ao favorecimento de uma convivência bem mais fraterna e solidária entre todos os cidadãos. “Dizemos que a educação é um processo de socialização da cultura, no qual se constroem, se mantêm e se transformam os conhecimentos e os valores.” (RIOS, 2003, p. 70).

A seguir, serão apresentadas algumas das várias categorias relacionadas às virtudes, ao amor à vida, que consubstanciam a essência da temática biofilia e permeiam os discursos do patrono da educação brasileira, registrados em suas obras. A propósito, oportuna a transcrição a seguir: “E me fala de coisas bonitas / que eu acredito / que não deixarão de existir / amizade, palavra, respeito / caráter, bondade, alegria e amor”. Estes versos fazem parte da letra da música

⁶² “A personalidade representa um ajuste entre, por um lado, as pulsões e necessidades internas, e, por outro, os controles que limitam e regulam sua expressão. Tais controles são internos (por exemplo, consciência e superego) e externos (imposições da realidade). A personalidade funciona para manter um relacionamento estável e recíproco entre a pessoa e seu meio ambiente; constitui, pois, uma combinação das defesas do ego, as manobras autoplásticas e aloplásticas, que são automática e habitualmente empregadas para manter a estabilidade intrapsíquica. A personalidade, em outras palavras, é um conjunto de hábitos que caracterizam a pessoa em sua maneira de levar a vida cotidiana; sob condições comuns, é relativamente estável e previsível; e, em sua maior parte, é egossintônica.” (CAMPBELL, 1981, p. 450-451).

⁶³ “O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação), cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem a escola, o aluno e o professor...” (BRANDÃO, 2013, p. 26).

⁶⁴ “A educação existe onde não há escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado.” (BRANDÃO, 2013, p. 13).

Bola de meia, bola de gude, do cantor e compositor Milton Nascimento, em parceria com Fernando Brant.

3.3 Afetividade positiva, alegria, alteridade, amorosidade, autenticidade e autonomia

A afetividade⁶⁵ abrange fenômenos psíquicos presentes, continuamente, em todas as esferas do universo existencial do ser humano. Permeia, constantemente, a vida de uma pessoa, no mundo concreto e abstrato. Podem ser de efeitos negativos, que costumam lhe causar aversões; ou positivos, que lhe são agradáveis, além de expandir o potencial humano, devem ser investidos para que a existência desfrute estados de felicidades. Trata-se de afinidades profundas como função crucial no processo de aprendizagem, altruísmo, alegria, felicidade, saudade, amizade, solidariedade, paixões, amor, sentimentos, emoções, simpatia e inúmeras mais ocorridas nos indivíduos e entre si. Essa gama de coisas influencia o crescimento e o aprofundamento da capacidade cognitiva dos indivíduos. Sobre as influências e efeitos positivos e negativos do afeto no corpo de alguém, Freud (1996, v. VII, p. 274-275) apresenta algumas observações interessantes a seguir:

Em certos estados anímicos chamados de “afetos”, a participação do corpo é tão evidente e intensa que alguns estudiosos da alma chegaram até a pensar que a essência do afeto consistiria apenas nessas suas exteriorizações físicas. São genericamente conhecidas as extraordinárias mudanças na expressão facial, na circulação sanguínea, nas secreções e nos estados de excitação da musculatura voluntária sob a influência, por exemplo, do medo, da cólera, da dor psíquica e do deleite sexual. Menos conhecidos, embora estabelecidos com plena certeza, são outros efeitos físicos dos afetos que já não são próprios da expressão deles. Os estados afetivos persistentes de natureza penosa, ou, como se costuma dizer, “depressiva”, tais como desgosto, a preocupação e a tristeza, abatem a nutrição do corpo como um todo, causam o embranquecimento dos cabelos, fazem a gordura desaparecer e provocam alterações patológicas nas paredes dos vasos sanguíneos. [...] Evidentemente, os grandes afetos têm muito a ver com a capacidade de resistência às doenças infecciosas; um bom exemplo disso é a observação médica de que a propensão a contrair tifo e disenteria é muito mais significativa nos membros de um exército derrotado do que na situação de vitória. Ademais, os afetos – embora quase que exclusivamente os depressivos –

⁶⁵ O termo afetividade, na área da Psicologia, designa o conjunto de fenômenos psíquicos. Estes, independentes dos efeitos positivos ou negativos, de que são capazes de causar, mediante suas manifestações sobre a sensibilidade humana, abrangendo emoções, paixões, tendências... contribuem, intimamente, com a constituição singular do caráter de cada indivíduo. Inúmeras influências da afetividade estão bastante presentes nas relações interpessoais, logo, exercem uma função crucial no desenvolvimento cognitivo de uma pessoa. Assim sendo, importa saber que são fatores de desempenhos relevantes, imprescindíveis, durante todo o processo de ensino e de aprendizagem da educação formal. Palavra originária do latim *affectus*, proveniente da raiz *afficere*. Segundo o conceito que se encontra no *Vocabulário da psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1977, p. 34), afeto é um “Termo que a psicanálise foi buscar à terminologia psicológica alemã e que exprime qualquer estado afetivo, penoso ou agradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda a pulsão se exprime nos dois registros do afecto e da representação. O afecto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações”.

muitas vezes bastam por si mesmos para ocasionar doenças, tanto no tocante aos males do sistema nervoso com alterações anatômicas demonstráveis quanto no que concerne às doenças de outros órgãos, situação na qual temos de supor que a pessoa em causa já tinha uma predisposição para tal doença, até ali inoperante.

Em todos os relacionamentos interpessoais há um componente imprescindível, de importância extrema e de inevitável presença: a afetividade. Nisso consiste uma sábia distinção: saber separar o joio do trigo, isto é, optar pelas companhias saudáveis e se afastar de pessoas tóxicas, que afetam, negativamente, a alegria de viver.

“O destino muitas vezes cura as doenças através das grandes emoções de alegria, da satisfação das necessidades e da realização dos desejos, com os quais o médico, amiúde impotente fora de sua arte, não pode rivalizar.” (FREUD, 1996, v. VII, p. 280). O enorme poder e até milagroso da alegria, não, meramente, ingênua ou mesmo tola, na vida de um ser humano, mas genuína, oriunda de pleno sentimento de satisfação de ter realizado algo que valeu muito a pena, por exemplo: defender, com êxito, a tese de doutorado; o encontro com a pessoa amada; entrar de férias; comer a iguaria predileta; estar em companhia de bons amigos; reencontrar um parente muito querido, depois de muito tempo sem vê-lo, pessoalmente. Enfim, há muitos motivos para a obtenção desse sentimento, que deve ser buscado por ser, realmente, mágico, agradável, por promover o bem-estar, a felicidade. Há nesse fenômeno imensa carga de energia positiva, tendente a atitudes construtivas. Quem se encontra sobre o seu efeito é facilmente percebido pelos que estão próximos, pelo contágio harmonioso que emerge do interior. Esse deveria ser o estado de espírito de todos porque brinda a existência. “Estou com 75 anos e vocês não imaginam a minha alegria quando tenho a primeira aula com um grupo de alunos; é a mesma alegria de quando eu tinha 19 anos e dei a primeira aula. [...] Se essa alegria não acompanha o educador, desiste de dar aula.” (FREIRE, 2005, p. 285). A Educação foi para Paulo Freire sua grande paixão profissional, que o realizou tanto chegando ao ponto de lhe consagrar uma personalidade de renome mundial. Por detrás de todo gênio há, simplesmente, um ofício empenhado com espírito de alteridade.

A definição do termo alteridade representa um dos elementos que mais influenciam a constituição psicológica e singular do eu de um indivíduo, levando em consideração a impossibilidade de alguém ser, verdadeiramente, autossuficiente. Esse é um dos temas muito abordado pela Antropologia, pela Filosofia e, também, pela Pedagogia freiriana, pois trata da dependência do ser humano em relação a seu semelhante e sua interação ao meio social, que, para se manter em condição justa e igualitária, deve-se ao respeito, à valorização e ao reconhecimento das diferenças, que compõem a multiplicidade de ideias do outro. O desenvolvimento do pensamento subjetivo é, por excelência, individual, porém está

estritamente vinculado ao diálogo infindo e recíproco com a alteridade, fenômeno que resulta da intersubjetividade. “O diálogo, como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização.” (FREIRE, 1987, p. 134). Ninguém se basta a si mesmo. Já dizia o poeta inglês John Donne: “Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte de um todo⁶⁶.”

O *eu* dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o *tu* que o constitui. Sabe também que, constituído por um *tu* – um não-eu –, esse *tu* que o constitui se constitui, por sua vez, como *eu*, ao ter no seu *eu* um *tu*. Desta forma, o *eu* e o *tu* passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois *eu*. (FREIRE, 1987, p. 165-166, grifo do autor).

Esses contatos entre os sujeitos realizam a vocação ontológica da espécie que pensa tornar-se cada vez mais humana, mais gente e até potencializam inclinações amorosas em relação a seus semelhantes.

A amorosidade se fundamenta nas estreitas e fraternas relações interpessoais em que acontecem, de modo recíproco, muitas outras virtudes, tais quais a atenção, o respeito, a empatia, o carinho. É uma capacidade humana de elevada potencialidade, que deve ser exercida devido aos muitos resultados positivos, benéficos ao bem-estar da existência coletiva. Este é um termo, cuja essência de seu significado permeia, praticamente, toda a teoria pedagógica freiriana, por ser uma categoria que representa o comprometimento de experiências de uma pessoa com a outra, como se fossem uma só. Isto é, a transcendência, mediante diálogos, da subjetividade, que se caracteriza pelos sentimentos, interpretações e julgamentos das coisas, exclusivamente individual, para a intersubjetividade, condição em que há entre os sujeitos, na convivência social, a partilha de julgamentos, interpretações e sentimentos. Neste contexto, é muito oportuno informar que em inter-relacionamentos envolvendo professor e alunos, concepções epistemológicas, metodológicas e éticas, procedentes do campo de conhecimento da Psicologia Educacional, são muito apropriadas.

Dessa forma se justifica a presença da psicologia nos cursos de formação de educadores. Lidando com a vivência subjetiva dos indivíduos, essa ciência ajuda todos a se conhecerem melhor e aos outros, entendendo suas relações mútuas e suas reações às interpelações do grupo. (SEVERINO, 2012, p. 147-148).

Subjetividades individuais estão envolvidas em todos os inter-relacionamentos. Daí são inevitáveis influências recíprocas e conhecimentos mútuos. Quanto mais espontânea e

⁶⁶ Por Marcello Rollemberg, editor de Cultura do “Jornal da USP”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/nenhum-homem-e-uma-ilha/>. Acesso em: 3 jan. 2021.

congruente a autenticidade, maior a transparência, convicção e confiabilidade sobre tudo o que é tratado.

A autenticidade consiste em ser fiel aos seus próprios valores e a si mesmo; viver conforme as próprias crenças e externá-las aos outros, livre do receio de sofrer qualquer ato de expugnação, de quem quer que seja. É um inalienável direito de cada ser humano ter a liberdade de expressar, por meio da fala e da escrita, seus conceitos e suas opiniões. O silêncio imposto por um poder qualquer, sem dúvida, é um jeito de amordaçar um sujeito, não respeitando a grandeza de sua humanidade. Fromm (1986, p. 208) escreveu: “A incapacidade de agir espontaneamente, de expressar o que se sente e pensa autenticamente, e a necessidade resultante de apresentar um pseudo-ego aos outros e a si mesmo são a origem do sentimento de inferioridade e fraqueza”. A exposição espontânea do que se pensa e se sente, certamente, é uma das grandes qualidades da biofilia. Cercear a liberdade de um indivíduo agir assim é diminuí-lo e afetar, de modo negativo, a sua autonomia.

A manifestação da autenticidade tende a aumentar, se aliada ao poder da autonomia. Esta é uma das categorias centrais no pensamento pedagógico, relativo à prática educativa e democrática de Paulo Freire (1996, p. 59), que declarou o seguinte: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Evidentemente que o exercício da autonomia está atrelado a condições culturais, mas estas jamais deveriam servir de recursos para impedi-la de expandir-se em sua máxima potencialidade, por ser a faculdade imperativa do autogoverno de cada indivíduo. Apesar da cronologia de sua existência estar sob uma curta limitação de tempo, o ser humano não nasceu para viver em grilhões do determinismo, mas, em conformidade com a obtenção de consciência crítica da realidade, desvencilhar-se da condição ingênua mediante conhecimentos de ordem epistemológica. Assim, adquirir possibilidades de usufruir plena liberdade de fazer escolhas sobre o que considera melhor para a sua vida e optar por quais percursos pretende desbravar experiências, que produzirão a sua própria história e, desse modo, tornar-se senhor de seu exclusivo, singular e particular destino. O princípio pedagógico freiriano reconhece e enaltece a importância da autonomia, que deve ser ensinada às crianças, para que já possam exercê-la desde a fase infantil.

E na base desta renovada pedagogia estava também uma nova imagem da infância e da juventude, valorizada na sua autonomia, na sua diversidade em relação à idade adulta, na sua afetividade, ingenuidade e inocência, dando assim vida a uma visão da criança que estará no centro de toda a cultura (e da vida social) moderna e contemporânea... (CAMBI, 1999, p. 241).

A prática do bem, também, aprende-se e faz parte do processo cultural civilizatório; melhor dizendo: principalmente, devido ao efeito de bem-estar, que causa em qualquer meio social.

3.4 Benevolência, bom senso, cidadania, confiança e conscientização

A categoria benevolência não se encontra no *Dicionário Paulo Freire* (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018). Deveria, pela razão logo adiante explicitada. Significa tratar alguém com bondade, benignidade. Por excelência, é uma palavra que representa a biofilia, seja por meio de atitudes ou palavras. Virtude que costuma ser exercida por pessoas de boa índole, capazes de sentir empatia⁶⁷ e ter satisfação de praticá-la pelo simples fato de querer bem ao próximo. As palavras, a seguir, de Paulo Freire (1980, p. 14) ilustram, com exatidão, o sentimento de querer ser benevolente: “Em Jaboatão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança, comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar os homens.” Resultado: a teoria pedagógica freiriana se fundamenta em princípios de bondade, de valorização da existência de todos os seres humanos, indiscriminadamente. Quem, despropositadamente, presta benevolências, não motivado de receber, em troca, qualquer vantagem, principalmente, material, é como bálsamo na convivência de um meio social. Tais ações favorecem deveras o bem-estar nos inter-relacionamentos, sempre permeados por múltiplas situações. Mesmo em casos muito sérios, os problemas são tratados pela avaliação do bom senso, que é iniciativa bondosa em busca de soluções.

Nem sempre a harmonia é fator prevalectente em saudáveis convivências sociais. Quando acontecem sérias dissensões, é o momento de recorrer ao bom senso, que abrange noções sábias relativas à leitura e compreensão da realidade, para daí restabelecer a concórdia. No cotidiano, surgem inevitáveis problemas. Conforme o contexto específico de cada um, a sensatez pensa e apresenta argumentações racionais para tomadas de atitudes, que, associadas à prudência e à sensibilidade ética, geram soluções por vias de escolhas e decisões assertivas correspondentes aos padrões morais comprometidos, epistemologicamente, com os direitos e deveres próprios da cidadania emancipatória.

⁶⁷ Segundo o *Dicionário de Psiquiatria*, de Campbell (1981, p. 202), empatia significa: “Colocar-se no quadro psicológico de referência de uma outra pessoa, de forma que o pensamento, sentimentos e ações dessa outra pessoa sejam entendidos e, em certa medida, previsíveis. Carl Rogers define empatia como a capacidade de acompanhar uma outra pessoa para onde quer que os sentimentos dela nos levem por mais fortes, profundos, destrutivos ou anormais que eles possam parecer.”

A cidadania emancipatória se manifesta em grupos, em âmbitos coletivos, mediante relacionamentos sociais, democráticos, que prezam pela plena dignidade de todos os seres humanos, sem qualquer tipo de segregação.

[...] a cidadania implica uma consciência de pertença a uma comunidade e também de responsabilidade partilhada. Estaríamos falando, assim, de uma cidadania que ganha seu sentido num espaço de participação democrática, na qual se respeita o princípio ético da solidariedade. (RIOS, 2003, p. 115).

Faz parte do processo cultural, portanto uma pessoa se torna cidadã, conhecedora de seus direitos e deveres, por meio da aprendizagem.

A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional. (MORIN, 2012, p. 65).

O exercício da cidadania pode, sim, contribuir para o progresso e a transformação, cada vez melhor, da sociedade. Confere, aos indivíduos, autonomia e liberdade para serem agentes ativos em sua vida particular, senhores de seu tempo; desenvolverem suas aptidões criativas, afins em qualquer área de conhecimento e interpretação do mundo; arquitetarem seu próprio destino e deixarem, na história, suas impressões digitais. Realizações bem-sucedidas de tais proezas só são possíveis se motivadas pelos vínculos da confiança.

A confiança do e no ser humano parte de suas virtudes e se reforça em âmbitos favoráveis. Uma sociedade estabelecida por princípios democráticos deve lhe oferecer todas as condições para que seja estimulado esse sentimento, que se opõe à incerteza. Uma pessoa motivada pela convicção é capaz de realizar grandes feitos. Sentir-se confiante lhe potencializa a condição de vir a ser muito mais do que é; aguça as possibilidades de seu gênio criativo inventar ou descobrir novidades. Essa é a maneira do conhecimento se desdobrar e a ciência se multiplicar. Porém, sem prévia conscientização, nada é confiável.

Na linha de pensamento de Paulo Freire, o ser humano deveria se livrar de sua prejudicial posição ingênua, mediante processo educacional, comprometendo-se, ativamente, com o termo muito usado pelo educador brasileiro: conscientização ético-crítica, reflexiva, em relação ao contexto histórico-social e à realidade do mundo, que é modificável e, óbvio, passível de transformação mediante ações de pessoas engajadas nesse propósito político, instruídas e auxiliadas pela teoria do conhecimento epistemológico. “É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação.” (FREIRE, 1980, p. 22).

Como se constata, há um grande rol de virtudes, que, se exercidas pelos seres humanos, melhorariam, e muito, tanto a vida de cada indivíduo assim como a convivência nos meios sociais. Evidente que não tornariam o mundo um paraíso e nem resolveriam todos os problemas da humanidade, pois isso seria uma utopia irrealizável. Contudo, vale insistir na possibilidade biofílica de existência mais decente.

3.5 Decência, democracia, diferença, dignidade e direitos humanos

A decência reporta a vários outros termos biofílicos, alguns não expressos, com especificidade, neste trabalho, mas importa mencioná-los por serem sinônimos: brio, comedimento, correção, decoro, equilíbrio, honestidade, honradez, integridade, moralidade, nobreza, probidade, retidão, seriedade, vergonha. A boniteza dessas virtudes se aprende e contribui com o aperfeiçoamento da humanização dos indivíduos. O conteúdo da obra de Paulo Freire trata dessas características, coerentes ao modo decente como viveu, desejando o bem de seus semelhantes.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1996, p. 24).

Sobre o patrono da educação brasileira, Miguel Arroyo (2001, p. 273) escreveu o seguinte: “Paulo Freire é mais forte pelo que ele foi como ser humano do que pelo que ele disse ou escreveu. O importante era sua forma de relacionar-se com as pessoas, com os educandos, era o respeito pelo outro. Sua presença educava.” Sua relação profissional e pessoal com seus próximos é um verdadeiro exemplo de espírito democrático.

A filósofa, mestre e doutora em Educação Terezinha Azerêdo Rios (2003, p. 112) escreveu o seguinte: “[...] cidadania e felicidade têm seu significado confirmado no espaço social em que se instale a democracia”. Se é a população que constitui uma nação, nada mais justo que o seu governo tenha participação direta do povo, que, para tal competência cidadã, deve ser muito bem instruído por uma educação de qualidade elevada. Nesse princípio e apesar de não perfeito, a democracia é o sistema político mais adequado em relação aos demais, pois, também, permite necessárias mudanças sociais, em constantes aprimoramentos, atrelados às diferenças culturais. Pelo prisma da humildade, diálogos entre diferenças de ideias e de culturas enriquecem o conhecimento e devem ser praticados em “pé” de igualdade, sem que haja qualquer imposição de superioridade de uma sobre a outra. A arrogância não tem espaço no princípio da democracia. “Sociedades diferentes, ou diferentes classes dentro de uma sociedade,

têm um caráter social específico, e, baseado neste, diferentes ideias se formam e tornam-se poderosas” (FROMM, 1986, p. 221). Dentro dessa linha de pensamento, Paulo Freire (1996, p. 120) expressa pleno acordo a dimensões interculturais: “Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar”.

A temática *diferença* é bem definitiva na seguinte expressão do poeta Carlos Drummond de Andrade: “Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar.”⁶⁸ Incontestável, comprova-se que as sociedades e as nações são constituídas por estranhos ímpares. Cada qual com seus valores e características peculiares e dialogares. Logo, “[...] a pessoa que se abre para si mesma, para o outro e para o mundo, construindo relações autênticas e um olhar crítico sobre a realidade, inaugura com essa abertura a relação dialógica” (LOUREIRO, 2005, p. 111). Cada pessoa representa uma novidade, portanto deve ter autonomia, a liberdade de expressar suas palavras e ser ouvida. O direito universal de ter vez e voz lhe confere dignidade.

“A dignidade do humano é lastro da moralidade” (SEVERINO, 2012, p. 94). A integridade moral de um indivíduo está muito relacionada à consciência de si mesmo, ao brio, e inspira respeito, por representar um distintivo de honra, em sua existência. Todas as pessoas, exceto se prove o contrário, são dignas de praticarem as próprias vontades, de superarem patamares alcançados e irem além de onde se encontram. Sem o apreço biofílico e democrático sobre a dignidade, que abrange três belas palavras – liberdade, igualdade e fraternidade –, os direitos humanos não teriam fundamentos.

A prática dos direitos humanos não depende apenas do governo. É preciso saber que se estende, principalmente, entre os cidadãos comuns. Cada qual deve estar consciente de que tem a responsabilidade da reciprocidade, isto é, de promover e acatar o direito do outro. Jamais violá-los, seja de que natureza for: política, econômica, civil, social ou cultural. Todos inerentes à dignidade de quem quer que seja, independentemente da cor, da raça, da idade, da etnia, do idioma, da religião, opiniões políticas etc. Direitos humanos não devem ser apenas questão de retórica, mas de, verdadeiramente, emancipação.

3.6 Emancipação, esperança, ética, felicidade, humanização e humildade

Quanto ao significado de emancipação, pode-se referir a outros termos como autonomia, liberdade, independência. Fromm (1967b, p. 38) apresenta um bom exemplo emancipatório do

⁶⁸ Disponível em: https://www.pensador.com/todo_ser_humano_e_um_estranho_impar/. Acesso em: 7 jan. 2021.

sujeito: “O homem, como raça, emancipa-se lentamente da mãe natureza, pelo processo do trabalho, e nesse processo de emancipação desenvolve sua capacidade intelectual e emocional e cresce, tornando-se um homem livre e independente”. No sentido geral, emancipação garante o estabelecimento da individualidade e consiste não só na plena capacidade civil, mas, também, nos entrosamentos entre diferentes vertentes multiculturais, onde são reconhecidas manifestações de sentimentos e pensamentos, psicologicamente, próprios.

Orgulhamo-nos de não estar sujeitos a nenhuma autoridade externa, de ser livres para manifestarmos nossos pensamentos e sentimentos, e fiamos-nos em que esta liberdade quase automaticamente garante nossa individualidade. *O direito de manifestar nossos pensamentos, contudo, só tem significado se somos capazes de ter pensamentos próprios*; a emancipação da autoridade só é uma aquisição duradoura se as condições psicológicas interiores são tais que sejamos capazes de estabelecer nossa própria individualidade. (FROMM, 1986, p. 191-192, grifo do autor).

Aspirações, ainda não emancipadas, aguardam, esperançosas, a plenitude do tempo, que lhes favorecerá a realização de suas pretensões. Isto é, o período ideal, que lhes permitirá a concretização de seus propósitos.

Paulo Freire (1987, p. 82) produziu a seguinte expressão, que define, belissimamente, a esperança: “A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca”. É um termo muito presente em seus discursos, por ele considerá-la uma necessidade ontológica. O significado desta palavra se pode inferir à fé na capacidade criativa do ser humano, que, em seu estado de inacabamento, de incompletude, sente-se impulsionado a ser mais. Determinado, empenha-se em seu intento e traz à luz descobrimentos e invenções nem sequer imaginadas por pretéritas gerações. Relatos históricos comprovam essas humanas proezas. Enfim, o esperar freiriano é pragmático: “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.” (FREIRE, 1987, p. 82).

Todos os termos biofílicos mencionados anteriormente e os posteriores, de um modo ou de outro, podem estabelecer conexão com o sentido da palavra ética⁶⁹, pelo fato de sempre estar relacionada à defesa da dignidade humana. Sobre isso, Paulo Freire (1996, p. 18) afirma: “Quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana”.

⁶⁹ Segundo o *Dicionário de Psiquiatria*, de Campbell (1981, p. 236), ética é “O ramo da filosofia que trata das bases dos valores morais e dos pressupostos sobre o que é certo e bom. A ética é mais do que a moralidade, que se refere a qualquer sistema de crenças e valores segundo os quais o comportamento é aferido e julgado. A ética surge quando a própria moralidade é problemática, e quando ocorrem conflitos entre sistemas morais ou conjuntos de valores antagônicos”.

Acrescentando: algo absolutamente imprescindível não somente ao processo de humanização, como, também, à realização da vocação ontológica de experienciar estados de felicidade.

A sensação de contentamento e de bem-estar é muito agradável ao ser humano. Apesar do estado de felicidade ter caráter de finitude, intensifica a vida de uma pessoa e até a rejuvenesce. Segundo Freud (1996, v. VII, p. 275): “[...] sob a influência de excitações mais alegres, da ‘felicidade’, vê-se o corpo inteiro desabrochar e a pessoa recuperar muitos sinais de juventude”. Não é fácil defini-la como um todo, no entanto há muitas possibilidades de alcançá-la pelos vieses das práticas biofílicas das virtudes, principalmente as que brindam a vida e promovem o bem comum nas relações interpessoais. Já dizia o poeta: “É impossível ser feliz sozinho”⁷⁰. Quem se encontra emocionalmente feliz, motivos são vários, costuma estar envolvido com o bom humor.

É preciso deixar de lado a ideia “hollywoodiana” de felicidade, identificada com uma vida “cor-de-rosa”, sem conflitos e contradições. Se afirmarmos que felicidade é outro nome para o bem comum e que o bem comum é o bem coletivo, bem público, queremos dizer que ela se identifica com a possibilidade de participar criativamente da sociedade, dizer sua palavra, ser ouvido e reconhecido em sua identidade, ser considerado e saber considerar no coletivo. (RIOS, 2003, p. 120).

São múltiplas as facetas da felicidade e cada sujeito, em sua individualidade, a experiencia de modo muito particular. A felicidade é um fenômeno que contribui, com enorme eficácia, com o processo de humanização, cujo desenvolvimento e consistência se sustentam em bases de ideais realizados. “Podemos partir da tese de que a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita. As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória.” (FREUD, 1996, v. IX, p. 137).

A vocação para a humanização está atrelada à cultura civilizatória. Logo “[...] a felicidade individual não deve ser negada pela civilização” (FREUD, 1996, v. XI, p. 64). A inconclusão humana é um constante autofazer-se, uma contínua aventura no mundo do conhecimento, tanto de si mesmo quanto do mundo, assim como ir além, muito além, de tudo o que já foi adquirido e conquistado. Os feitos, suscitados pelo estímulo de ser mais, isto é, realizações do que antes eram utopias, recheiam a história de novidades. Porém, tais proezas jamais deveriam subtrair a grandeza da humildade.

Não se refere à humildade de autodesprezo, que, vulgarmente, conota pouco ou nenhum mérito, somado ao sentimento de inferioridade, de insignificância, do ser humano em tola

⁷⁰ Verso da letra da música intitulada *Wave*, composição de Antônio Carlos Jobim – Tom Jobim.

submissão, mas à humildade humana, solidária, fraternal, biofílica, que expressa dignidade ética no reconhecimento de que, independentemente de qualquer hierarquia social, ninguém é superior a quem quer que seja, garantindo, assim, a convivência harmoniosa e respeitosa entre os diferentes.

[...] é fundamental que se assuma uma atitude freirianamente humilde para que se possa aprender, com Freire, a consolidação de práticas coletivas solidariamente comprometidas com a conscientização [...] e com a luta coletiva na defesa da possibilidade de nossos sonhos. (FREITAS, 2001, p. 35).

Na base dessa espécie de humildade reside o espírito da justiça social.

3.7 Justiça social, liberdade, paciência, poesia e respeito

A justiça social, no ideal democrático, deve ser um instrumento legal, estabelecido em corretos princípios, cuja função consiste em defender e preservar os direitos inalienáveis do cidadão em prol de um mundo mais igualitário e fraterno. Assim como, balizada na ética e imparcialidade, indiscriminadamente, manter interações e ordens sociais dentro de respeitos mútuos. Isto é, preservar unidades pacíficas nas diversidades, nos relacionamentos entre as diferenças, conforme conceitos fundamentados por estudos da área do Direito, da Moral, da Filosofia, da Religião, da Pedagogia freiriana, que entendem aspirações e anelos íntimos da alma humana. “[...] o anelo de justiça e verdade é uma tendência inerente à natureza humana [...]” (FROMM, 1986, p. 227). O papel da justiça é garantir a dimensão subjetiva da liberdade, que contribui com a humanização, de as pessoas progredirem, de serem melhores, de cada vez mais se superarem, de irem bem além da condição em que se encontram. “[...] a história do homem pode ser caracterizada como um processo de individuação e liberdade crescente” (FROMM, 1986, p. 35).

A liberdade lícita, biofílica, no contexto deste trabalho, é, exatamente, o que Fromm (1967b, p. 162) afirma: “A tarefa do homem é ampliar essa margem de liberdade, fortalecer as condições que levam à vida, em contraposição às que levam à morte”. Verdadeiramente, os seres humanos nascem na mesma condição de igualdade, portanto todos devem partilhar dos mesmos direitos inalienáveis de viverem a vocação e a possibilidade de serem autênticos, livres e felizes.

Nos discursos freirianos, o emprego da categoria *paciência* é muito comum e, também, biofílico, quando o conceito, relacionado à esperança, trata da preparação dinâmica de projetos e do aguardo da chegada do tempo adequado, apropriado, para que aspirações utópicas possam ser realizadas, considerando que, no processo histórico, a única coisa imutável é o fenômeno

da mutabilidade, viabilizadora de fatores inéditos, de constantes novidades. “É a capacidade crítica, jamais ‘sonolenta’ sempre desperta à inteligência do novo.” (FREIRE, 2000, p. 30). A inteligência conscientizada, educada, instruída muito contribui para a preparação do futuro, que rompe a mesmice, o imobilismo, a acomodação, mediante ações transformadoras de melhores e mais humanitárias ordens sociais.

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como “projetos” –, como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. (FREIRE, 1987, p. 73).

Não faltam poesias, figuras de linguagem, principalmente metáforas, e nem excelentes criações de neologismos na linguagem freiriana. Isso é percebido em primorosas combinações de palavras no conteúdo de sua literatura acadêmica, cheia de significados e qualidades, esteticamente harmonizados. Como exímio escritor e com o dom de dar significações novas a velhos signos linguísticos, Paulo Freire era ciente da enorme influência do sentido artístico e mágico das palavras, no pensamento de leitores do mundo. Sobre isso, Freud (1996, v. XIII, p. 217) dá um testemunho pessoal: “Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura [...]”. O fundador da Psicanálise também usava o recurso da linguagem poética em suas produções textuais, que, inclusive, conferiram-lhe reconhecimento, levando-o a declarar o seguinte: “[...] todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta” (FREUD, 1996, v. IX, p. 135).

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que literatura, levamos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade –, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível. (MORIN, 2012, p. 45).

“Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia.” (FREIRE, 1987, p. 81). O uso de boas palavras, acima de tudo, é um ato de respeito à vida do próximo, que se integra com seus semelhantes mediante relações dialogais. Expressões verbalizadas, isentas de enganos, elucidam, ensinam, instruem, conscientizam, alteram modos de pensar relativos à realidade. Inter-relacionamentos, de recíprocas autênticas respeitabilidades, são biofílicos pelo envolvimento de positivas afetividades, em que prevalecem o bom senso, a confiança, a decência, a dignidade, a ética, a humildade, a solidariedade. Enfim, abrangem todas as

categorias, que promovem a humanização dos indivíduos e, conseqüentemente, da sociedade e do mundo. “[...] só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo” (FREIRE, 1987, p. 19). Sob a égide do respeito alheio, o ser humano é mais ele, com suas diferenças, em integração com seus semelhantes e liberdade para o exercício de sua autonomia, que lhe confere justa emancipação para ser mais, muito mais do que é.

3.8 Ser mais, solidariedade e tolerância

Há muita lógica no conceito antropológico de Paulo Freire de que a espécie, que se humaniza pela educação, tem por principal característica, em sua constituição, o inacabamento, a inconclusão, a incompletude. Por isso, vocacionada a ser, continuamente, mais e mais, está em permanente processo de desenvolvimento intelectual; daí a insatisfação do que já conquistou. O vir a ser é a dinâmica infinda de sua existência, numa roda viva entre o ideal e o real, sempre diante de um futuro cheio de possibilidades de realizações de viáveis utopias. “O homem aspira às projeções da realidade que não são ainda materializadas dos projetos. Por isso, o homem é ser de aspirações. A aspiração é tão entranhadamente humana, que destruí-la é destruir o homem.” (ARDUINI, 1989, p. 33). Ser mais é aventurar-se na criação do inédito, na concepção de novidades, que enriquecem fatos históricos. No campo educacional, semeia-se a esperança no potencial do ser humano em modificar, para melhor, a si mesmo e o mundo.

O homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado [...]; é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1979, p. 27).

Problemas, de pequenas, médias ou grandes proporções, são inevitáveis na vida dos seres humanos. As soluções são bem menos complicadas se mediante ações de responsabilidade recíproca, colaborativa, denominada solidariedade, que é uma espécie de empatia generosa, desinteressada, altruísta⁷¹ e enobrecedora das relações interpessoais. “A solidariedade, como valor e como necessidade humana, embeleza, humaniza e promove a vida.” (GADOTTI, 2003, p. 61). É um exercício de cidadania que envolve considerações pelo bem-estar do outro e da comunidade. Deveria haver uma constante campanha educacional e de fomento à prática dessa

⁷¹ Segundo o *Dicionário de Psiquiatria*, de Campbell (1981, p. 26), altruísmo é “Respeito pelos interesses e necessidades dos outros; termo criado pelo filósofo francês Auguste Comte (1798-1857), para quem o principal problema da existência era ‘*vivre pour autrui*’ (viver para o bem dos outros)”.

beneficência. “O solidário não quer solidão.” (Verso da música *Bola de meia, bola de gude*, de Milton Nascimento e Fernando Brant).

Só há uma solução possível e produtiva para o relacionamento do homem individualizado com o mundo: sua solidariedade ativa com todos os homens e sua atividade, amor e trabalho espontâneos, que o unem uma vez mais com o mundo não por meio de vínculos primários, mas como um indivíduo livre e independente. (FROMM, 1986, p. 38).

Complicações, reveses, transtornos somam-se às imperfeições humanas, que carecem da tolerância alheia.

“Tolerar a vida continua a ser, afinal de contas, o primeiro dever de todos os seres vivos.” (FREUD, 1996, v. XIV, p. 309). A tolerância é um fator principal na integração entre as pessoas, que, certamente, sem exceção, cometem, entre si, deslizos, falhas, erros, que precisam ser, mutuamente, perdoadas. Evita o preconceito, que fomenta o desacato à vida; respeita as diferenças, que muito têm a ensinar; aceita as singularidades de comportamentos, ideias e opiniões, que enriquecem o conhecimento. Isso é possível quando as pessoas têm consciência de que ninguém deve ter o controle sobre tudo que acontece, como ocorre em sociedades governadas por tiranos, cujo autoritarismo se instala, antidemocrático, onde déspotas pretendem impor, no outro, a sua imagem e semelhança. Tolerar é ter respeito ao direito de todo indivíduo ser o que é, desde que não prejudique ou ofenda o próximo. É o que diz a máxima popular: “O seu direito termina quando o do outro começa”. Num meio social, se uma pessoa é respeitada, a recíproca deve ser verdadeira. O termo foi tão importante para Paulo Freire (2005, p. 26), que, em seu clássico *Pedagogia da tolerância*, deixou o seguinte registro:

O que a tolerância autêntica demanda de mim é que respeite o diferente, seus sonhos, suas ideias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por me ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente.

A tolerância é democrática ao respeitar o diferente. Por isso, contribui com a unidade na diversidade.

3.9 Unidade na diversidade, utopia inédito-viável e vocação ontológica

Entende-se unidade na diversidade a construção de uma democracia radical, substantiva, gregária, que torna a minoria em maioria abrangendo e mesclando diferenças e semelhanças. Soma de fatores que ampliam, aprofundam e enriquecem o conhecimento e a criação da multiculturalidade.

[...] não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças. (FREIRE, 2006, p. 118).

“Não posso dizer que sou eu, se não sou reconhecido pelo outro e se não o reconheço como alguém como eu.” (RIOS, 2003, p. 121). A possibilidade dessa espécie de unificação de diversidades muito deve aos diálogos, à conscientização de sua importância nas relações interpessoais, assim como em formulações éticas que correspondem aos intentos educacionais inclusivos de Paulo Freire, baseados na compreensão, interesse e alteridade em distintos outros segmentos. “A simbiose, nesta acepção psicológica, significa a união de um eu individual com outro eu (ou qualquer outra força extrínseca ao próprio eu), de maneira tal a fazer cada um perder a integridade do próprio eu, a torná-los completamente dependentes um do outro”. (FROMM, 1986, p. 130). A integridade do próprio eu não se basta e nem suporta a solidão. Daí a possibilidade de a utopia da unidade na diversidade ser viável, que muito depende da educação, da conscientização e da boa vontade, principalmente, política.

Aprender a perceber outro ser humano não como um objeto, mas como uma pessoa completa, não é um acontecimento automático, mas uma conquista que exige a superação de muitos obstáculos, o primeiro deles é a total incapacidade de distinguir entre o eu e o outro. (NUSSBAUM, 2015, p. 96).

Quanto à palavra utopia, dentre as definições no Dicionário Online de Português⁷², as que seguem se referem ao senso comum: “O que está no âmbito do irrealizável; que tende a não se realizar; quimera, sonho; fantasia”. Não condizem com o pensamento do educador Paulo Freire, que entende a necessidade ontológica de se elaborar projetos inspirados na construção do inédito-viável na esperança ativa de a capacidade do gênio criativo torná-lo real. Daí surgiram, surgem e surgirão grandes invenções e revolucionárias descobertas, com potencial para transformar o mundo, em melhores condições para se viver. O mesmo dicionário apresenta o seguinte verbete: “Qualquer situação imaginativa que, remetendo ao que é ideal e priorizando a qualidade de vida, garante uma sociedade mais justa e com políticas públicas igualitárias”. Para Freire (1979, p. 27), “[...] o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante”.

Vem do processo educativo dialógico fraterno, amoroso, a imperativa vocação ontológica, que deveria ser ouvida e seguida, por conduzir os indivíduos aos seus particulares

⁷² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/utopia/>. Acesso em: 7 jan. 2021.

horizontes infindos, como protagonistas de suas próprias histórias, na perene construção de si mesmos, de irem muito além do caminho trilhado, de um mundo que gira numa dinâmica em que surgem constantes desafios, que os convocam para conquistas, progressos e emancipações pessoais. A plena oportunidade e possibilidade de cada pessoa se tornar mais e mais humana e, assim, construir uma sociedade, cujo legado cultural represente um verdadeiro bem-vindo às futuras gerações, acolhidas por um legado prático destas e tantas outras virtudes biofílicas: afetividade positiva, alegria, alteridade, amorosidade, autenticidade, autonomia, bom senso, bondade, cidadania, confiança, conscientização, decência, democracia, diferença, dignidade, direitos humanos, emancipação, esperança, ética, felicidade, humanização, humildade, justiça, liberdade, paciência, poesia, respeito, ser mais, solidariedade, tolerância, unidade na diversidade. “[...] paz na terra, boa vontade para com os homens” (Lucas 2:14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, convém informar que o termo democracia, muito contextualizado no teor desta tese, foi empregado com o intuito de significar a possibilidade de se realizar mediante o princípio da prática das virtudes biofílicas mencionadas, com especificidade, no Capítulo III. Daí, então, o conceito e o exercício do poder democrático correspondem a objetivos concretos, fraternos, freirianos, em amplo respeito e amor à existência dos semelhantes e não ao sentido abstrato, idealista, romântico ou mesmo ingênuo, em relação ao sistema dominante e hegemônico.

De antemão, foi considerado conveniente a explicitação do seguinte: os parágrafos, que constituem todo o conteúdo desta parte final, estão baseados no esboço dos principais assuntos do contexto geral deste trabalho acadêmico, que abrange o propósito da elaboração da tese; pensamentos de outros autores, convergentes às temáticas abordadas; ampliação do conhecimento; busca de saberes; conscientização; o bem comum do ser humano; o que é útil ao interesse social; democracia plena; solidariedade; construção de um mundo melhor; fim do despotismo da classe socialmente favorecida; contestação aos abusos de autoridade; posições ideológicas oponentes entre si; resistência a educações espúrias; a ignorância desumanizante; o ser humano não deve ser coisificado; o despertar da inércia intelectual do povo; reações contra as injustiças; o cerceamento da liberdade; a realidade questionada e sociedade sob controles ideológicos.

No desenvolvimento desta produção textual, em algumas partes, o leitor perceberá repetições de palavras e de ideias, isto porque, na linha de raciocínio, foi imprescindível, devido à precisão de acrescentar informações. Outras vezes, foi mesmo intencional a redundância, pois o autor achou por bem enfatizar alguns conceitos considerados muito pertinentes e relevantes, fazendo-se necessário o emprego, inclusive, do recurso denominado paralelismo, isto é, com outras palavras transmitir a mesma mensagem.

A presente tese teve como objeto de estudo significações de dois termos, respectivamente, conotativo e denotativo, antagônicos entre si. São eles: *necrofilia* e *biofilia*, que constituem a base dialética do conteúdo do livro *Pedagogia do oprimido*. Paulo Freire os empregou por influência de suas muitas leituras realizadas sobre as obras do psicólogo Erich Fromm, que, também, tinha formação em Psicanálise freudiana. Por conseguinte, afirma-se que, baseado em tais palavras, tanto em sentido figurado como literal, tornou-se possível a formação de interpretações diversas respeitantes ao pensamento freiriano à luz de fundamentos da

Psicologia e da Psicanálise. Nesse princípio, desenvolveu-se a elaboração desta tese. Conforme essa mesma linha de raciocínio, é oportuno atentar que há vários outros assuntos disponíveis a serem tratados pela viabilidade de conceitos de disciplinas empenhadas em compreender o funcionamento da mente humana. Isto é, fica a sugestão, aos supostos interessados em produzir trabalhos acadêmicos com teores psíquicos similares ao que foi desenvolvido aqui, tendo em vista muitas temáticas ainda pouco exploradas, para ser mais exato, praticamente inéditas, que fazem parte da constituição da teoria pedagógica do patrono da educação brasileira.

Ressalta-se, no conteúdo desta tese, o evidente e incontestado fato de que, entre a sociedade e o indivíduo, há contraposições discrepantes. Para entendimentos mais amplos e profundos sobre essa situação e elaboração dos discursos, o autor deste trabalho, direta ou indiretamente, recorreu a alguns fundamentos dos seguintes ramos do conhecimento: a) Psicanálise, que procura compreender, de modo mais específico, o funcionamento da mente do ser humano, em sua singularidade, embora não isenta de influências do meio ambiente em que cada qual vive; b) Psicologia Social Psicológica, que tem o “olhar” focado nas ações das pessoas concernentes aos estímulos externos influenciadores de seus pensamentos, sentimentos e comportamentos; c) Psicologia Social Sociológica, empenhada em estudar fenômenos que se manifestam em grupos, mediante relacionamentos interpessoais, isto é, a partir das interações das pessoas em comunidades. Essas linhas ideológicas são convergentes às teorias pedagógicas freirianas, cujos métodos educacionais são voltados, indiscriminadamente, à qualidade de vida de todos os sujeitos, considerando que todos são dignos de respeito e valorização. A existência, de qualquer indivíduo, deve ser administrada pelo próprio livre-arbítrio no contínuo desenvolvimento de sua humanização, inacabada e incompleta. Esse princípio se opõe à absurda realidade de dominação, muito bem ilustrada como um rebanho de ovelhas (o povo) pastoreado por lobos (os governantes).

Diante do poder que institui o governo, o povo costuma se comportar como ovelhas de rebanho, principalmente se fragilizado pela falta de conhecimento. Passivamente, submete-se às determinações das autoridades. Estas, se não atuam sob a bandeira do altruísmo, em condições adversas, a população tende a favorecer os intentos dos maus governadores, que, prevalentemente, atuam em causas próprias. Surge, daí, entre classes superiores e inferiores, o velho, conhecido e grave problema social baseado no egoísmo e ilustrado pela indecorosa e infame relação sexual de uma pessoa viva com uma morta. O malefício consiste na política mesquinha, centrada na soberania de si mesma, que não respeita as necessidades, os interesses dos outros e tolhe manifestações de livre-arbítrio de seus súditos.

Por um lado, a casta egoísta, materialista, capitalista, que faz questão de ostentar a proeminência da distinção, goza da esnobe vaidade de pertencer ao clã aristocrático, que só pode ser classificado como tal porque há outras camadas sociais comparadas como inferiores e é destas desfavorecidas que essa elite tira muitos proveitos, benefícios, aumenta suas riquezas, é servida, sente-se bem-sucedida e permanece soberana. Por este prisma, é muito óbvio que motivos não lhe faltam para mantê-las sempre cativas, sob seu domínio. Por outro lado, existe a categoria idealista, humanista, fraterna, solidária, que se indigna com a imposição perversa da desigualdade; aspira pela constituição de uma sociedade em que a justiça e a democracia imperem; tem por ideal um mundo mais solidário e pacífico, onde todos os indivíduos possam ter a oportunidade de uma educação de qualidade, que lhes permita uma vida de plena emancipação e desenvolvimento.

Erich Fromm usou o termo *necrofilia* no sentido figurado, para, então, desenvolver suas análises, à luz de teorias empenhadas em entender o funcionamento da mente, no intento de compreender o que move os seres humanos a estabelecer, entre seus semelhantes, relações insensatas e violentas de desigualdade, tanto pelo prisma material quanto psicológico. Essa é uma das palavras “grávidas de mundo”, que contribuem para o pronunciamento de realidades que afetam, profundamente, a vida humana. Paulo Freire, prenhe de pensamentos influenciados por esse tema, concebeu muitos discursos a respeito do mesmo. O seu livro mais lido no mundo inteiro – *Pedagogia do oprimido* –, por exemplo, é, praticamente, todo referenciado por essa metáfora relacionada ao sadismo, masoquismo, sadomasoquismo e a colonização da mente, que é uma estratégia muito eficaz aos propósitos da hegemonia no contexto da cultura *necrófila* e desumanizadora, de dominação. Para ampliar esse poder, seus agentes se apropriam de todos os recursos possíveis, abrangendo a ciência e a tecnologia, que muito se desenvolveram.

Necrofilia e *biofilia* concernem ao modo individual de alguém existir e a sua convivência em meio social. Essas condições permitiram a pesquisa deste trabalho, centralizada na busca de entendimento das duas acepções, oponentes uma à outra, relativas a fenômenos de ordem psíquica. A que exerce efeitos negativos versus a de funções positivas, verdadeiramente, em disputa na vida dos seres humanos. Mediante sistemas educacionais espúrios ou de excelentes qualidades, ambas são capazes de, mediante ensinamentos, condicionar comportamentos de um grande número de sujeitos.

Conforme parágrafo anterior e posterior, importa enfatizar e aprofundar, um pouco mais, informações a respeito dos distintos efeitos, causados pelos processos educativos, na natureza anímica do ser humano. Um é denominado, por Paulo Freire, de “bancário”, cujo propósito consiste num sistema de condicionamento alienante. Historicamente, esse padrão é

mantido porque proporciona egoístas superioridades à tradicional, oligárquica e *necrófila* classe socialmente favorecida, acostumada a tratar como “coisas” seus subordinados, que vivem em desfavoráveis situações sociais. Nessa conjuntura, falsas palavras são eficazes instrumentos no exercício da sutil cultura da opressão. A outra é engajada pelas conscientizações libertárias, que representam ideais de todos aqueles que amam a vida em plenitude e aspiram por uma sociedade transformada pela justiça, pela fraternidade, pela solidariedade. Enfim, pela prática de todos os princípios humanitários conduzidos pelo conhecimento, análogo à luz que dissipa as trevas da ignorância.

A realidade relativa à *necrofilia* consiste numa organização desumana, que afeta a mente e a vida de milhões de pessoas e está relacionada às injustiças e a históricos problemas sociais, ainda mantidos nos dias atuais. Quanto à biofilia, engaja-se na urgente revolução cultural libertadora do domínio, da opressão. Essas situações, no conteúdo de toda esta produção textual, são referenciadas por pensamentos extraídos das obras desses três grandes escritores: Paulo Freire, Erich Fromm e Sigmund Freud. Concatenar várias ideias deles, somadas a citações de outros autores, consistiu na pretensão de estabelecer um “diálogo” convergente, exatamente, para ampliar, aprofundar, elucidar, enriquecer e fundamentar a exposição delatora a respeito da perversa condição social, há tempos estruturada em raízes profundas. A imposição bestial e atroz dessa realidade precisa, deve e pode ser destituída a partir da conscientização respeitante ao funcionamento desse desalmado sistema, que conspira contra a natural aspiração humana de, harmoniosamente, viver e se desenvolver em um mundo imperado pelo senso de justiça, que contribui com o estado de felicidade de todos os indivíduos, indiscriminadamente.

Em razão de serem encontrados, no contexto geral dos discursos freirianos, muitos termos que, também, fazem parte das categorias específicas de pesquisas psicológicas e psicanalíticas, é imensa a demanda desse filão. Logo, justifica-se que a elaboração desta tese foi modestamente desenvolvida. As investigações e análises foram permitidas conforme limites impostos pelas possibilidades. Contudo, deve-se considerar que, em muitos aspectos, o proposto foi alcançado ampliando compreensões dos problemas, assim como as condições de resolvê-los, apesar de nenhum assunto se esgotar no conteúdo de qualquer trabalho semelhante a este. Conclui-se que, verdadeiramente, a expansão de saberes avança em vasto horizonte, numa clara demonstração de que é infundável.

Identificados os problemas, estabeleceu-se a metodologia fundamentada em paradigmas epistemológicos, qualitativos, cuja função consiste em sustentar não só as ideias que foram defendidas assim como a justificação deste trabalho acadêmico. O procedimento partiu em uma cuidadosa coleta de dados, que permitiu a produção de um roteiro favorável ao melhor modo

de tecer uma malha teórica de pensamentos lógicos concernentes a duas realidades. Uma delas, a prevalecente, por longas datas, afeta, negativamente, populações inteiras. Trata-se de questões de natureza tanto individual quanto social, comprovadamente perversas, de raiz profunda e ainda não solucionada. Esse sistema se fundamenta em culturas, que, historicamente, promovem a injustiça pelo fato de atuar como determinantes de papéis, situações e condições de vida das pessoas. Essa conjuntura, alicerçada, principalmente, no poder e economia, vem beneficiando a minoria abastada, que governa e oprime a maioria desprovida de recursos que pudessem lhe garantir autonomia. Paulo Freire defende a ideia de que a educação libertadora é o instrumento mais eficaz para desafiar essa trama de domínio.

Dois princípios educacionais se polarizam entre si: um para o bem e outro para o mal. Há o representado pela epistemologia freiriana: adequado, ideal, propício e correto, que segue a metodologia de aperfeiçoar, continuamente, as capacidades intelectuais, o desenvolvimento moral do ser humano, partindo da cultura, que contribui com a prática de bons hábitos sociais e formação de civilidade. O outro é indevido, impróprio, descabido, inconveniente e incorreto, contrário aos princípios do anterior, pois se baseia em propagação de subculturas alienantes, cujo intento é adestrar seres humanos, como animais domésticos, para o exercício de tarefas servis, que beneficiem e agradem seus donos, pois se preocupam em influenciar e doutrinar mentes com ideologias promotoras de dóceis aceitações de subalternidades proletárias para, assim, permanecerem senhores da dominação e do poder. Essa condição de desumanização é hedionda, criminosa. Qualquer atitude que oprime e deprecie o semelhante é merecedora de firmes oposições. Jamais deveria ser permitida e muito menos admitida.

Quanto ao entendimento dos aspectos *necrófilos* e *biofílicos*, mencionados em parágrafos anteriores, a visão holística da Psicologia e da Psicanálise apresenta importante contribuição, pois se fundamenta em produções de conceitos relativos à compreensão da alma envolvida em múltiplas interações. Partem do seguinte: dentre todos os animais gregários, os seres humanos pertencem à espécie que tem uma característica muito peculiar, especial, que deve ser exercida, continuamente, pelo fato deles serem capazes de desenvolver elevadíssimo grau de inteligência. Apesar de frágil constituição física, realizam grandes proezas, descobrimentos e invenções em prol da própria existência. Parece não ter limites o gênio criativo e laborioso dessas criaturas. Engendram culturas classificadas em três grandes e distintas instâncias. A primeira consiste em suprir necessidades básicas de sobrevivência. Para isso, adequam-se ao meio ambiente, que é, também, adaptado por eles. Produzem enorme quantidade de bens materiais, dentre os quais, habitação, alimentos, roupas, grande diversidade de utensílios para as mais variadas utilizações etc. A segunda procede em devida convivência

com seus semelhantes, instituindo sistemas associativos, em que normas de conduta, regras de coexistência, princípios morais e éticos contemplem direitos, deveres e proteção, igualmente, a todos, sem qualquer discriminação. A terceira, finalmente, para atender aspirações idealistas, abre espaços para um complexo conjunto de representações simbólicas de profusa abrangência: tipos de linguagem verbal e não verbal, arte, filosofia, ciência e muito mais. A possibilidade de tudo isso se deve ao privilegiado cérebro, que memoriza muitíssimas informações provindas do mundo externo, percebidas pelos sentidos naturais: visão, audição, olfato, paladar e tato. Daí são formados processos que estimulam a função do raciocínio lógico e a obtenção de sapiência para a solução de problemas que costumam surgir. Acontece, porém, que toda essa prerrogativa, no percurso do tempo, não foi respeitada entre os próprios semelhantes. As consequências são diversas complicações e adversidades sociais, pois os que se tornaram mais aptos tendem a dominar os “inferiores”. A história comprova essa lamentável realidade.

A humanidade é complexa, razão de vicejarem muitos ramos das ciências persistentes na tentativa de entendê-la, cada vez mais, com profundidade. Porém, a extensão deste universo vem esgotando todas as investigações, pesquisas, análises, averiguações, elucidativas. Uma fonte inesgotável de questionamentos e incessantes buscas de respostas.

Conforme a linha de raciocínio do parágrafo anterior, estudiosos dos escritos de Paulo Freire são cientes de que em suas tintas há sincrética harmonia ideológica de autores de variados ramos do conhecimento. O proeminente teor do pensamento freiriano muito deve à prática do preceito de agregar, concatenar, convergir diversas correntes de saberes. O mestre sintonizava e regia seus discursos com conceitos de diferentes vertentes teóricas. Em seus livros, empregou palavras, que não se limitam ao solo exclusivo de suas autênticas ideias e linguagem, mas há ecos de outras vozes, constituindo, dessa maneira, falas interativas, “diálogos”, que contribuem com a ampliação, o aprofundamento e sedimentação de epistemologias refletidas em seus enunciados, cujos contextos, como já foi mencionado, contêm diversas categorias específicas da ciência comprometida em pesquisar o funcionamento da mente, cujo propósito é obter descobertas elucidadoras de realidades psíquicas do ser humano. Por esse prisma, a pedagogia freiriana, também, pode ser interpretada, pois representa um campo fértil, ainda muito pouco explorado pelas averiguações acadêmicas.

A justificativa está no propósito de que foram produzidas informações esclarecedoras concernentes à temática, que constitui o contexto da imposição de um grave condicionamento existencial: o impedimento de populações inteiras exercerem a vocação ontológica de serem mais e mais humanas. Por ser de perversa e alienante ordem cultural e demandar urgente solução, esse problema, procedente de interesses e tramas de classes políticas e econômicas,

configura indevidas realidades sociais, que afetam a mente e a vida de milhões de indivíduos. Lógico que interpretações centradas em fundamentos psicológicos e psicanalíticos muito contribuem não só com conscientizações bem mais convictas, como também servir de denúncias concernentes a esse tipo de barbárie, que precisa logo ser erradicado, pois seu prolongamento é fator de infortúnios.

Verdadeiramente, é criminoso o sistema que se estrutura para manter na ignorância a espécie com tendências naturais para se civilizar, continuamente. É condenável qualquer processo que impeça à humanização dos indivíduos para, assim, submetê-los à “canga”, tornando-lhes a sobrevivência difícil, trabalhosa, muito sofrida; tolhendo-lhes as possibilidades das realizações pessoais. É necessário dar um basta, de uma vez por todas, a essa histórica espécie hedionda de violação aos sagrados direitos do ser humano; extinguir esse delito inescrupuloso, oriundo do poder político e econômico. É bárbara, sórdida e repulsiva qualquer iniciativa empenhada apenas em tirar vantagens às custas de esforços alheios. Esse desígnio estimulado pelo egoísmo, desconsidera princípios éticos e morais. Estes, por sua vez, devem ser defendidos devido a seus ideais humanistas em promover deveres e direitos de cidadania favoráveis à boa convivência social de todos, sem qualquer tipo de discriminação. Nessa investida, evidentemente, processos educacionais, com finalidades de ensinar práticas de bons costumes e modos de proceder fraternos, muito contribuem.

Os discursos se baseiam em duas realidades bifurcadas. Um polo estabelecido no bem e o outro no mal, cada qual disputando o seu espaço. Há o representado pela epistemologia freiriana: adequado, ideal, propício e correto, que segue a metodologia de aperfeiçoar, de modo contínuo, as capacidades intelectuais, o desenvolvimento moral do ser humano, partindo da cultura, que contribui com a prática de bons hábitos sociais e formação de civilidade. Porém, existe, também, o indevido, impróprio, descabido, inconveniente e incorreto, baseado numa malha teórica de pensamentos lógicos de subculturas alienantes, tal qual adestramento de animais domésticos para o exercício de tarefas servis, que beneficiem e agradem a minoria que se acha dona do mundo, cujo intento contínuo é encarcerar mentes com ideologias promotoras de dóceis aceitações de subalternidades proletárias para que, assim, os senhores da dominação permaneçam no poder. Essa condição, no mínimo, é extremamente injusta. Qualquer coisa que oprime e deprecie o semelhante é merecedora de firmes oposições. Jamais deveria ser permitida e muito menos admitida.

Há um recurso de enorme eficácia em prol de um mundo melhor, convincente, persuasivo, estruturado em inteligentes esclarecimentos, que denunciam sociedades injustas, promotoras de realidades desumanizantes. Essa faculdade, com capacidade de destituir

governos *necrófilos*, denomina-se conscientização: temática, que, devido à enorme importância, ocupou relevantes espaços no conteúdo deste trabalho, considerando que os interesses objetivos, exteriores, de todas as pessoas, não são desvinculados de suas motivações subjetivas. Daí, então, no momento em que, cada qual delas, descobre as possibilidades de ser senhora da própria vida, protagonizar sua particular história, conduzir-se ao destino que lhe convém, obtendo, assim, a conquista de uma existência valorizada pela sagrada liberdade de exercer, com toda dignidade, o livre arbítrio, não tolhido, prejudicado por quem quer que seja, automaticamente, manifesta-se a aspiração revolucionária de construir um mundo ético e moralmente bem melhor, pelo fato de ser imperado pelas virtudes biofílicas, que promovem o bem comum do ser humano em relação a si mesmo e a seus semelhantes, conforme listadas no Capítulo III, centrado em qualidades, que contribuem com o desenvolvimento da humanização.

Outra temática de relevância é a humanização, que vai se adquirindo mediante processos educacionais; principia no dom de inteligência do ser humano, que o capacita a desenvolver raciocínios a respeito do que é favorável não somente a sua própria existência, mas, também, ao mundo em que se encontra integrado. A prática de conhecimentos obtidos nesses propósitos é o meio mais eficiente de impedir que a classe dominante, *necrófila*, permaneça prejudicando a vida de populações inteiras, ensurdecendo a vocação ontológica de milhões de indivíduos, para, assim, ter mais condições de subjugar-los, aliená-los e explorá-los. Essa realidade é bem explicitada e criticada no conteúdo do livro *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire. Os senhores do poder, no pedestal de sua opulência, amam a servidão de seus súditos, vítimas da ignorância, da falta de saberes. Parafraseando um pensamento marxista, de cunho materialista, o ter é a motivação maior dessa estirpe, mantida/assegurada pela oligarquia manipuladora, acostumada a esquematizar, fundamentar, organizar, estruturar, padronizar e administrar o mundo social, conforme seu bel-prazer. Esse histórico esquema de injustiça ainda permanece atuante e é preciso que seja, radicalmente, inibido. A educação conscientizadora, nesse aspecto, muito pode contribuir.

A vocação, para ser muito mais além do que já é, é um dos traços constitutivos da natureza humana, que visa à prevalência de seu bem comum em convívio social com seus semelhantes. O inacabamento gera sonhos e viabiliza a possibilidade de realizações do que antes eram aspirações de autênticas utopias, que há em sua essência a dinâmica de um futuro melhor. Isso alimenta a esperança e o desafio de se construir sociedades com menos complicações e que colabore para o respeito incondicional de seus cidadãos e seus bem-estares, pois, certamente, é um dos maiores anseios e predisposições da humanidade. Deve-se valorizar dedicações e empenhos em prol dessa causa, pelo fato de serem opostos a quaisquer objeções

que minguem o potencial de transcendência dos indivíduos, que muito depende de um real compromisso ético-político e democrático. O ideal dessa concepção de vida é parte estruturante da obra de Paulo Freire e assunto relevante no conteúdo deste trabalho.

A teoria educacional direcionada à consciência crítica, contra a dominação-domesticada, visa a promover a emancipação social, sobre a qual se fundamenta a liberdade, que permite às pessoas, cuja soma das individualidades resulta em pluralidade, serem ativas em ofícios de suas escolhas, efetivas em seus ideais, criadoras de sua própria história. Enfim, em busca de seus interesses e realizações pessoais, em real práxis transformadora de si mesmas. Essas práticas constituem o engajamento coletivo para a construção de uma sociedade apropriada pela essência da humanização. Logo, estabelecida pela integração de novas estruturas. Das utopias autênticas, essa nova ordem representa a maior conquista do ser humano. Um legado favorável a futuras gerações. Essa pode ser considerada a mais profunda aspiração do educador, escritor e filósofo Paulo Freire, defensor da plena democracia.

A democracia não somente rima com autonomia, mas há uma inerência na essência dessas palavras. O significado de uma é complementar ao da outra. O teor de ambos abrange sensibilidade ética, consideração e respeito ao ser humano. Capacidades autônomas de pensar, decidir, deliberar, de fazer opções, de tomar atitudes e de, principalmente, dialogar com seus iguais e diferentes, são, certamente, comprometidas e engajadas a princípios democráticos, onde a honesta, decente, intelectual, consciência de mundo, incondicional a todos os indivíduos, encontra espaço e transita, livremente, em percursos contínuos, infintos de aperfeiçoamentos e transformações sociais.

A ação humanista-libertadora tem raízes na política democrática, que aceita e acolhe diferenças, diversidades, intersubjetividades, alteridades, diálogos interacionistas, afetividades, de natureza positiva, principalmente. Na vida, são, extremamente, naturais as atuações desses agentes dinâmicos, criadores de culturas várias, ainda mais diante de oportunidades igualitárias, que, somadas ao imperativo ético, nutrem a essência da autonomia somente bem desenvolvida e exercida no pleno direito e na total dignidade de usufruir livres experiências, conforme prerrogativas conferidas a todos os cidadãos.

Assim como há a reprodução da cultura *necrófila* de dominação e opressão, mediante um processo “educacional” planejado e espúrio, a pedagogia libertadora freiriana propõe, de modo exato, o contrário a esse sistema perverso. Paulo Freire visava, o que ainda é utopia autêntica, ao desafio da construção de um mundo melhor, mais humano, afetado pelos ensinamentos e estímulos às práticas de virtudes biofílicas, pelas integrações solidárias entre todas as pessoas em suas incondicionais autonomias, numa dinâmica de relações dialógicas, de conscientizações,

de respeitos mútuos. Enfim, de amor à vida. Nesse contexto de boniteza existencial, a esperança atuante é fundamental. Se o mal é imponente, conhecido, sofrido e torna o viver difícil para a maioria das pessoas, o bem não é uma quimera romântica; tem, também, o seu espaço, que deve ser exercitado em prol de uma sociedade em que vigore a boniteza da humanização em um mundo igualitário.

Evidente que não é impossível arquitetar um mundo em que se vive com mais justiça, com mais liberdade, com mais beleza. Porém, semelhante ao que disse Charles Chaplin, em seu *Último discurso*, infelizmente os seres humanos têm a tendência de se extraviar do caminho, que os torna mais felizes. A existência de todos pode ser bem melhor mediante colaborações recíprocas, biofílicas, que não permitem a cultura *necrófila*, de imposição e prevalectimento de lógicas excludentes da vida em sociedade, repressivas, desumanizadoras, de motivações impróprias.

No mundo, há inúmeras linguagens, que devem ser ignoradas: as que causam alienação. Há outras tantas de libertação, de humanização, intersubjetivas, que precisam ser dialogadas, ensinadas e não somente aprendidas, como, também, expressadas no modo de viver dos indivíduos, cuja natureza, em razão da vocação ontológica, é ser cada vez mais e mais gente, liberta das cadeias da determinação imposta pela cultura opressora produzida e reproduzida em várias dimensões políticas, econômicas, educacionais etc., que há tempos vêm controlando a existência de populações inteiras.

Este trabalho se coaduna com os propósitos freirianos de que seja extinto o despotismo da classe socialmente favorecida. Várias razões estão apresentadas no Capítulo II, sob discursos referenciados em fundamentos da Psicologia e da Psicanálise, que conferem interpretações singulares, principalmente sobre o que, até então, já foi estudado a respeito do pensamento pedagógico de Paulo Freire. Essa contribuição acadêmica não representa o fechamento do assunto, mas, sim, o contrário, a abertura, a sugestão de que outras averiguações, de similar circunstância, sejam realizadas, pois é uma área muito fértil para esse tipo de pesquisa.

A importância em dar visibilidade aos abusos de autoridade consiste em acentuar o poder de contestação e despertar os que se encontram acomodados, condicionados, acostumados em viver situações impróprias. A conscientização sobre o que não é correto favorece muitos que, antes, nem mesmo percebiam que internalizavam, como naturais, culturas de um sistema que os domina e lhes rouba a subjetividade, neutralizando a capacidade de produzirem pensamentos críticos, questionamentos, contestações, resistências, em benefícios às mudanças não só de si mesmos como da sociedade em que convivem.

A posição ideológica oponente à abusiva centra-se na importância da obtenção e prática das virtudes, conforme assuntos que constituem o Capítulo III, pois são reais e devem ser estimuladas pelo recurso e pela predominância da influência civilizadora de uma educação ética, de qualidade, cujo sistema é, fundamentalmente, engajado na formação democrática, cidadã e humanista. Assim sendo, o resultado é sempre positivo pelo fato de enaltecem o bom caráter, sem o qual a edificante convivência social se torna inviável, impossível, e, por isso, todos são, em sua existência, de um modo ou de outro, prejudicados. Nem mesmo a classe socialmente beneficiada é isenta.

É bem possível a implantação de um sistema educacional de qualidade em substituição à espúria, “bancária”, domesticadora e mantenedora da ordem opressora, que deve sofrer resistência, oposição. Esta, porém e infelizmente, há tempos, vem prevalecendo em muitas sociedades, por exemplo, a da nacionalidade do educador pernambucano. Aquela, comprometida com a humanização, tem muito a contribuir para a emancipação de populações oprimidas. Tal tipo de educação representa uma das temáticas mais fecundas do livro *Pedagogia do oprimido*, que ao mesmo tempo alimenta a esperança da construção de um mundo permeado de afetividades positivas. Logo, digno de se viver muito bem, onde o processo comunitário é de solidariedade, de integração baseada no respeito ao ser humano, fraterna, que favorece o seu desenvolvimento contínuo.

Sobre a ignorância desumanizante, pode-se fazer várias comparações. Uma espécie de doença oriunda de vírus infecciosos da alienação, sanável pelas informações elucidativas, conscientizadoras. Um tipo de treva dissipável pela luz do conhecimento, pela iluminação dos saberes, semelhante às grades de um cárcere, cuja chave libertadora é a educação ética, de qualidade, que causa reflexões sobre duas distintas realidades, antagônicas entre si, provocando e conduzindo ações comprometidas com a que apresenta opções humanistas, que rompam com a que se estruturou na face enferma, obscura e enclausurada da existência.

No estabelecimento da divisão social, o ser humano não deve ser coisificado, fragmentado pelo processo “educativo”, espúrio, que a classe dominante, capitalista, vem protagonizando, em seu propósito de controlar tudo e todos, não permitindo que sujeitos, pertencentes à dita classe desfavorecida, sejam agentes de suas próprias ações, atores de suas próprias histórias. A elite, *necrófila* e sádica, mecaniza-os, robotiza-os, torna-os estáticos, rouba-lhes as opções de vida, frustra-lhes as inclinações naturais de serem cada vez mais o que são. Essa lógica desumanizadora, que reduz indivíduos na condição de objeto, contraria o que Erich Fromm, seguido de Paulo Freire, denominaram de biofilia.

O despertar da inércia intelectual do povo representa o grande propósito, o enorme e revolucionário desafio dos verdadeiros educadores, que almejam, profundamente, implementar nova consciência, novos saberes alicerçados em pensamentos, com decência ético-política, mediante diálogos abertos, horizontais, problematizadores, intersubjetivos, que ampliam informações e conhecimentos. Se convincentes, desencadeiam mobilizações capazes de efetivar necessárias mudanças sociais. Essa maneira de engajamento intelectual, quando muito bem articulada, pode intervir em importantes decisões no mundo; alterar, inclusive e radicalmente, sistemas governamentais. Tudo isso com objetivos de atender exigências existenciais, no intento de boas causas. Essa foi a esperança e a grande aspiração do humanista educador Paulo Freire, baseadas na luta de relações interpessoais em busca de superar, de modo gradativo, a intransitividade e ocupar espaço para percepções transitivas, no intuito de se obter respostas e soluções às questões do ser humano e da sociedade, que só é saudável sob a égide da solidariedade e da justiça.

Reações contra as injustiças são muito justificáveis e naturais no espírito humano. Não é exagero afirmar que uma sociedade estruturalmente injusta, antiética, de opressor e oprimido, padece da espécie de enfermidade psíquica, que pode ser denominada de desumanização por impedir que se realize a vocação ontológica de cada indivíduo, que, intrinsecamente, anseia a plenitude existencial e não a adaptação ao modelo de sociedade dominadora, autoritária, em um sistema sórdido, que cerceia a sua liberdade.

O cerceamento, tolhimento da liberdade democrática encarcera o direito de autonomia alheia, porque o opressor se hospeda na consciência de quem é por ele dominado, diminuído, subtraído em seu inacabamento. Essa inconclusão do ser humano, inerente à prerrogativa de ser livre, motiva-o em seu constante vir a ser, processo que, por toda a sua existência, é estendido. Logo, essa tipologia, pode-se dizer, de *necrofilia*, que expressa impulso para a morte e sadismo, em elevado grau, deve, sim, ser considerada como um crime hediondo praticado contra as virtudes, contra a biofilia, contra o amor à vida. Essa realidade pautou o conteúdo deste trabalho acadêmico.

A realidade a ser questionada é a que vem, por tanto tempo, prevalecendo em várias partes do mundo e é, facilmente, identificada por diversas características negativas tanto em relação aos indivíduos, principalmente os pertencentes à classe desfavorecida, quanto à sociedade. Pois não corresponde ao ideal humanista; implanta culturas de alienação e opressão; instituída pelo egoísmo, desconhece, desrespeita valores, que delineiam os direitos inalienáveis da população, mantida nas amarras de uma visão ingênua, exatamente, para não perceberem e reagirem às injustiças em que se encontra condicionada, subjugada, tendo a impressão de que

o estado de sua existência corresponde à normalidade, sem, talvez, nem mesmo desconfiar de que está submetida a controles sociais ideológicos.

A sociedade, sob controles ideológicos que exercem, por sua vez, domínios psicológicos, encontra-se submetida a imposições de culturas, valores, códigos, conhecimentos alienantes, que acentuam a ignorância da população subtraída de seus direitos, subjugada à servidão, sem perceber que está sendo manipulada e subalterna pelos interesses de poderes hegemônicos, que aprenderam e se especializaram em colonizar mentes incautas. Deduz-se que, segundo seus intentos, quanto mais inferiorizadas quase ao nível do cérebro de um animal irracional, melhor. A educação, moldada pela ideologia do amor à vida, biofílica, focada em discursos críticos, conscientizadora, é um instrumento eficaz contra o fatalismo da dominação opressora incentivadora de adaptações e silêncios relacionados à realidade injusta que instituíram.

As relações entre o indivíduo e a sociedade são de enorme complexidade. Olhares vários e interpretações inúmeras à luz da Psicologia, da Psicanálise, da Educação e de muitas outras áreas, principalmente comprometidas com o conhecimento humano, produziram, produzem e permanecerão a produzir obras e mais obras, por serem assuntos de inesgotáveis discursos. Cada autor formula seus conceitos dentro dos parâmetros que mais os influenciaram, conforme suas especializações.

Para a conclusão dessas considerações finais, por conveniência, foram selecionadas três citações – respectivamente, de Erich Fromm, Sigmund Freud e Paulo Freire –, todas pertinentes às temáticas mais relevantes no conteúdo desta tese: o ser humano e sua integração ao meio em que vive.

Fromm ressalta que o indivíduo já nasce num ambiente sistematizado, estruturado em culturas, que, paulatinamente, afetam o cerne de sua vida, humanizando-o e influenciando-o, continuamente, conforme padrões sociais, hábitos e costumes, que lhe são impostos com naturalidade. Adaptações automáticas das condições de sua época vão formando o seu caráter. Contudo, a conjuntura da sociedade nunca é estática, permanente, mas, sim, o tempo todo, vulnerável a mudanças simples ou radicais, pelas ações, principalmente, de agentes pensantes e engajados na defesa de seus ideais.

Quando o homem nasce, o cenário está montado para ele. Ele tem de comer e de beber, e portanto tem de trabalhar – e isso significa que tem de trabalhar nas condições particulares e segundo as formas que lhe são impostas pela espécie de sociedade em que nasceu. Ambos os fatores – sua necessidade de viver e o sistema social – em princípio não podem ser modificados por ele como indivíduo, e são os fatores que determinam o desenvolvimento dos outros traços que revelam maior plasticidade. Assim, o estilo de vida, tal como é demarcado para o indivíduo pela peculiaridade de

um sistema econômico, torna-se o fator primordial na determinação de toda a estrutura de seu caráter, porquanto a necessidade imperiosa de conservação individual força-o a aceitar as condições em que tem de viver. Isto não quer dizer que não possa tentar, junto com outros, efetuar certas mudanças econômicas e políticas; porém, basicamente, sua personalidade é moldada pelo estilo de vida particular, o qual já defrontou quando criança no seio da família, que representa todos os aspectos típicos de uma determinada sociedade ou classe. (FROMM, 1986, p. 24-25).

Freud entende que, entre o indivíduo e a sociedade, há estreita conexão psíquica. O ser humano, por motivos de tantas necessidades pessoais de várias ordens, sofre tensões no meio social em que vive. Ao mesmo tempo em que, de uma parte do mundo real externo, pode-se extrair muitas satisfações, além de lhe garantir a sobrevivência, outra parte da realidade lhe frustra, porém, impulsos afetivos dos mais elevados aos mais vis, não lhe permitindo realizações de intensos desejos. O curso da história, segundo o fundador da psicanálise, é permeado por diversos métodos próprios para tolher, cercear, minguar, impedir, sujeitar profundas aspirações, provocadoras, certamente, de grandes conflitos.

A psicanálise estabeleceu uma estreita conexão entre essas realizações psíquicas de indivíduos, por um lado, e de sociedades, por outro, postulando uma mesma e única fonte dinâmica para ambas. Ela parte da ideia básica de que a principal função do mecanismo mental é aliviar o indivíduo das tensões nele criadas por suas necessidades. Uma parte desta tarefa pode ser realizada extraindo-se satisfação do mundo externo e, para esse fim, é essencial possuir controle sobre o mundo real. Mas a satisfação de outra parte dessas necessidades – entre elas, certos impulsos afetivos – é regularmente frustrada pela realidade. Isto conduz a uma nova tarefa de encontrar algum outro meio de manejar os impulsos insatisfeitos. Todo o curso da história da civilização nada mais é que um relato dos diversos métodos adotados pela humanidade para “sujeitar” seus desejos insatisfeitos, que, de acordo com as condições cambiantes (modificadas, ademais, pelos progressos tecnológicos) defrontaram-se com a realidade, às vezes favoravelmente e outras com frustração. (FREUD, 1996, v. XIII, p. 187-188).

Freire, em convergência ao pensamento de Fromm, sobre a possibilidade de os indivíduos transformarem a si mesmos, a sociedade e o mundo, é a favor de que lutem pela concretização dos ideais de se libertarem de seus opressores e, assim, realizarem a vocação ontológica de serem sempre mais o que já são. Neste caso, as ideias do educador estão em conformidade com as de Freud, concernentes aos seres humanos, que tomam atitudes revolucionárias em prol do cumprimento de seus intentos, de suas vontades, principalmente, em razão de causas nobres, isto é, em defesa dos direitos humanos.

Se “uma ação livre somente o é na medida em que o homem transforma seu mundo e a si mesmo, se uma condição positiva para a liberdade é o despertar das possibilidades criadoras humanas, se a luta por uma sociedade livre não o é a menos que, através dela, seja criado um sempre maior grau de liberdade individual”, se há de reconhecer ao processo revolucionário o seu caráter eminentemente pedagógico. De uma pedagogia problematizante e não de uma “pedagogia” dos “depósitos”, “bancária”.

Por isto é que o caminho da revolução é o da abertura às massas populares, não o de fechamento a elas. (FREIRE, 1987, p. 134-135).

Como já foi mencionado, o desenvolvimento desta parte conclusiva do trabalho consistiu em produzir breves abordagens sobre os assuntos tratados com mais relevância nesta tese, conforme a sequência do roteiro de um esboço previamente produzido.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015.
- ALLPORT, G. W. **Personalidade: padrões e desenvolvimento**. 4. reimpr. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- ARDUINI, Juvenal. **Destinação antropológica**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- ARROYO, Miguel. Paulo Freire e o projeto popular para o Brasil. *In*: SOUZA, Ana Inês (org.). **Paulo Freire – vida e obra**. São Paulo: Expressão popular, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2013. (Coleção Primeiros Passos).
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. 2. reimpr. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.
- CAMPBELL, Robert J. **Dicionário de psiquiatria**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- DEMO, Pedro. Conhecimento e aprendizagem: atualidade de Paulo Freire. *In*: Carlos A. Torres (org.). **Paulo Freire e a Agenda da Educação Latino-Americana no Sec. XXI**. Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 295-322.
- FERNANDES, Ana Maria. **O singular e o coletivo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.
- _____. **Educação e atualidade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.
- _____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da esperança: um encontro com a Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- _____. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2005.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Ana Lúcia. **Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FREUD, Sigmund. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)**. Tradução de José Luiz Maurer. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I.

_____. **Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)**. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. III.

_____. **A interpretação dos sonhos (I) (1900)**. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IV.

_____. **A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos (1900-1901)**. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. V.

_____. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VI.

_____. **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII.

_____. **Os chistes e a sua relação com o inconsciente (1905)**. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VIII.

_____. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)**. Tradução de Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX.

_____. **Dois histórias clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”) (1909)**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. X.

_____. **Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1909)**. Tradução de Durval Marcondes, J. Barbosa Correia, Walderedo Ismael de Oliveira, David Mussa, Clotilde da Silva Costa, Jayme Salomão, Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XI.

_____. **Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Tradução de Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIII.

_____. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Tradução de Themira de Oliveira Brito, Paulo Henrique Britto, Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV.

_____. **Conferências introdutórias sobre psicanálise (Partes I e II) (1915-1916)**. Tradução de José Luiz Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XV.

_____. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.

FROMM, Erich. **A importância da diferença entre ter e ser**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. **Conceito marxista de homem**. 4. ed. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1967a.

_____. **El corazón del hombre, breviário**. México: Fondo de Cultura Económica, 1966.

_____. **Meu encontro com Marx e Freud**. Tradução de Waltensir Dutra. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967b.

_____. **O coração do homem: seu gênio para o bem e para o mal**. 2. ed. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1967c.

_____. **O medo à liberdade**. 14. ed. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GOLDMANN, Lucien. **Epistemologia e filosofia política**. Lisboa: Presença, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise**. Sob a direção de Daniel Lagache. Tradução de Pedro Taman. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Alfabetização: uma perspectiva humanista e progressista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 15. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

LUNDIN, Robert William. **Personalidade: uma análise do comportamento**. 2. ed. atual. e aum. Tradução de Rachel Rodrigues Kerbauy. São Paulo: EPU, 1977.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **O método V: A humanidade da humanidade**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 12. ed. Tradução de Catarina Eleodora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2007b.

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos por que a democracia precisa das humanidades**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. 3. ed. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2012.

SPITZ, René Arpad. **O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais**. 3. ed. Tradução de Erothildes Millan Barros da Rocha. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.